

Louis Neilmoris

TERAPIA ESPÍRITA



LUZ ESPÍRITA
www.luzespirita.org.br

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

TERAPIA ESPÍRITA

Louis Neilmoris

Primeira edição: 2012

Distribuição gratuita em formato digital

www.luzespirita.org.br

© 2012 – Brasil



TERAPIA ESPÍRITA

Louis Neilmoris

SUMÁRIO

PRIMEIRA PARTE

FUNDAMENTOS ESPÍRITAS — pag. 6

Quadro atual - Foco espírita - Histórico - Terapia Espírita - Terapia Continuada - Pseudoespiritismo - Ser ou não ser espírita - Ser espírita - Prática espírita - Estudar como Kardec estudou - Pesquisar como Kardec pesquisou - Conduta moral do espírita - Jesus, Cristianismo e Espiritismo - O modelo crístico - Marcha evolutiva - Progresso moral - Progresso intelectual - Mediunidade - Condicionamentos mediúnicos - Ecumenismo e sincretismo - Mediunidade espírita - Médiun espírita - Estudo e desenvolvimento da mediunidade - Institucionalização do Espiritismo - Centro espírita - Obra social - Como nasce uma casa espírita - Personalismo e oraculismo - Financiamento institucional

SEGUNDA PARTE

ATIVIDADES ESPÍRITAS— pag. 56

Ativismo individual - Integrando-se a um grupo espírita - Como fundar e organizar um centro espírita - Organização das reuniões - Reuniões administrativas - Prudência ou ousadia? - Pontualidade - Reuniões de estudos teóricos - Curso básico introdutório - Estudos aprofundados - Base filosófica - Educação mediúnica - Cursos especiais - Reuniões especiais de pesquisa - Transcomunicação Instrumental - Reuniões públicas - Seminários - Atividades diversas

TERCEIRA PARTE

ASSISTÊNCIA ESPIRITUAL— pag. 78

Terapia convencional atual - Tratamento forte - Analisando as moléstias - Origem das doenças - Equilíbrio espiritual - Crises psíquicas - Merecimento versus necessidade - Obsessão - Estado espiritual e organismo físico - Transmissão de energias - Fluido Universal e Fluido Vital - Equilíbrio mental e saúde física - Autonomia, solidariedade e resignação - Procurar o alívio e a cura - Tratamento normal e tratamentos especiais - Colapsos físicos e espirituais - O papel do socorro espiritual - Curas espirituais - Mediunidade de cura - Magnetismo (Mesmerismo) - Passe espírita - Bênçãos e corpo fechado - Efeito da fluidoterapia espírita - O papel do magnetizador/passista - Organizando o tratamento espírita - Desobsessão - Cromoterapia, Apometria e afins - Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise - Autoanálise e autocura - O poder da oração - A força da vibração musical

QUARTA PARTE

EPÍLOGO— pag. 122

PRIMEIRA PARTE

FUNDAMENTOS ESPÍRITAS

Ousamos pedir ao leitor que leia e reflita atentamente sobre este primeiro capítulo, que este autor considera ser fundamental para a apreensão do restante desta obra, sem o que, provavelmente, todo este trabalho ficaria comprometido.

Quadro atual

Raríssimas são as pessoas em real estado espiritual equilibrado, ou, pelo menos, em um estágio bem aproximado disso.

O real estado aqui descrito diz respeito à falsa impressão que uma pessoa pode ter de seu verdadeiro quadro de saúde no tocando à espiritualidade. Assim como há quem aparentemente esbanje saúde física enquanto que desenvolva nas profundezas de seu organismo uma grave moléstia, sem o saber, igualmente há almas em aparente estado de gozo e realização, conforme os padrões da Terra, ao passo que sua identidade espiritual conserva as angústias do seu atraso evolutivo. Assim sendo, vem o dia em que as moléstias — físicas e espirituais — se revelam e, muitas vezes, não simplesmente na dose de meros sintomas, mas em crises agudas.

A literatura espírita nos desenha um quadro generalizado em que Espíritos imperfeitos constantemente vampirizam e obsediam almas em razão das viciações comuns.

O agravante é a ignorância dos encarnados, desleixados ou desavisados dessas influências espirituais.

Uma das missões elementares do Espiritismo é justamente quebrar esse ciclo vicioso de cumplicidade — entre obsessores e obsediados — através da terapêutica espírita.

Foco espírita

Espiritismo é uma doutrina adaptada da espiritualidade e instalada no plano terreno com foco na espiritualização dos humanos. Naturalmente, seu foco primordial é o esclarecimento da humanidade — embora, em consórcio com os amigos espirituais, possa cooperar diretamente no auxílio aos desencarnados (que, certamente, são socorridos pelos Espíritos de luz).

Histórico

Historicamente, quando identificado um processo obsessivo (e eles somente eram diagnosticados quando já nos níveis mais graves), o procedimento comum, como resposta, era o de exorcismo (libertar a *vítima* de uma entidade demoníaca), dentro de uma liturgia religiosista e mística, sem a busca da compreensão holística da causa dos efeitos obsessivos.

Foi a Doutrina Espírita quem detalhadamente revelou à humanidade o complexo processo de influência negativa entre os dois planos — físico e espiritual — e quem inaugurou na Terra, de forma sistemática, o socorro espiritual nos moldes do programa de desobsessão.

Terapia espírita

A prática espírita em si já é um tratamento espiritual e quanto melhor a aplicação prática dos conceitos superiores trazidos pelo Espiritismo, mais eficaz será esse tratamento.

Em suma, o espírita é autoterapeuta.

Porque somos imperfeitos, estamos sujeitos a cometer as mais diversas imperfeições, inclusive em decorrência do assédio de obsessores. Logo, precisamos nos postar na condição de permanentes pacientes da terapia espírita até que atinjamos a plenitude, o cume da escala evolutiva.

Nesse primeiro modelo de tratamento espírita, o próprio ser é o protagonista principal dentro do processo terapêutico, embora a solidariedade dos confrades seja de salutar importância — pelo estudo compartilhado, pelo conselho e pelo magnetismo.

Num segundo estágio, se o indivíduo não tem o controle sobre as influências espirituais negativas (no caso das obsessões mais graves, como a

subjugação), faz-se necessária uma intervenção externa, um socorro espiritual especial.

Poderíamos, então, denominar os dois tipos elementares da terapia espírita assim:

- **Terapia continuada**
- **Socorro espiritual**

Terapia continuada

Como foi dito, a prática espírita em si é uma terapia. Mas somente se houver uma prática positiva, pois a Doutrina Espírita — como qualquer sistema teórico-filosófico — pode ser esclarecedora ou fascinadora. Consideraremos aqui os termos **prática espírita** e **espírita** no sentido positivo, quando o indivíduo se posiciona acertadamente segundo os conceitos espíritas para tais verbetes. Isso porque devemos admitir que haja a pseudoprática espírita, bem como os pseudoespíritas.

Isso quer dizer que: só seremos autoterapeutas se tivermos uma autêntica prática espírita, ou seja, se formos verdadeiramente espíritas.

É um tanto constrangedor precisarmos reinterpretar o Espiritismo — mais ou menos como o foi para Allan Kardec precisar repensar o Evangelho de Jesus. Da mesma maneira como os cristãos deformaram a essência do Cristianismo, grande parte dos nossos confrades espíritas estão deformando o Espiritismo. De igual maneira é penoso considerarmos que o codificador espírita foi um tanto ingênuo em supor que tivesse escrito de maneira tão didática, clara e objetiva, a ponto de não deixar nenhuma margem de dissensão no movimento espírita; ele supôs que, de igual modo como ele via as coisas, tão claramente, então todos fossem enxergar; que todos conseguissem ser tão espíritas quanto ele fora.

De fato, especialista em pedagogia, como foi Hippolyte Léon Denizard Rivail, o mestre lionês deixou uma extraordinária coopilação — especialmente se levarmos em conta a dimensão e importância do conteúdo em questão, isso sem falar dos escassos recursos técnicos de que se dispunha naqueles tempos remotos —, de uma forma tão notável que até hoje não há nenhuma negação a qualquer postulado básico do Espiritismo que apresente uma antítese plausível. Contudo, ainda assim, entre os intitutados espíritas, como há deformações quanto ao modo de se praticar essa doutrina! Não por acaso, temos encontrado

mensagens mediúnicas e discursos de ativistas espíritas dizerem que talvez seja preciso uma quarta revelação divina.

Com efeito, para sabermos se estamos caminhando bem e nos tratando adequadamente — tratando dos assédios espirituais e nos precavendo de qualquer obsessão —, deveremos refletir se estamos sendo espíritas em nossa prática diária. Em caso afirmativo, não há o que temer e o progresso espiritual torna-se paulatinamente mais límpido, tendo como parâmetro principal um crescente nível de felicidade.

Pseudoespiritismo

Poderíamos dizer que há três tipos de Espiritismo, no sentido prático da configuração atual:

1. **Espiritismo folclórico:** o modelo místico, desenhado e propagado pela cultura popular, que desconhece a Doutrina Espírita e é corroborado pelas fantasias e condenações próprias dos opositores, que acusam os espíritas de bruxaria, satanismo, magia negra, exploração da fé alheia com o intercâmbio espiritual e leitura do futuro (profetismo), etc. Esse modelo está tão enraizado no meio comum que, para o leigo, é difícil desassociar Espiritismo do misticismo.
2. **Espiritismo praticado:** é o padrão configurado pelo modo como se tem praticado o Espiritismo, seja baseando-se em um só adepto, seja por uma denominada instituição, seja pela prática geral, do que se chama movimento espírita, que nem sempre representa a essência da Doutrina.
3. **Espiritismo doutrinário:** o autêntico modelo, que segue os fundamentos traçados pela codificação espírita.

Sendo o terceiro modelo o verdadeiro e único, doravante diremos que os demais são variantes do pseudoespiritismo — modelos falsos ou imperfeitos.

Herdeiros que somos de milenares práticas místicas e religiosas, nós todos, em geral, que nos declaramos espíritas, estamos suscetíveis a praticar o Espiritismo mais ou menos nos moldes primitivos de outras filosofias e religiões, confundindo técnica com ritual, conceito com preconceito, lei natural com dogmas humanos, etc. E nem é por malícia ou desejo deliberado de enganar alguém, mas sim por ignorância, por estarmos enganados, por não

termos adquirido a capacidade de compreender o que é ser espírita.

Sobretudo no Brasil, que é originalmente uma foz fraterna onde deságuam variadas crenças e culturas, a Doutrina dos Espíritos ganhou feições fortemente religiosistas. Não pela doutrina em si — é claro, porém como uma decorrência natural do sincretismo.

Num todo, o Espiritismo é um sistema novo em comparação com o que a humanidade conhecia. Exige então uma revolucionária postura dos seus adeptos: racionalidade. Entretanto, na sua grande massa, os principiantes (ditos) espíritas abraçaram a causa kardequiana sem se desvencilharem completamente dos dogmas das crenças precedentes. Abjuraram-se dos velhos rótulos, todavia, não esvaziaram a mente das arcaicas concepções — e sem se darem conta disso.

Beatitude, misticismo e liturgias ainda são muito presentes no (considerado) movimento espírita contemporâneo, desfigurando assim grande parte dos propósitos espíritas.

Os pseudoespíritas se comportam como subjulgados das casas espíritas, que foram genuinamente elaboradas para servirem de centros de estudo e pesquisa, porém que hoje assumem mais a faceta de templos e igrejas.

As atividades espíritas são comumente chamadas de *trabalhos* e quase nunca de *estudos*. Os voluntários das instituições se autodenominam *trabalhadores*, quase como a se intitulem *eclesiásticos*.

Os estudos nas casas espíritas atuais mais parecem catecismo. Praticamente não há pesquisas, desafios, debates. De normal, se alguém *pergunta demais* passa a ser mal visto. Participar dos cursos doutrinários serve como de credencial, pois é uma praxe que "é preciso estudar (estar matriculado no curso) para ser seareiro espírita". O reflexo disso é que não há a devida preocupação **como se estuda**.

As pessoas querem trabalhar e não exatamente praticar espiritismo. Ser trabalhador tem a conotação de ser alguém que cumpre um papel religioso, como a se pensar que, executando tarefas práticas, se consegue o ingresso para um desencarne feliz e a estadia numa colônia espiritual do nível ou superior à famosa *Nosso Lar*. Enfim, o trabalho voluntário no centro espírita é visto vulgarmente como um dízimo, em troca do bônus-hora descrito por André Luiz; é como um sacrifício sacramental em troca de uma graça divina.

O resultado disso tudo é encontrarmos passistas que não sabem o que é magnetismo, palestrantes que não conhecem a Doutrina, médiuns que

desconhecem a mediunidade, *doutrinadores* que ignoram o que fazem e dirigentes que atraíam a causa espírita com suas variações sistemáticas.

O assistencialismo barato parece tomar conta dos eventos institucionais. O pão material parece nutrir o pensamento comum de que seja superior ao pão espiritual, a ponto de, não raro, nos depararmos com discursos inflamados pelos quais os responsáveis pelos trabalhos de assistência social se gabam de estarem atendendo não sei quantas famílias com cestas básicas mensais e distribuírem não sei quantos agasalhos aos necessitados. Não desdenhamos a importância desse tipo de serviço, mas perguntamos onde está o alimento espiritual — o verdadeiro libertador das consciências?

Até mesmo naquilo que comumente hoje é interpretado como pão espiritual, vê-se um mero exercício religiosista: reza, louvação e assistencialismo espiritual barato. O que deveria ser um encontro de um grupo de estudos, pesquisa e trabalho tem sido um culto de oblação nos idênticos padrões dos templos quaisquer. De um lado, os chamados *assistidos* — que se comportam como os leigos das igrejas comuns —; do outro, os *trabalhadores espíritas* — como se fossem o clero, os consagrados. Ao invés de uma sala de aula ou laboratório de pesquisa, os templos espíritas correntes têm uma planta que mais lembra um santuário. Atender os *fiéis espíritas* ganhou contornos de distribuir bênçãos: o chamado *atendimento fraterno* nos remete ao tradicional confessionário; no lugar de uma exposição dinâmica, a homilia; para não sentirmos saudades da hóstia, dá-se hoje o passe e a água fluidificada... Só faltavam as orações prontas, mas não falta mais; não é raro nos depararmos com jograis, recitais mecanicamente reproduzidos, dentre os quais a velha fórmula: "Ave Maria, cheia de graça; o Senhor é convosco...".

De repente, ser estudioso, pesquisador, intelectual e conceituar a filosofia espírita parece mesmo soar como elitista, orgulhoso e vaidoso. Há verdadeiramente um comum preconceito contra aqueles que realmente querem seguir o lado científico do Espiritismo, como a colocá-los entre aqueles que somente vivem da fria razão, sem sentimento e sem ação; como se *ser sábio* fosse antagonico a *ser caridoso*.

Isso equivale a ver a obra de Jesus apenas pelos fantásticos milagres (especialmente o da multiplicação dos pães) em desdém dos seus preceitos. Ou ainda contar a biografia de Francisco Cândido Xavier apenas pelas campanhas filantrópicas, suprimindo os mais de quatrocentos livros psicografados, dentre os quais os da série "A Vida no Mundo Espiritual", pela qual o Espírito André Luiz tanto acentuou o valor do conhecimento positivo, da racionalidade e da desmistificação do pensamento humano.

Mas não nos tornemos amargos e desestimulados por circunstâncias como essas. Ao contrário, ânimo! Lembremo-nos de que a Doutrina Espírita está no seu alvorecer e de que, salvo raríssimas exceções, os homens de hoje a estão experimentando pela primeira vez. E quando levantamos a possibilidade de Allan Kardec ter sido um tanto ingênuo ao desconsiderar a possibilidade de o movimento espírita se desvirtuar, na verdade, o fizemos por efeito de linguagem, porque, na certa, ele projetava sua obra tendo em vista um horizonte muito mais alargado, considerando mesmo que nestas primeiras gerações, a absorção e aplicação da doutrina passassem mesmo por tais dificuldades.

Além disso, observemos — com felicidade — os frutos já alcançados pelo Espiritismo, especialmente no quesito do voluntarismo dos espíritas, em observância à norma da caridade, que nos diz "Daí de graça o que de graça recebeste". É mesmo louvável que tenhamos estabelecido a praxe da gratuidade dos serviços espíritas. Não podemos dizer que não haja exploração financeira dentro das casas espíritas, entretanto, em geral, as improbidades se perdem num mar de generosidade que as instituições kardecistas promovem. Se compararmos ao que vemos em outras congregações religiosas, então... Este autor desconhece qualquer eventualidade grave, no meio da nossa seara, que envolva qualquer exploração material. Desconhece-se qualquer escândalo desse naipe envolvendo nossa doutrina. De oposto, temos referências absolutamente respeitáveis, por exemplo, Dr. Bezerra de Menezes e Chico Xavier, que efetivamente dispuseram de oportunidades para a autopromoção — tanto para benefícios materiais diversos quanto financeiros, propriamente falando — com suas obras doutrinárias e não sucumbiram a esta séria tentação. Esta é uma conquista maravilhosa do nosso ativismo doutrinário que suplanta todos os troços destas primeiras gerações espíritas.

Estamos inseridos num ambiente em reforma, onde algumas coisas precisam ser desconstruídas e demolidas para dar lugar a coisas novas. Uma obra desse porte causa certos inconvenientes, naturalmente, e exige readaptações. Contudo, sabemos que a reforma tem uma razão de ser e que dela sempre colhemos benefícios, pelo que diríamos: os transtornos são temporários, mas os benefícios são duradouros.

É compreensível que durante nossa escalada haja imperfeições. Porém, não vamos nos eximir do compromisso de sermos espíritas e de contribuirmos para que o movimento espírita se fortaleça nos fundamentos da natureza espiritual, ainda que sob o peso de ter que se desconstruir, em certos pontos, rumo aos ideais da verdade, bondade, sabedoria e justiça divina.

Ser ou não ser espírita

As controvérsias do movimento espírita e os conflitos de entendimento acerca das correntes religiosas e doutrinárias balançam o coreto e fazem com que as pessoas se perguntem a importância de ser ou não ser espírita.

Pelo princípio lógico da *não contradição*, ser espírita ou é importante ou não é. Em caso afirmativo, implica dizer que há um benefício em ser espírita e que, portanto, não ser espírita de certa forma é um prejuízo.

De fato, o movimento espírita de hoje passa por uma crise de identidade, pelas indefinições clássicas acerca de seus conceitos, a começar pela confusão entre *espírita* e *espiritualista*, pelo pressuposto de que tudo o que é *fenômeno espiritual* seja um *fenômeno espírita* e pela mistura de *mediunismo*¹ com *mediunidade espírita*.

De repente, a Doutrina Espírita tem sido rotulada como mais uma seita religiosa a concorrer à verdade como as demais. Afirmar e propagar sua *convicção espírita* então passou a denotar arrogância religiosa. Daí, tem surgido uma nova vertente, chamada de espiritualista e universalista. Seus adeptos admitem que usam a base espírita e proclamam as revolucionárias obras de Allan Kardec, porém dizem não se *prenderem* ao Espiritismo (como se nossa doutrina fosse uma prisão) e que, sendo universalistas, têm uma visão mais *holística e livre* das coisas (como se nossa doutrina impusesse limites para o conhecimento e ditasse regras de comportamentos).

Ao cunhar o título espírita, certamente Kardec não o fez por enfeite ou despropósito, mas para uma importante designação — intitular aquele que pratica o Espiritismo. O codificador se declarava **espírita** (o mesmo que **spiritista**) e dava ênfase a tal adjetivo, especialmente para distinguir o que é e o que não é próprio da **Doutrina Espírita**. Logo, para ele, ser espírita é algo fundamental, o que equivale concluir que não ser espírita é não compartilhar das benesses dessa doutrina.

E os Espíritos amigos da codificação enfatizaram o título:

"Se vocês se dizem espíritas, então sejam espíritas! Esqueçam o mal que possam lhe ter feito e só pensem em fazer todo o bem que possam realizar". — **Simeão**

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, Allan Kardec - Cap. X, item 14:

¹ **Mediunismo**: na interpretação de Emmanuel, é a capacidade natural que a humanidade tem de interagir com o mundo espiritual, semelhante ao que se convencionou chamar mediunidade, sendo que esta última, por sua vez, é o ofício mais ou menos consciente e disciplinado do mediunismo. Por assim dizer, o médium é aquele que tem capacidades sensitivas (mediunismo) e se disciplinou para servir de intermediário para a causa espiritual.

Ser espírita

O progresso é uma força irresistível que arrasta todos para a perfeição — objetivo fatal ao qual todos os Espíritos invariavelmente chegarão. É possível estacionar o processo evolutivo pessoal e coletivo por um determinado período, porém por muito pouco tempo, pois há aprendido mesmo nas piores situações. Contudo, quando o indivíduo delibera acelerar sua evolução, ele já o está fazendo.

Em nossa dimensão, na configuração hodierna, este autor é peremptório em assinar que quem desejar evoluir o mais rapidamente possível tem no Espiritismo a melhor opção como condução. O quanto espírita a pessoa seja, determina quão melhor posicionado ela está em seu propósito de crescimento espiritual, porque a Doutrina Espírita é a melhor adaptação da espiritualidade que a Terra viu até então. Logicamente que tal asseveração desperta ressalvas em muitos, por considerarem esta concepção — dita com firmeza e limpidez — um tanto arrogante e uma violência contra as demais filosofias e religiões. Para os que, porventura, pensarem assim, a resposta é que não colocamos absolutamente a prática espírita como a única senda para a evolução, mas sim, a destacamos como a mais curta, mais segura e menos sofrida de todos os caminhos para o estágio superior; todas as concepções, religiões e filosofias desenvolvidas na Terra contribuíram — e ainda contribuem — para a espiritualização da humanidade. Porém, enfatizamos: nenhum roteiro conhecido por este autor é mais sublime do que o modelo espírita — desde que seja o autêntico modelo espírita. Por ser racional, o Espiritismo naturalmente nos cobra convicção.

Com efeito, uma vez que aqui foi denunciado haver uma acentuada deformação na interpretação do que é ser espírita, é preciso que seja exposta também aqui a versão deste autor para a verdadeira prática espírita, a fim de que o leitor tenha condições de refletir.

Poderemos começar dissertando sobre o que não define ninguém como espírita. Assim sendo, necessariamente praticar Espiritismo:

- não é frequentar regularmente uma casa espírita;
- não é estar filiado a uma instituição espírita;
- não é tomar o passe ou ser passista;
- não é fazer doação material ou participar de trabalho assistencial;
- não é se faltar de leituras espiritualistas;
- não é se matricular num curso doutrinário;
- não é se declarar ser espírita.

Ora, o Espiritismo não é um clube de futebol do qual o indivíduo se declara torcedor e passa a acompanhar o campeonato vibrando com os jogos. Trata-se de uma doutrina, ou seja, um conjunto de ideias básicas que compõe um sistema com três faces: ciência, filosofia e religião.

Em seu tempo, Allan Kardec assistiu a uma febre internacional de eventos espirituais e esses fenômenos deram origem que ele codificou. Entre as pessoas que buscavam se enturmar nos grupos mediúnicos, ele definiu três classes:²

1. Os que se limitam às manifestações: os experimentadores curiosos;
2. Os que apenas se prendem aos fatos (ciência), sem o devido comprometimento moral: os espíritas imperfeitos;
3. Os que estudam e praticam a doutrina: espíritas perfeitos.

Ninguém pode ser espírita sem ser filósofo. E para tal fim, o pretendente precisa considerar três fundamentos:

1. estudar e conhecer os conceitos básicos da doutrina (não é possível ser médico sem estudar medicina e desconhecer os seus fundamentos);
2. pesquisar e refletir tudo o que for inerente aos interesses da doutrina (pelo seu caráter científico, o Espiritismo é um estudo continuado);
3. utilizar os conhecimentos adquiridos na vida prática, visando o aperfeiçoamento individual e contribuição com a evolução dos semelhantes e do meio onde vive.

Allan Kardec definiu bem: “Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para domar suas más inclinações”. Ora, ninguém se transforma sem conhecimento (estudo e pesquisa) e essa transformação só será produtiva quando aplicada para buscar a perfeição em tudo que se faz.

E para não suscitar ambiguidade, acentuamos que aqui fica conceituado que estudar é adquirir conhecimentos das experiências já registradas (por exemplo, estudar as obras básicas da codificação espírita) e pesquisar é descobrir e experimentar novas possibilidades (por exemplo, perscrutar mais sobre a natureza espiritual através da mediunidade), de modo que, conhecer o Espiritismo implica em conciliarmos essas duas vertentes — estudo e pesquisa.

E, por ensejo disso, lembramos que o Espiritismo não é a conclusão da

² Ver em "O LIVRO DOS MÉDIUNS", Allan Kardec - 1ª Parte - Cap. III: "Três classes espíritas".

verdade, mas um meio para se chegar à cota de conhecimento que é permitida aos homens tocar — a verdade, assim como a perfeição, é um prêmio para os que completam o curso da estrada evolutiva. Espiritismo não é e nem detém todas as respostas, mas constitui a melhor ferramenta para tal objetivo. Leiamos Kardec:

Muitas pessoas pensam também que "O LIVRO DOS ESPÍRITOS" esgotou a série das questões de moral e de filosofia. É um erro. Por isso julgamos útil indicar a fonte donde podemos tirar assuntos de estudo – por assim dizer inesgotáveis.

O LIVRO DOS MÉDIUNS, Allan Kardec - Cap. XXIX, item 343.

Numa palavra, ele é interminável, pois nós — os humanos — sempre teremos o que aprender com a espiritualidade.

Dizer que a nossa doutrina tem respostas prontas e absolutamente conclusivas para tudo, é torná-la uma teoria simplória; é vender bênçãos. E isso, infelizmente, tem ocorrido.

Prática espírita

Seguindo a amostra, aqui já exposta, de como *ser espírita*, podemos pensar juntos que o verbo aplicado — *ser* — é sinônimo de *praticar*. Diferencia-se da análise sintática que se faz, por exemplo, quando dizemos *ser batizado*. Ora, o batismo é um sacramento católico — também comum em outras religiões — absoluto, ou seja: uma vez batizado, completamente batizado, sendo um processo irreversível, quer dizer: não há qualquer ritual que anule o ato sacramental de se batizar. Ninguém deixa de ser batizado. O catecismo católico estabelece que esse sacramento confira ao indivíduo a filiação com Deus, ou seja: batizar-se é como tirar o registro de nascimento, cuja paternidade é atribuída ao Pai Celestial.

Por sua vez, ser espírita implica em praticar Espiritismo.

Foi dito aqui os três fundamentos imprescindíveis para estabelecer a identidade espírita, quais sejam: estudar, pesquisar e aplicar os conhecimentos relativos à doutrina. Entretanto, convém destacar como fazer isso — à luz do Espiritismo (pleonasma intencional).

Não que seja uma idolatria a Allan Kardec, porém é válido tomá-lo como ícone. O primeiro tópico é refletirmos como Kardec estudou o Espiritismo? Como foi seu trabalho de pesquisa espírita? Que exemplo pessoal ele legou aos seus confrades?

Estudar como Kardec estudou

A espiritualidade não sorteou Allan Kardec para codificar o Espiritismo: foi uma escolha minuciosa e pré-estabelecida, dentro da programação reencarnatória desse eminente Espírito. Igualmente, o fato de ele ter desenvolvido o ofício no Magistério não foi fortuito, mas exatamente porque assim seria preciso, para que elaborasse aqueles conceitos — profundos e revolucionários — com a excelência da Pedagogia.

Covenhamos: se o Espiritismo fosse uma doutrina a ser pregada, seu codificador teria sido escolhido entre um clérigo. Mas como é para ser estudada e pesquisada, foi codificada por um professor.

Como Kardec estudou o Espiritismo?

Ora, antes de tudo, precisamente devemos anotar que ele não estudou o Espiritismo, e sim o formulou didaticamente. Não havia Espiritismo antes dele. Por assim dizer, a Doutrina Espírita foi oficializada pelo mestre lionês. O que havia era um conjunto de fundamentos naturais da espiritualidade que serviram de base para a sua configuração — por exemplo, a preexistência e sobrevivência da alma, o intercâmbio mediúnicos, processo reencarnacionista, as leis espirituais, etc. —, de modo a sabermos que, também, não foi Allan Kardec quem inventou a Doutrina; ele apenas organizou os seus conceitos.

De certo modo, pelo detalhe anterior, não trilharemos o mesmo caminho de Kardec com exatidão, pois seria o mesmo que reinventar a roda. O que queremos destacar é o seu método de estudar.

Para compreendermos o método de estudo kardequiano, devemos antes nos lembrar de que naqueles tempos — em meados do Século XIX —, era corrente um surto, em praticamente todo o globo terreno, de fenômenos extrafísicos (fora das conhecidas leis da física humana). Foram essas manifestações que levaram o professor Rivail a penetrar no estudo neoespiritualista — estudos esses que mais tarde dariam origem à Doutrina dos Espíritos. O princípio desse estudo foi bem descrito pelo próprio codificador e está contido no livro "**OBRAS PÓSTUMAS**" (ver a partir da Segunda Parte).

A primeira observação que podemos fazer é que Kardec era um homem racional, que aplicava a lógica, a razão e os conhecimentos técnicos para medir e pesar o que lhe fosse apresentado. Sobre os fenômenos extraordinários, especialmente o da dança das mesas, que lhe chegou aos ouvidos por locução de amigos, a primeira possibilidade aventada foi quanto à aplicação de uma

força magnética — portanto, dentro das leis naturais. O professor não esboçou qualquer sinal de entusiasmo, pois não havia nada de novo e maravilhoso até então. No entanto, informado acerca da capacidade de o móvel executar movimentos que denotem inteligência própria — respondendo a perguntas, por exemplo, e girando *sozinha* em obediência às ordens dos magnetizadores, respeitando a direção e o ritmo sugerido —, o pedagogo revelou a característica de cético, até que tal ventura lhe fosse provada. Aqui fazemos a segunda observação: Allan Kardec tinha a postura científica, de submeter tudo à experimentação positiva para daí tirar suas conclusões. Na supracitada obra, lemos:

Só acreditarei quando o vir e quando me provarem que uma mesa tem cérebro para pensar, nervos para sentir e que possa se tornar sonâmbula. Até lá, permita que eu não veja mais no caso do que um conto para nos fazer dormir em pé.

Allan Kardec

Duvidar é uma prática elementar da ciência e filosofia, mas desde que a dúvida não se faça obstáculo ao estudo, à pesquisa e à experimentação. O professor Rivail duvidou sim, porém propôs e levou a efeito o intento de averiguar tais ocorrências.

Hoje sabemos (presumo eu sabermos) que aquela força oculta e sobre-humana era realmente um efeito físico proveniente das capacidades mediúnicas (combinação dos fluidos dos sensitivos com a ação dos Espíritos). Todavia, nem todos sabem e nem todos que conhecem a teoria acreditam, com toda a convicção. E por que não creem? Talvez porque não estudaram os fenômenos como Kardec os estudou.

É certo que em nossos dias não há mais aquela febre fenomênica, de efeitos físicos tão notórios — de móveis e objetos saltitando, materializações espirituais (ectoplasmias), levitação de médiuns, etc. —, mas há uma diversidade de eventos mediúnicos, alguns deles ainda mais interessantes que aqueles estudados por Kardec. Ocorre que — e aqui precisamos fazer tal crítica —, a questão da experimentação mediúnica tem sido dogmatizada pelo movimento espírita atual. Sob o pretexto de "não vulgarizar a mediunidade", é praxe insinuar regras do tipo: mediunidade só deve ser praticada dentro de uma casa espírita, nunca por crianças, nunca dentro do culto de Evangelho no lar, nunca por curiosidade ou como prova.

Especialmente sobre estas duas últimas condições quero tecer minha opinião: curiosidade é um princípio básico do estudioso, e buscar provas — ou pelo menos evidências — está na cartilha de todo bom pesquisador. Logicamente que não estamos falando aqui de uma curiosidade vulgar,

despropositada, nem em provas no sentido de uma autenticação material. Apenas não se pode podar o espírito investigativo de alguém. Os fenômenos espirituais não mudam disposições morais em absoluto, porém autenticam as leis do plano superior. Kardec foi convencido pelas evidências das manifestações dos Espíritos.

(...) Eu precisei mais de um ano de trabalho para ficar convencido; o que prova que não cheguei a esse estado inconsideradamente. — **Allan Kardec**.

O QUE É O ESPIRITISMO, Allan Kardec - Cap. 1: "O Crítico".

Claro que hoje há outros meios de chegarmos à lógica espírita — e até mais simples —, no entanto, os fenômenos continuam sendo legítimos instrumentos de convencimento. E não apenas por à prova a mediunidade, mas também as entidades espirituais. Se o codificador espírita se posicionou inicialmente com ceticismo e exigiu demonstrações práticas daqueles fenômenos, por que censurar que os céticos de hoje exijam as mesmas condições? E merece citação o fato de Kardec ter participado de vários tipos de experimentações, dentre as quais, algumas pelas quais eram tratados assuntos muito frívolos, como lemos ainda em "**OBRAS PÓSTUMAS**":

Essas reuniões eram bastante numerosas; além dos frequentadores habituais, admitiam-se todos os que solicitavam permissão para assistir a elas (...)

Os assuntos tratados eram geralmente frívolos. Os assistentes se ocupavam, principalmente, de coisas relativas à vida material e ao futuro, numa palavra, de coisas que nada tinham de realmente sério; a curiosidade e o divertimento eram os móveis capitais de todos (...)

Foi nessas reuniões que comecei os meus estudos sérios de Espiritismo, menos, ainda, por meio de revelações, do que de observações...

Allan Kardec

Também é interessante anotarmos que, a título de experimentação, Kardec até se submeteu a uma consulta com uma senhora que dizia ler a sorte das pessoas pelas mãos — arte conhecida como Quiromancia³.

Portanto, estudar é revistar o que se apresenta como premissa, um conceito. Não é ler e acatar, mas ler, refletir, comparar e apurar o que está ou não coerente com nosso entendimento. O estudioso espírita não tem de aceitar os ensinamentos doutrinários como regras absolutas e incontestáveis, tal qual um catecismo religioso ou um código legislativo. É bem verdade que, pelo crédito que se dá às obras básicas da codificação, temos nesses conceitos básicos bons parâmetros para nos nortearmos, porém, não como um catecismo, ditado e sagrado a ser observado sem o acordo com a razão.

³ Ver em "**OBRAS PÓSTUMAS**", Allan Kardec - 2ª Parte: "A minha primeira iniciação ao Espiritismo"; *A tiara espiritual*.

E eis o professor Kardec a nos dizer:

Apliquei a essa nova ciência o método experimental, como havia feito até então; nunca elaborei teorias preconcebidas; observava cuidadosamente, comparava, deduzia consequências; procurava remontar às causas dos efeitos, por dedução e pelo encadeamento lógico dos fatos, não admitindo uma explicação por válida, senão quando resolvia todas as dificuldades da questão (...)

Compete ao observador formar o conjunto, por meio dos documentos colhidos de diferentes lados, colecionados, coordenados e comparados uns com outros. Pois, conduzi-me com os Espíritos como se tivesse feito com homens. Para mim, eles, do menor ao maior, foram meios de me informar e não reveladores predestinados.

Tais as disposições com que empreendi meus estudos e neles prossegui sempre. Observar, comparar e julgar, essa a regra que constantemente segui (...)

Allan Kardec

Para concluirmos, ratificamos que as fontes mais seguras para o estudo dos princípios básicos do Espiritismo estão nas cinco obras do codificador — **"O LIVRO DOS ESPÍRITOS"**, **"O LIVRO DOS MÉDIUNS"**, **"O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO"**, **"O CÉU E O INFERNO"** e **"A GÊNESE"** —, e, de uma maneira geral, por toda bibliografia de Kardec, com destaque para a coleção da **"REVISTA ESPÍRITA"** e o livro **"OBRAS PÓSTUMAS"**. E isso não por idolatria, como se a tomássemos pelas "sagradas escrituras espíritas", uma nova versão da Bíblia, mas sim pela lógica, pela consistência apresentada nesse arcabouço.

Pesquisar como Kardec pesquisou

Depois de ajuntar toda a base que compunha o alicerce da Doutrina Espírita e a publicar conforme a distribuição das cinco obras básicas, seria o caso de Allan Kardec se dedicar a tão somente reproduzir aquele apanhado? Não, certamente. Ele não parou com os estudos: continua incessantemente a pesquisar novos e novos recursos. E por quê? Simples: porque tinha plena consciência de que o Espiritismo não se completava nele, mas apenas começava; que muito mais coisas havia para serem esclarecidas. Tanto que seus amigos espirituais lhe pressagiaram a necessidade de ele reencarnar na Terra, muito brevemente, a fim de completar a obra que lhe cumpria, como introdução da Nova Era, da nova fase da humanidade — não para encerrá-la. Em resumo, o Espiritismo é a contínua ciência espiritual em nossa dimensão.

Os Espíritos fizeram a Kardec uma singela apresentação da natureza do além. Na realidade, para sermos menos injustos, se compararmos àquilo que era conhecido pelos homens antes da codificação espírita, as revelações daquele século foram extraordinariamente gigantes. Porém, se nos atentarmos

com a devida acuidade, apenas nos lembrando da obra de Francisco Cândido Xavier, descobriremos que o Século XX multiplicou o conhecimento espírita por *n* vezes. E isso apenas considerando o que os mensageiros — especialmente Emmanuel e André Luiz — escreveram de forma objetiva, pela psicografia do querido Chico Xavier, sem levarmos em conta o que há nas entrelinhas, que nossa cegueira ignorante não nos permitiu enxergar. Peguemos, por exemplo, como as pessoas têm lido a série "A vida no Mundo Espiritual", ditada por André Luiz: a atenção dos leitores se prende mais pela novela, como um entretenimento, do que pelas informações. Tanto é que, dessa mesma coleção, seguramente o volume menos lido é "**EVOLUÇÃO EM DOIS MUNDOS**", cujo teor é essencialmente técnico, sem o drama pessoal dos tradicionais romances, sem as tramas novelescas.

Lamentável constatar isso, mas é evidente que depois de Kardec e de Chico Xavier, não temos tido nada de novo que seja tão relevante quanto estes citados. E é absolutamente natural, uma vez que ainda não esgotamos os estudos dessas duas grandes obras. Muito ainda temos o que colher da contribuição desses dois missionários. Entretanto, é certo que uma hora ou outra seremos forçados a nos lançar para a abertura de novas etapas da ciência espiritual.

Para efetivar o trabalho de pesquisa, faz-se necessário, sobretudo que o indivíduo tenha estudado os fundamentos da doutrina sobre a qual se propõe pesquisar, para ter boas diretrizes por onde trilhar. Ora, como alguém se disporia a perscrutar os mistérios da quântica sem conhecer os conceitos básicos das demais disciplinas que lhe assentam tais conhecimentos, como a Física Clássica?

Estudo é o conhecimento na horizontal; pesquisa é o conhecimento vertical. No primeiro, observamos e analisamos informações; no segundo, buscamos novos conhecimentos, a partir de novas informações ou associações de ideias, e ou, para corroborar ou refutar ideias pré-existentes.

Mas os conhecimentos anteriores não podem absolutamente censurar novas experimentações. Isso não implica que tudo que for experimentado seja aceito prontamente — mesmo que tal ideia apresente muita lógica. Uma das características do Espiritismo é a universalidade dos conhecimentos e revelações. Aquilo que é da espiritualidade nunca é dado em exclusividade a alguém, mas dito aqui e acolá, para que haja uma múltipla confirmação.

Kardec tinha tanta convicção do valor da pesquisa que ele próprio submeteu os fundamentos espíritas — que ele mesmo codificou — ao crivo da

ciência, sem medo de ser superado, ao declarar: se algum dia a Ciência comprovar que a Doutrina está errada em algum ponto, cumpre ao espírita abandonar esse ponto equivocadamente e seguir a orientação da Ciência⁴. Duas observações a respeito: 1) evidentemente que aqui não podemos interpretar como válida qualquer teoria dita científica, mas aquilo que se demonstre tão palpável, generalizadamente, e citaríamos um episódio histórico: a ideia do geocentrismo (de que a Terra fosse o centro do Universo e ao redor do qual tudo no espaço girava) para o heliocentrismo (teoria de que o Sol seja o centro do Universo); 2) Como já foi dito aqui, os textos de Kardec não são sagrados e estão sujeitos a erros, sendo mesmo que, aqui e acolá, poderemos encontrar pequenos equívocos. Por exemplo: em "**A GÊNESE**", uma comunicação espiritual desconsiderou a existência de satélites em Marte, enquanto que observações astronômicas posteriores demonstraram a presença de dois satélites naquele planeta — Fobos e Deimos⁵. Porém, caminhando para dois séculos de Espiritismo, nenhum dos seus conceitos básicos foi desmentido por qualquer Ciência, mas, ao contrário, eles têm sido corroborados e até aprofundados. Uma demonstração disso tem sido os avanços da Física Quântica, a começar por quebrar a tese materialista e ratificar o conceito espírita de que tudo (todas as substâncias ditas materiais) é energia.

Por que pesquisar? Por que não podemos simplesmente ficar esperando que a espiritualidade venha nos revelar o que desconhecemos? Ora, pelo fato de que isso não é permitido pela Providência Divina, uma vez que há a cota de trabalho destinada aos homens — como exercício para nossa inteligência e cumprimento da escalada evolutiva —, à qual os Espíritos não podem interferir. E qualquer entidade que se manifeste muito pretensiosamente, ditando e datando revelações, de pronto, deve ser bastante posto à prova. As grandes descobertas que o plano espiritual traz à Terra são aquelas cujas capacidades humanas não poderiam tocar, por exemplo, a da própria existência do mundo espiritual, que, sem o contato mediúnico, não seria conhecida por nós, senão pela nossa intuição e imaginação.

Nossos amigos espirituais nos inspiram e nos favorecem nas pesquisas, validando a fala de Jesus "Batam à porta e ela se abrirá", como a dizer "pesquisem e as portas do conhecimento serão abertas para vocês", mas não que o conhecimento seja transferido, como um software que pode ser instalado num sistema operacional.

O grande encontro do Espiritismo com as ciências terrenas se dará

⁴ Ver em "**A GÊNESE**", Allan Kardec - cap. I: "Caráter da revelação espírita", item 55.

⁵ Ver em "**A GÊNESE**", Allan Kardec - cap. VI: "Uranografia geral", item 26.

justamente no campo das pesquisas, quando os cientistas darão suporte técnico à doutrina, validando seus conceitos, e a doutrina dará o suporte moral à ciência, guiando-os no uso dos conhecimentos pela senda da caridade.

Conduta moral do espírita

Sabemos que a transformação não se dá de repente, mas gradativamente. Logo, ser espírita não é ser perfeito, mas ser alguém que busca a perfeição, mesmo caindo, errando e não contendo todas as suas milenares más tendências. Porém, é imperioso que o praticante do Espiritismo aproveite seus aprendizados para sua reforma íntima, impondo-lhe uma conduta moral baseada nos benefícios apontados pelo que sua razão absorve da doutrina. Já não é um mero código penal que norteia nossos direitos e deveres cívicos e nem um catecismo religioso que dita os nossos procedimentos perante Deus e os demais: é a nossa própria consciência que nos acusa o que fazer, mediante nosso livre-arbítrio, em acordo com o que vemos de bom nos conceitos espíritas.

O espírita não deixa de fazer o mal porque o Espiritismo é contra o mal, mas sim, procura fazer o bem porque sua inteligência vê os benefícios da bondade e reconhece as consequências de todos os atos imperfeitos, de um jeito tal que a Doutrina Espírita nos mostra e nos convence, como nenhuma outra filosofia ou religião tem feito até hoje.

O Espiritismo não obriga ninguém a fazer isso ou deixar de fazer aquilo — o que seria uma violência moral —, entretanto, mostra-nos os resultados possíveis de cada ato, de modo tal que nós mesmos nos constrangemos a essa ou aquela atitude por força própria.

E para nos orientarmos moralmente, reconhecendo os resultados dos bons e maus procedimentos, Deus nos colocou em convívio com uma imensa diversidade de caráter, em contato com indivíduos (encarnados e desencarnados) mais adiantados — com quem podemos nos espelhar — e outros menos evoluídos — com quem podemos compartilhar as virtudes e aprendizados, porém, havendo um, em especial, a quem podemos considerar como modelo maior para nossa dimensão:

Qual o tipo mais perfeito que Deus tem oferecido ao homem, para lhe servir de guia e modelo?

“Jesus.”

Jesus, Cristianismo e Espiritismo

Ainda é muito recorrente a questão de o Espiritismo ser ou não uma doutrina cristã, à qual este autor não pretende aqui se estender, contudo, deixa aos interessados a sugestão da leitura de outra obra "CRISTIANISMO EM ESPIRITISMO". Apenas para não deixarmos uma grande lacuna para os menos adeptos à leitura, faremos uma síntese muito breve:

O adjetivo *cristão* (ou *cristã*) refere-se ao sistema *Cristianismo*, doutrina supostamente atribuída às propostas do Cristo, o Ungido — Aquele enviado do Pai para ser guia e modelo da Humanidade.

Sim, sabemos que este abençoado é Jesus. Todavia, não é com a mesma assertiva que associamos o Cristianismo consagrado pelas religiões autoproclamadas cristãs ao Mestre Galileu, pois que tal modelo não representa bem o que Jesus veio propor à Humanidade. A doutrina cristã foi elaborada pelos romanos, que se usurparam da figura do Cristo por interesses próprios, cujos reflexos contraditórios são flagrantes desde os primórdios da Igreja Católica, por exemplo, em contradição com o comportamento dos discípulos de Jesus de então, que era de mansidão e caridade para com todos — conforme pregou o Cristo —, enquanto que os empossados católicos propuseram-se fincar as bases do catolicismo pela força bruta, além de incrementar a filosofia com sacramentos e liturgias das mais diversas.

Portanto, se considerarmos que para ser cristão, uma nova doutrina precisa seguir as tradições do Cristianismo clássico, então, o Espiritismo não se enquadra em tal classificação. Mas, se excluirmos as imposições dos doutores da Igreja e nos apossarmos do termo *cristianismo* para designar a filosofia de Jesus Cristo, aí nós diremos que nenhuma outra filosofia é mais cristã que o Espiritismo.

Por isso, não usemos aqui os títulos *cristianismo* e *cristão* para designar a mensagem de Jesus, a Boa Nova, o Evangelho. Ao invés deles, intitularemos o modelo proposto pelo Mestre Jesus de **Crístico**. Contudo, pela força das coisas, como se convencionou dizer que Cristianismo é o que deriva do Cristo, digamos que o Espiritismo é cristão.

O modelo crístico

A Doutrina Espírita interpreta o modelo crístico de conduta moral baseando-se em três pontos elementares:

1. **Mandamento do amor:** Jesus resumiu toda a sua doutrina (que, na verdade, é do Pai Celestial), todo o conhecimento e toda a liturgia salvacionista em duas leis que, de fato, representam um só mandamento, porque é impossível cumprir a um perfeitamente enquanto despreza o outro: "Amar a Deus e amar ao próximo".⁶
2. **A quem amar:** as raças primitivas tinham por conceito estabelecer preferências consanguíneas e pregar separatismo étnico e religioso. Assim sendo, para o cumprimento do mandamento crístico, Jesus exemplificou a quem devemos amar, descrevendo quem é o "próximo": todos, indistintamente todos os nossos semelhantes, sejam eles de qualquer nacionalidade, religião, caráter e qualquer outra qualidade, pois somos todos filhos do mesmo Pai Eterno. Aliás, para deixar esse mandamento ainda mais evidente, Jesus nos deixou a parábola do Bom Samaritano⁷, fazendo questão de incluir na lista dos amáveis até aqueles a quem denominamos nossos inimigos.⁸
3. **Como amar:** mesmo sabendo e estando deliberadamente voltado a amar a Deus e todas as pessoas, é provável que em determinadas situações o indivíduo tenha dúvidas quanto à forma de amar. Para suprir essa dúvida, Jesus nos dá um ensinamento simples, embora muito sublime: o truque é a alteridade, ou seja: colocar-se no lugar do próximo, para medir nossas ações⁹. Não há método mais eficaz para sabermos se estamos agindo bem em relação ao outro do que nos propondo a fazer a ele aquilo que gostaríamos que alguém nos fizesse na mesma proporção.

Estes são os três pilares que fundamentam o Evangelho crístico. Tudo o mais é acessório. Aqui está, portanto, a primazia moral da Doutrina Espírita e pelo que dizemos que o Espiritismo é crístico, ou seja, baseia-se em Jesus Cristo.

Ser um verdadeiro cristão — ou seja, ser crístico — é estabelecer os princípios éticos de Jesus antes e acima de tudo, colocando tudo o mais sob tais condições. Após isso, podemos traçar planos, metas e trabalhar para a sua realização, em observância dos três pontos básicos: amar, amar a todos e amar como se quer ser amado.

Uma pessoa que elabora projetos antes de estabelecer os seus princípios morais corre o risco de abusar de suas capacidades e cometer graves

⁶ Ver no Evangelho de Mateus, 22:35-40.

⁷ Ver no Evangelho de Lucas, 10:25-37.

⁸ Ver no Evangelho de Mateus, 5:43-48.

⁹ Ver no Evangelho de Mateus, 7:12.

imperfeições a pretexto do que poderá supor ser um "bem maior", como a dizer que "o fim justifica os meios". Se formular que *precisa chegar a tal lugar*, antes de medir seus princípios, então fará de tudo para chegar lá, custe o que custar, doa a quem doer, pois mentalmente condicionou a si mesmo "precisa e precisa e pronto!". Logo, essa pessoa sempre verá subterfúgios para se desculpar pelos seus possíveis abusos.

Marcha evolutiva

Todos nós seguimos um irresistível curso evolutivo. A força dessa marcha arrasta as multidões e remodela o ambiente físico em que vivemos. A cada novo patamar alcançado, vemos um novo horizonte se abrir aos nossos olhos e, fatalmente, podemos pensar: "Poderíamos já ter chegado a tal ponto há mais tempo!". Além disso, a cada degrau escalado, vemos novos degraus superiores se projetarem à nossa vista, o que nos faz desejar: "Bem que poderíamos já ter chegado lá!".

No desdobrar dessa nossa jornada, observamos o desenvolvimento evolutivo dos nossos semelhantes. Alguns avançam mais ou menos aceleradamente enquanto outros se figuram como retardatários.

A discrepância do ritmo da marcha nos leva a questionar sobre a razão da distância de quem está bem mais à frente em relação aos mais atrasados. A lógica espírita nos aponta então que a vontade e os esforços empregados por cada um são as causas máximas para desenhar tal cenário. Assim se faz a justiça divina, que premia automaticamente aqueles que fazem jus ao próprio mérito.

Com efeito, o indivíduo que outrora tenha permanecido desatento pode então deliberar acelerar sua evolução e assim indagar como fazer isso. Ora, o interessado em se adiantar espiritualmente pode se espelhar nas virtudes dos irmãos superiores e verificar as imperfeições que ele próprio ainda conserva, para então traçar o que há de bom a ser buscado e do que se deputar, naquilo que lhe pesa.

Para nós, encarnados, que vivemos numa dualidade entre homem e Espírito, dois cursos se apresentam: a evolução do personagem terreno que cada qual representa e a evolução espiritual. Aquele que ignora ou desdenha sua identidade espiritual — que é a principal, preexistente e sobrevivente à vida física — fica suscetível a se fascinar com a ideia de ter que se realizar completamente nesta encarnação e, desta maneira, empregar todas as forças para obter o gozo material, então falsamente justificado pelo imediatismo de

viver a *única vida*, em conformidade com a convenção da sociedade local.

Aos iniciados na espiritualidade, é natural haver uma batalha consciencial, mais ou menos feroz, acerca daquilo que seja bom para ambos, ou seja: realizar-se o quanto possível como personagem humano — que tem prazo de validade —, porém, afinado com os propósitos superiores do ser espiritual — que é imortal —, sendo que muito comumente o planejamento encarnatório prevê que o Espírito deva passar por muitas provações e renúncias na carne, a fim de que vença metas; que o indivíduo passe pelos transtornos de uma dura sementeira, cujos frutos somente sejam colhidos bem adiante, no retorno à pátria astral.

Merece nota aqui o fato, errôneo, de algumas pessoas cogitarem a ideia de que, para demonstrar maior grau de espiritualização, se deve menosprezar a vida física, como se não nos coubesse qualquer nível de felicidade nos dias correntes, como se devêssemos esperar o desencarne para, só então, pensarmos em nos realizar — quem sabe na colônia *Nosso Lar*, ou outra mais acima. Tal concepção seria equivalente ao *céu* dos cristãos clássicos. Nossa identidade espiritual não tira férias enquanto encarnamos; representamos um papel no teatro terreno ao mesmo tempo em que conservamos o Espírito, que vive, modela-se e influi no nosso cotidiano na Terra — vez ou outra, desabrochando instintos e intuições do que temos acumulado das sucessivas reencarnações.

Embora seja raro, existe um tipo de planejamento reencarnatório em que o Espírito *desça* predestinado a uma vida bastante favorável, já com uma boa sustentação financeira, em uma família bem arranjada, saúde física e mental, ao lado de boas companhias e tudo mais que lhe permita viver bem. Em geral, tais benefícios são concedidos a pretexto de um objetivo grande, que envolva um colegiado, em missão, como a de liderar um povo num importante estágio político, ou promover o progresso científico através de descobertas e invenções. Essas missões são concedidas geralmente a Espíritos mais adiantados, que tenham com o que contribuir para a Humanidade, e que tenham já superado a mesquinhez do egoísmo, uma vez que todo esse favorecimento é uma prova gigante. Todavia, não devemos considerar evoluído e missionário qualquer um que se apresente como líder ou gênio, nem qualquer que tenha obtido alto posto diante da sociedade. Destes, muitos são entidades em grande prova que, presunçosos que são, se julgaram altamente capazes e *exigiram* tal oportunidade para demonstrar suas faculdades. Falidos moralmente — apesar de terem alcançado êxitos materiais —, eles retornam alquebrados à vida espiritual, mas recolhem dessas quedas proveitosos

aprendizados — conquanto dolorosos.

Com efeito, onde estaria o equilíbrio para se viver na dimensão material de hoje e cumprir as metas programadas para a evolução espiritual?

Bem, Emmanuel — respeitado mentor espiritual de Chico Xavier — disse certa vez:

Duas asas conduzirão o Espírito à presença de Deus: uma se chama amor e a outra se chama sabedoria — **Emmanuel**.

EMMANUEL, (Emmanuel) Chico Xavier.

Ou seja, o equilíbrio está em duas frentes:

- Na prática da moral crística, que Emmanuel sintetizou como **asa do amor** (ou **caridade**). Guiando-nos por esse sentimento, sempre estaremos afinados com a superioridade, angariando assim melhor sintonia com os Espíritos mais evoluídos e, por conseguinte, com Deus. A espiritualidade não abandona aqueles que não se projetam nesse objetivo, mas, até por uma questão lógica, os amigos espirituais não podem fazer muito por quem se fecha no seu casulo de ignorância e rebeldia;
- Na aquisição do conhecimento, a **asa sabedoria**. A marcha evolutiva nos convida a contribuir com nosso progresso pessoal, com os semelhantes e com o meio ambiente, o que implica na aquisição do conhecimento. As reencarnações, a dor, as provas e tudo que nos sucede têm por intento primordial nos possibilitar o aprendizado, pelo qual experimentamos nossas capacidades, dentre as quais a de praticar a caridade. Por essa razão é que, normalmente, o progresso intelectual se adianta em relação ao progresso moral.

Progresso moral

De uma forma geral, pelo nível de maioridade a que já alcançamos, nós já mordemos a maçã de que, figurativamente, Eva e Adão experimentaram. Já temos ciência mais ou menos apurada do bem e do mal e até nosso organismo físico nos denuncia a qualidade de nossos atos: enquanto elaboramos ou fazemos um ato ilícito ou, no mínimo, suspeito, sentimos naturalmente uma reação nervosa retrativa — e, diga-se de passagem, fisicamente prejudicial; quando há convicção de que praticamos ou planejamos ações dignas, ao contrário da situação anterior, sentimo-nos bem, a consciência *flutua* e o nosso organismo corporal responde de igual positividade.

Não há, portanto, ingenuidade total capaz de isentar ninguém de suas responsabilidades.

Progresso intelectual

"A verdade vos libertará", disse Jesus¹⁰.

Dispensável que nos demoremos nesse item, uma vez que é consenso o valor do conhecimento, mas faz-se necessário aqui destacarmos a bifurcação natural da ciência terrena — de tudo que é inerente à natureza física e circunstancial da vida na Terra — e da ciência espiritual — das coisas superiores e eternas.

O saber terreno é de fato valioso e tem justa aplicação, inclusive para o progresso do próprio orbe. Os matemáticos, os geólogos, os linguistas e todos os cientistas são também missionários de Deus nesta oficina evolutiva.

Em diversos períodos estratégicos da História da Humanidade, essa classe promoveu grande adiantamento geral, muitas vezes tendo que somar ao intelecto a bravura e a renúncia dos interesses pessoais e da própria pele, para propiciar o bem-estar e o avanço da Ciência, ao que nos remete à Idade Média, quando encontramos a Igreja de Roma reprimindo os pensadores, a pretexto de que tudo estava consumado na Terra e que aos homens só restava esperar o dia apocalíptico, no fundo, porém, cobrindo o temor de que o conhecimento comum ameaçasse o poderio da religião sobre os povos.

Entretanto, o pêndulo foi de um extremo ao outro: da ignorância religiosa contra a ciência para a ignorância materialista contra a espiritualidade. Os pensadores modernos derrogaram Deus em troca de promessas frias de um bem-estar alcançáveis por métodos político-sociais, descobertas e invenções mecânicas.

A hora, então, é a de união de todas as correntes, rumo à evolução, mirando o progresso espiritual e eterno, mas com ensaios e aplicações já cá mesmo. O Espiritismo deve ser o elo entre essas duas vertentes.

Para o conhecimento da natureza terrena os homens encontram as ferramentas adequadas na própria natureza desta dimensão, tal como fizeram e fazem a partir da roda, do alfabeto, da bússola, do microscópio e telescópio, etc. Já para penetrar as esferas espirituais, é preciso mecanismos extraterrenos, cujas propriedades sejam acessíveis aos dois planos. Aqui se justifica a precisão da instrumentação mediúmica e por isso somos convidados a refletir mais profundamente sobre tal temática.

É o que faremos logo a seguir.

¹⁰ Ver no Evangelho de João, 8:32.

Mediunidade

A mediunidade é uma graça de Deus, tanto para os homens — pela necessidade de eles conhecerem a espiritualidade — quanto para os Espíritos: os mais evoluídos têm então a oportunidade de servir ao Criador contribuindo com os irmãos caminheiros; já as entidades espirituais em sofrimento podem, mediante o intercâmbio, receber o auxílio dos encarnados.

Essa interação entre irmãos encarnados e desencarnados acompanha o processo evolutivo da humanidade e está registrada desde os primeiros escritos, mostrando sua presença em todos os povos, das mais variadas vias de manifestações. De tempos em tempos, sabe-se de surtos de fenômenos dessa natureza, com o propósito geral de fazer um povo progredir, tal como foi no Antigo Egito, na Palestina e mais recentemente no ensejo da codificação espírita, agora, com proporções mais abrangentes, desde as febres das sessões com as mesas girantes até a convergência com as pesquisas laboratoriais, quando as academias de ciências puseram-se a pesquisar a fenomenologia.

Todas as religiões nasceram de manifestações espirituais, sem as quais não haveria como conhecermos as *leis do alto*. Elas vieram sutilmente, mas crescentes, de acordo com o desenvolvimento dos homens, razão pela qual, os egípcios que praticaram o *iniciado mediúnico* não expuseram ao povo comum suas experimentações, assim como nem os *anjos de Javé* não desvelaram tudo aos profetas, como nem Jesus contou tudo e nem os mentores da codificação espírita encerraram a revelação através de Allan Kardec.

Não há saltos na Natureza e todas as habilidades são desenvolvidas gradativamente. Por isso, assim como o homem não deixou de ser quadrúpede e passou a caminhar em pé de uma hora para outra, também as faculdades mediúnicas têm sido desenroladas ao longo dos tempos, justificando assim que os primeiros ensaios tenham sido problemáticos e que as próximas gerações estejam mais bem condicionadas a um intercâmbio espiritual mais eficiente e produtivo.

Os primeiros extrassensitivos — ou seja, as pessoas dotadas de capacidades para percepções de eventos espirituais — experimentaram diversos desafios diante dos fenômenos a que estavam ligados, a começar por eles próprios não terem uma boa noção desses *dons* que carregavam em si. Quando traziam bons presságios e produziam manifestações de cunho agradável ao meio comum, geralmente eram cortejados; porém, quando se viam forçados a ditar advertências e profetizar desagradáveis eventos, eram questionados, ridicularizados e, não raro, condenados a duras sentenças; se não

sabiam domar os efeitos ou eram inaptos para decodificar as mensagens de que eram portadores, comumente recebiam o epíteto de loucos e de possuídos por *forças maléficas*. Apenas como referência mais direta, nas entrelinhas dos livros bíblicos, lemos inúmeros exemplos desses medianeiros, postados em diversas situações.

Porém, a demasiada ignorância humana, corroborada pelo comum espírito de ganância, fez com que muitos potenciais médiuns se perdessem no ofício mediúnico e atrasasse o desenvolvimento da Terra. Perseguição de um lado e autoclausura de outro interferiram negativamente com a interação entre o plano superior e a Humanidade. Foi assim no passado e ainda tem sido.

A exploração das capacidades mediúnicas reais e as fraudes dos charlatões pesam enormemente sobre a opinião popular, já tão condicionada pelas injúrias alastradas pelas religiões comuns contra os ideais espiritualistas. Por pretextos diversos, as igrejas lançam trevas e terror sobre as possibilidades mediúnicas alegando, entre outras coisas, que as comunicações partem de seres demoníacos, fazendo alusão à magia negra e os lendários pactos com o diabo. Contudo, porque a ousadia das gerações recentes não mais se contenta com concepções tão medievais, a tática mais expositiva é a de desqualificar os médiuns e os efeitos transcendentais.

Contudo, devemos destacar a gigantesca contribuição do Espiritismo para os novos rumos dessa integração. Em meio àquele turbilhão de espetáculos e especulações no torno dos fenômenos espirituais de meados do século XIX, a luz trazida pelos mentores espirituais que guiavam Allan Kardec salvaguardou uma ruma de sensitivos, que, noutros tempos, fatalmente seriam censurados, reputados de assombrosos títulos, perseguidos e que se autoperturbariam. Com Kardec, especialmente em apoio a "**O LIVRO DOS MÉDIUNS**", a humanidade ganhou um legado extraordinário, por cuja obra nós temos orientações seguras e didaticamente ordenadas para uma boa experimentação desse dom inestimável para nossa evolução.

E não há como nós deixarmos de mencionar também o papel desempenhado por Francisco Cândido Xavier como médium — sem contar o caráter de sua pessoa —, ao consagrar a junção entre grande produtividade, especialmente pela psicografia de livros (mais de quatrocentas obras) e mensagens familiares, com a gratuidade do serviço missionário — característica imprescindível para configurar o modelo de *mediunidade cristã*, sob a luz da caridade. Chico Xavier é o divisor de águas para a mediunidade e, por conseguinte, um dos marcos da História da Doutrina Espírita — no Brasil e no mundo. Sua profícua contribuição literária está longe de ser esgotada, pela

quantidade, profundidade e complexidade de novidades apresentadas, especialmente pelas inspirações de Emmanuel e André Luiz, a ponto de indagarmos, quase desconsolados: o que ainda haveria por vir?

E, de fato, há muito por vir. Por isso precisamos da mediunidade, o que implica dizer: precisamos de bons médiuns e espíritas, na mais pura concepção do termo.

Condicionamentos mediúnicos

Contudo, não obstante a clareza e justeza da didática aplicada pelo mestre pedagogo na codificação do Espiritismo, a mediunidade nem sempre tem sido bem interpretada e, especialmente, exercida pelo movimento espírita. Tantos condicionamentos estão sendo postos em vigor pelas casas espíritas e outros tantos equívocos estão sendo dogmatizados por dirigentes doutrinários que, por vezes, indagamos como o plano espiritual superior tem sido tão paciente conosco.

O leitor poderá dizer "Os Espíritos superiores são pacientes justamente porque são superiores". Ok, mas devemos saber que há metas a serem cumpridas e que, embora tenhamos a eternidade para nos aperfeiçoar, não é salutar passarmos a infinidade dos tempos na ignorância, prorrogando desnecessariamente nosso próprio sofrimento.

Sob o pretexto de "disciplina, disciplina e disciplina" — leia-se "rigor, rigor e rigor", o que deveria ser interpretado como "organização" —, muito se tem podado as potencialidades de possíveis bons médiuns e, de outra feita, como se tem desperdiçado energia onde e em quem não há tais faculdades e nem o cabimento da mediunidade. Isto é pelo fato de ainda se supor que todas, absolutamente todas as pessoas são ou podem ser porta-vozes dos Espíritos, ignorando o exemplo do próprio Kardec, que peremptoriamente não tinha percepções mediúnicas.

Nos trabalhos que fiz para alcançar o objetivo que me propus, sem dúvida, fui ajudado pelos Espíritos, assim como eles me disseram várias vezes, mas sem nenhum sinal exterior de mediunidade. Então, não sou médium no sentido vulgar da palavra, e hoje compreendo que é feliz para mim que assim o seja. Por uma mediunidade efetiva, não teria escrito senão sob uma mesma influência; seria levado a não aceitar como verdade senão o que me teria sido dado, e isso talvez estivesse errado; ao passo que, na minha posição, convinha que tivesse uma liberdade absoluta para tomar o bom por toda parte onde ele se encontrasse, e de qualquer lado que viesse; portanto, pude fazer uma escolha de diversos ensinamentos, sem prevenção, e com inteira imparcialidade. Vi muito, estudei muito, muito observei, mas sempre com um olhar impassível, e não ambiciono nada de mais do que ver a

experiência que adquiri ser aproveitada pelos outros, dos quais estou feliz de poder evitar os escolhos inseparáveis de todo noviciado.

REVISTA ESPÍRITA, Allan Kardec - Novembro de 1861: "Discurso em Bordeaux".

A própria aplicação do serviço mediúnicos convencionado hoje em dia é um tanto questionável. Algumas vezes trancafiada em *salas de mesas brancas*, como nos oráculos dos tempos remotos, num patamar de algo sagrado e inviolável para leigos, reservada para os *iniciados*, porque — dizem — "é uma coisa séria e não pode ser usada como exibição". Outras vezes, no outro extremo, é explorada em verdadeiros espetáculos, dando sequência aos fenômenos das mesas girantes do período pré-codificação, em forma de (supostamente) pintura mediúnica assinada por Espíritos que na Terra foram grandes gênios dessa arte, comoventes sessões de psicografias de entidades familiares, consultas e receituário de vultos curandeiros, etc.

Um exemplo clássico é o condicionamento pelo qual se crê que apenas se pode usar os dotes mediúnicos nos recintos espíritas. Ora, é evidente que determinadas assistências espirituais exigem uma organização que dificilmente se encontra em lugares avulsos, mas também é certo que há modalidades mediúnicas cujo caráter prático é voltado para a vida prática do médium, que aí tem a oportunidade de, entre outras coisas, ir buscar ovelhas fora do rebanho espírita. Portanto, a regra básica é a de sensatez.

Lamentavelmente, a via mediúnica tem sido pouco utilizada nos centros espíritas como fonte de estudo e pesquisa. Há um exagerado respeito aos Espíritos que se apresentam como *mentores* dos trabalhos institucionais da casa, como se fossem infalíveis e absolutamente inquestionáveis. Esse respeito normalmente impede o diálogo, pois as comunicações são unilaterais, ou seja, os desencarnados ditam o que é e o que não deve ser. Também, em geral, nada se busca de novo, como se o Espiritismo já estivesse sido completado.

Ecumenismo e sincretismo

Também é triste admitirmos que ainda impere muito ritualismo no meio espírita corrente, mantendo velhos atavismos ou criando novos. Não é raridade nos depararmos com a mistura de ritos e cultos religiosos nos serviços de assistência espiritual. Há mesmo uma ideia de que determinados ofícios no plano superior sejam fatiados conforme as crenças, em cuja distribuição se vê os *Espíritos espíritas* no papel de doutrinadores, intelectuais e amparadores superiores, ao lado de *Espíritos afros* (umbandistas, candomblecistas, quimbandistas, etc.), que então ficariam com o trabalho mais *sujo* e pesado, de

resgatar os irmãos atolados nas lamas das trevas da espiritualidade. A impressão passada por essa versão é a de que, portanto, certos necessitados não encontram na terapia espírita o tratamento completo, precisando assim se submeter a diversos estágios e laboratórios assistencialistas.

O Espiritismo é ecumênico, porém, não sincrético.

Ora, os Espíritos esclarecidos não têm denominação de facções terrenas — nem são espíritas, nem católicos, nem umbandistas, nem possuem qualquer rótulos desta dimensão. As entidades que se revelem desta ou daquela religião ou escola filosófica humana mostram-se ainda bastante materializados para serem considerados guias e mentores espirituais. No entanto, logicamente que eles podem atuar preferencialmente neste ou naquele espaço, assim como se simpatizarem com este ou aquele médium, desde quando os propósitos de ambos se convergem. Inclusive, isto facilita o intercâmbio.

Os missionários da luz atuam em todos os campos do globo terrestre e procuram favorecer todas as nações, todas as agremiações e a todos os homens. Todavia, é desconhecida qualquer outra doutrina que facilite essa colaboração entre encarnados e desencarnados mais do que a Doutrina Espírita o faz. Não que o Espiritismo seja o dono da espiritualidade, mas que seja a melhor escola na qual os Espíritos possam atuar. É uma questão de conveniência. Mais tarde, as igrejas católicas e protestantes poderão se reformar e abri as portas para a experimentação mediúcnica. Porém, hoje, elas estão demasiadamente fechadas para si, impedindo que a graça de Deus se manifeste com maior intensidade.

De uma forma geral, os Espíritos mais adiantados são ecumênicos por serem solidários a todos os segmentos — religiosos e filosóficos — que se prestem a promover a espiritualização dos seus praticantes, ao mesmo tempo em que não são sincréticos e nem fazem apologia às bandeiras partidárias — nem mesmo em favor do Espiritismo. Ao contrário, nos convidam a refletir quanto à necessidade de nos despojarmos desses rótulos da dimensão material. Quando participam nos trabalhos particulares de cada casa, igreja ou terreiro, procuram imprimir que a essência divina não se prende a nenhuma denominação doutrinária humana. E numa análise mais profunda, podemos apurar que o Espiritismo igualmente converge para tal postura, compreendendo que os epítetos *espírita*, *espiritismo*, *cristão* e *cristianismo* são convenções circunstanciais, também fadados ao desuso, quando então apenas veremos que o único rótulo a permanecer seja o da **fraternidade cósmica**, ou **fraternidade divina**¹¹.

¹¹ Ver mais sobre esse tema em "CRISTIANISMO EM ESPIRITISMO", deste autor.

Mediunidade espírita

Como já é sabido, o Espiritismo não é o dono da mediunidade e nem dos Espíritos. Eles se manifestam aqui e acolá e cada qual — pessoa ou doutrina — pode usar a comunicação espiritual como bem o desejar. Desfrutando desse direito, igualmente o Espiritismo tem o seu modo peculiar de exercer o diálogo entre encarnados e desencarnados, orientando seus adeptos no que considera ser o método mais seguro e útil para tal objetivo. Portanto, o praticante espírita tem na sua doutrina um suporte para trilhar o roteiro mediúnico — não como obrigação sistemática, mas como base lógica.

A primeira referência espírita para o uso da mediunidade dentro dos moldes do Espiritismo está na codificação kardequiana, especialmente em "O LIVRO DOS MÉDIUNS", que, como o próprio subtítulo diz, é o "Guia dos médiuns e dos evocadores".

Seguindo tal orientação, vamos encontrar na referida obra Allan Kardec começando seu estudo — já no primeiro capítulo, dentro da primeira parte chamada "*Noções preliminares*" — perguntando: "Há Espíritos?".

Parece óbvio e, portanto, desnecessário, porém julgamos conveniente enfatizar que não há mediunidade sem Espíritos. Desta maneira, o primeiro procedimento de um trabalho espírita é o de cientificamente averiguar a natureza do fenômeno: se é mesmo mediunidade, se não é mistificação ou fascinação do suposto médium, no entorno do que se diz de maravilhoso e sobrenatural, e quais os métodos e sistemas usuais para a comunicação. O espírita tem que ter esse olhar clínico, científico e desapaixonado, sendo sincero tanto com aquele que se dispõe como médium quanto com aqueles que se dizem mensageiros do além.

É preciso pôr à prova médiuns e Espíritos. Assim o fez Kardec e assim recomenda a doutrina. A desatenção nesse ponto, mesmo sob o pretexto de não magoar ninguém — seja aos supostos médiuns, seja aos Espíritos —, enseja que a mediunidade e o movimento espírita caiam na banalização.

Se a manifestação mediúnica não ficar bem caracterizada logo de pronto, que seja submetida a análises sérias até que seja concluída sua veracidade. E bem melhor será para o pseudomédium se convencer imediatamente que estava sendo iludido do que encher-se de fantasias.

A verificação quanto às capacidades mediúnicas de um candidato a médium num centro espírita é um dever institucional — para o bem dos trabalhos da casa, do interessado em ser médium e do Espiritismo. Para efeito

de ilustração, voltemo-nos para uma historinha que Allan Kardec nos contou:

Certo dia, um intelectual bastante conhecido veio ter conosco e nos disse que era muito bom médium escrevente intuitivo e que se colocava à disposição da Sociedade Espírita. Como temos por hábito não admitir na Sociedade senão médiuns cujas faculdades nos são conhecidas, pedimos ao nosso visitante que quisesse dar antes provas de sua aptidão numa reunião particular. Ele realmente compareceu a esta, na qual muitos médiuns experimentados deram ou dissertações, ou respostas de notável precisão, sobre questões propostas e assuntos que lhes eram desconhecidos. Quando chegou a vez daquele senhor, ele escreveu algumas palavras insignificantes, disse que nesse dia estava indisposto e nunca mais o vimos. Achou sem dúvida que o papel de médium de efeitos inteligentes é mais difícil de representar do que o supôs.

O LIVRO DOS MÉDIUNS, Allan Kardec - 2ª parte, Cap. XXVIII, item 315

A não observância desse cuidado pode resultar em fascinação (para o pretenso médium) e vulgarização de nossa doutrina.

Normalmente, o autêntico médium tem fácil percepção das influências que recebe dos Espíritos. É possível que eventualmente tenha dificuldades na interpretação das mensagens ou na apuração da qualidade das entidades, mas o fenômeno para ele é quase sempre muito claro. Aqueles que *acham que estão ouvindo vozes* ou *acham que viram um vulto*, em verdade, não são médiuns ainda e provavelmente demorarão a ser — quem sabe, somente nas futuras reencarnações. E, diga-se de passagem, que não há obrigatoriedade de se ser médium para ser espírita, ou para servir na seara do Espiritismo; há muitas atividades para os não médiuns, inclusive dentro das sessões mediúnicas, por exemplo, como dialogador.

Ratificada a manifestação espiritual, volta-se o foco para a entidade que se comunica pelo médium: *quem é, de onde vem e qual o seu intento* — estas são algumas indagações lógicas a se fazer ao comunicante. O livro supracitado nos dá instruções de como sopesar a identidade dos Espíritos, o que extrair deles, o que podemos lhes perguntar e como podemos descobrir suas verdadeiras qualificações e intenções.

É preciso então experimentá-los, com respeito, sim, mas sem pudor de lhes ofender com o dever espírita de averiguar a verdade, pois os Espíritos adiantados não se melindram em serem testados, ao contrário, temos o testemunho na própria codificação kardequiana de que eles esperam nossa ponderação diante deles, pela mediunidade, como na comunicação assinada por São Luiz e Santo Agostinho:

“Não fiquem receosos em nos incomodar com suas perguntas. Ao contrário, procurem estar sempre em relação conosco. Serão assim mais fortes e mais felizes...”.

O LIVRO DOS ESPÍRITOS, Allan Kardec - questão 495

Exatamente Allan Kardec discorreu sobre o melindre:

(...) O Espiritismo me ensinou a dar pouco valor às mesquinhas suscetibilidades do amor-próprio. — Allan Kardec.

O QUE É O ESPIRITISMO, Allan Kardec - Cap. 1: "O Crítico".

Somos Espíritos encarnados e Espíritos são homens desencarnados. E como podemos nos deparar aqui na Terra com semelhantes muito inteligentes e virtuosos, também podemos nos ligar a entidades do além mais ou menos evoluídos. A ponderação espírita nos diz para examinarmos as ideias em conjunto, independentemente de quem elas tenham partido — seja de uma alma encarnada, seja de um Espírito. Num trabalho espírita, a origem não qualifica as ideias em absoluto, pois um médium, ou outra pessoa qualquer numa reunião espírita pode ter conhecimentos e conceitos superiores que mesmo os desencarnados que ali se apresentam.

Para que tudo seja bem averiguado e, enfim, para que haja condições de desenvolvimento mediúnico, é necessário que se permita as manifestações. As ponderações só são viáveis mediante os fenômenos. Como racionalizar as consequências sem que se tenha permitido os efeitos? Não é o caso de se escancarar de uma vez tudo que se queira, mas também não devemos limitar as comunicações a título de preservar um *ambiente sacro*. O intercâmbio entre homens e Espíritos não é, literalmente falando, *algo sagrado*; é uma coisa neutra, que pode ser usada tanto para o bem quanto para o mal.

Experimentar é preciso, contudo, essa experimentação mediúnica só faz sentido quando nela houver lógica e utilidade para o bem comum, sem se limitar a satisfações pessoais e resoluções de questões fúteis, por exemplo, desvendar a vida passada por mera curiosidade.

O Espírita sabe dos perigos de uma mediunidade mal direcionada, que é porta de entrada para a obsessão. Porém, que não se culpe o canal mediúnico por ser o responsável pelos processos obsessivos. Estes existem e sempre existiram dentro e fora do meio espírita e da prática mediúnica. São obsediados todos os dias crentes e ateus, sabedores ou ignorantes das relações espirituais. Não foi o Espiritismo quem inventou a obsessão e não seria melhor que essa doutrina deixasse de existir ou que nunca tivesse existido. Ao contrário, sem as luzes da Doutrina Espírita, como a humanidade poderia se inteirar desse grande mal e, por conseguinte, tratá-lo?

É bem verdade que ser médium é um referencial a mais para alguém ser assediado, entretanto, não há que se lastimar tal condição em razão de não correr maior risco de perseguição espiritual, pois ao lado do mal está o remédio

para tudo: se o médium é potencialmente mais sujeito a atrair Espíritos voltados para o mal, também são muito mais amparados pelas boas entidades, desde que se prontifiquem ao bom serviço espiritual. O ofício mediúnico então é uma prova mais ou menos dolorosa e ao mesmo tempo uma missão honrosa, previamente estabelecida em concórdia com o médium e a espiritualidade.

Para estar ainda mais seguro de suas faculdades e melhor servir, os médiuns podem se servir das instituições espíritas. Também em "**O LIVRO DOS MÉDIUNS**", Allan Kardec traça diretrizes de como os grupos espíritas podem proceder, deixando como exemplo a organização institucional da **Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas** — o primeiro centro espírita do mundo, do qual o codificador foi fundador.

Médium espírita

A respeito dos médiuns, nunca basta que se diga: o melhor deles é aquele que retransmite mais fielmente a mensagem que lhe foi confiada, como um bom carteiro, que recebe a correspondência na agência distribuidora e a leva seguramente ao respectivo destinatário. Pode até não ser uma pessoa evoluída, nem intelectualmente, nem moralmente, mas será um bom médium se for um bom entregador da mensagem.

Não exato dizermos que é preciso estudar para ser um bom médium. Logicamente que, sendo uma pessoa moralizada e intelectualizada, muito mais simpatia angariará, como pessoa, dos Espíritos Superiores. Mas estes, muitas vezes se servem de uma alma menos evoluída justamente para lhe oportunizar a ascensão, quando não pela falta de outro que disponha de melhores condições. O estudo espírita é mais para a pessoa, como construção pessoal, não para a formação mediúnica, pois o que mais se dá na conexão espiritual é a entrega do médium e o desenvolvimento das atividades por parte dos benfeitores do plano superior. Ou seja, mediunidade mesmo se aprende é no exercício mediúnico.

E que não se cansem de ouvir igualmente que o ofício mediúnico não é nenhum privilégio e nem capacidade mediúnica é poder. É uma peculiaridade, como é uma peculiaridade a aptidão de palestrar ou dialogar com os Espíritos, sendo que estas são muito mais particulares, visto que representam aquisições pessoais de quem as possui, enquanto que muitas vezes a faculdade mediúnica se caracteriza mais pela capacidade orgânica, de um bom desenvolvimento do órgão físico: a antena, a glândula pineal.

Estudo e desenvolvimento da mediunidade

As capacidades extrassensoriais são inerentes ao organismo físico humano, semelhante aos sentidos físicos (visão, audição, tato, olfato e paladar) e tem até um órgão apontado como o seu receptor direto: a **glândula pineal**, também conhecida como **epífise**. Todos nós temos esse órgão instalado bem no centro de nossa cabeça, porém, assim como nem todos que têm olhos podem ver, nem todo mundo tem percepções espirituais. Pode ser devido a uma deficiência física, na estrutura orgânica da glândula pineal, como pode ser em razão de os Espíritos não desejarem se revelar ou não terem a devida permissão para se manifestarem diante do respectivo indivíduo.

A epífise é uma espécie de antena de um aparelho de rádio, que capta as transmissões que estão mais próximas de si. Dependendo de uma série de fatores, pode sintonizar diversas frequências (emitidas pelos Espíritos, a exemplo das emissoras), mais ou menos nítidas. E, por razões diversas, pode mesmo ocorrer que não intercepte nenhum sinal, a ponto de o sujeito se convencer de que não tem potencial orgânico para ser médium.

Quem tem ou já teve percepções espirituais e deseja transformá-las em serviço fraterno, ou desenvolvê-las para promover sua reforma íntima através dos bons ensinamentos da espiritualidade, também encontra um bom roteiro em "**O LIVRO DOS MÉDIUNS**", com ênfase no capítulo XVII da 2ª parte: "*Da formação dos médiuns*", ressaltando apenas que, para tal objetivo, este capítulo não deve ser estudado isoladamente, mas em conjunto com todo livro mencionada, bem como toda a codificação kardequiana — apenas para começar.

Mesmo quem nunca teve qualquer experiência extrassensorial não pode descartar a possibilidade de desenvolver a mediunidade. Há incontáveis exemplos de pessoas nas quais essa faculdade eclodiu na madureza da idade. Um caso bem conhecido é o de Eurípedes Barsanulfo, de quem temos registros de espetaculares capacidades. As potencialidades mediúnicas desabrocham no tempo certo de os sensitivos poderem utilizá-las para sua elevação espiritual e para o serviço fraterno. Não há sorteio de dons e nem tampouco distribuição acidental de poderes paranormais: o que ocorre naturalmente é planejamento espiritual, envolvendo o próprio reencarnante — e potencial médium — e os seus mentores espirituais.

O bom desenvolvimento mediúnico orientado e a boa orientação para os médiuns já ostensivos se consegue pela combinação do entendimento teórico (o que é, como se processa e quais as aplicações do contato espiritual) e

das experimentações práticas, inclusive a partir de sessões de manifestações físicas. Aliás, é válido aqui acentuarmos que há certo preconceito quanto esse tipo de experimentação: há quem diga que já se encerrou o tempo dos fenômenos objetivos, como materializações espirituais, levitação, transporte de objetos e pancadas. Engano. As manifestações físicas têm sua utilidade, conforme o próprio codificador espírita reconheceu:

(...) Como dissemos, as manifestações físicas têm sua utilidade; vão às sessões experimentais os que queiram ver; vão às reuniões de estudos os que queiram compreender; é desse modo que uns e outros conseguirão completar sua instrução espírita, tal como fazem os que estudam medicina, os quais vão, uns aos cursos, outros às clínicas.

O aprendizado espírita não abrange apenas o ensinamento moral que os Espíritos dão, mas também o estudo dos fatos. Cabe a ele a teoria de todos os fenômenos, a pesquisa das causas, a comprovação do que é possível e do que não é; em suma, a observação de tudo o que possa contribuir para o avanço da ciência (...).

Conforme já dissemos, as manifestações físicas têm grande utilidade, já que abrem um campo largo ao observador, pois é toda uma série de fenômenos incomuns, de incalculáveis consequências a se lhe desdobrarem diante dos olhos...

O LIVRO DOS MÉDIUNS, Allan Kardec - 2ª parte, cap. XXIX, itens 327, 328 e 342.

Havendo médiuns com desenvoltura para tais fenômenos, o grupo pode realizar sessões do gênero, e é bom mesmo que faça isso a título de desenvolvimento fluídico, em círculo restrito aos membros da sociedade, especialmente aos candidatos ao serviço mediúnicos. O que não se pode fazer disso é um espetáculo, conforme assinalou o Espírito São Luis:

“Eu não poderia condenar as manifestações físicas, pois que se elas se produzem, é com permissão de Deus e para um fim proveitoso. Dizendo que elas foram o vestibulo da ciência, assino-lhes a categoria que verdadeiramente lhes compete e lhes comprovo a utilidade. Condeno somente os que fazem disso objeto de divertimento e de curiosidade, sem tirarem o ensinamento que daí decorre. Elas são, para a filosofia do Espiritismo, o que a gramática é para a literatura, e quem chegou a certo grau de conhecimento numa ciência, já não perde o tempo em lhe repassar os elementos”.

O LIVRO DOS MÉDIUNS, Allan Kardec - 2ª parte, cap. XXXI, mensagem XVIII

Um ponto que precisa ser ressaltado — em razão de sua importância, mesmo que pareça repetitivo demais — é o de que nem todo mundo é médium e, portanto, seria perda de tempo e de energia tentar desenvolver faculdades mediúnicas onde não há os germens necessários para a frutificação. Equivaleria a regar um pinheiro na expectativa que dele brote maçãs. Tanto mais prejudicial e frustrante seria para aquele que pretenda ser retransmissor dos Espíritos sem possuir a expansão perispiritual necessária, quanto para o grupo a que se preste servir. Para o próprio bem e para o bem desse grupo, esse indivíduo poderia estar desenvolvendo outras capacidades úteis, por exemplo, a oratória para palestrar ao público, a pedagogia para monitorar cursos, a

dialogação para as sessões de atendimento espiritual, etc.

E como saber o grau das potencialidades mediúnicas pessoais, para continuar insistindo ou desistir de vez? Novamente fica a sugestão para o estudo de "**O LIVRO DOS MÉDIUNS**", no capítulo específico "*Da formação dos médiuns*",¹² que, em resumo, recomenda a experimentação até que, passado certo tempo, nada acontecendo, o candidato ao serviço mediúnico pode recorrer a um médium experiente e consultar a espiritualidade sobre tal questão. Um Espírito adiantado poderá lhe dizer se há nele potencialidades e inclusive lhe direcionar para determinado tipo de mediunidade — por exemplo, psicografia, psicofonia, magnetização, etc. Ainda assim, deve-se levar em conta que nem mesmo a informação da espiritualidade pode ser exata, pois os Espíritos tendem a sinalizar positivamente de que qualquer um pode desenvolver sua mediunidade. Penso eu que eles agem assim em razão de que, de alguma forma, os esforços empregados e o cultivo do desejo de servir à espiritualidade sirvam de preparo para esse ofício, mesmo que isso só vá ser possível numa reencarnação futura. Logo, somente pela tentativa prática é que efetivamente o candidato poderá pôr à prova suas faculdades mediúnicas ou descobrir que não as possui o suficiente para um trabalho ostensivo.

Por fim, no exercício da mediunidade, que não se perca jamais o intento de servir à causa humana na promoção da evolução espiritual, com sabedoria, caridade e utilidade prática, do mesmo modo que não ninguém se dispense da necessidade de se autorreformular apenas por estar (supostamente) prestando um serviço à coletividade. A (suposta) caridade aos outros não pode servir de fuga dos compromissos pessoais.

Institucionalização do Espiritismo

Ao contrário das doutrinas comuns, o Espiritismo não é subordinado a uma ordem institucional, hierárquica e oficializada — nem pelas leis civis, nem por direitos religiosos sagrados. Nisto se diferencia das ciências formais, que possuem academias, certificação, regimentos e disposições legais, assim como se distancia das religiões tradicionais, que creem terem um corpo eclesiástico de pessoas consagradas pela bênção divina, como se fossem legítimos representantes de Deus na Terra, dotados de atribuições especiais concedidas pelo alto. Com isso, para ser médico, por exemplo, o pretendente precisa trilhar o estudo acadêmico, ser diplomado, adquirir o registro legal para o exercício da

¹² Na 2ª Parte, Cap. XVII.

atividade médica e cumprir as regras vigentes para a profissão. Igualmente, para ser um consagrado em determinada religião, faz-se necessário ingressar nos condicionamentos formais da respectiva doutrina. Para ser um padre católico, por exemplo, o fiel precisa estar em dia com os devidos sacramentos, estudar no seminário, receber a ordenação episcopal, corresponder ao código canônico católico e seguir a liturgia da Igreja Apostólica Romana, a começar pela obediência irrestrita ao Papa. Por sua vez, o espírita não é constrangido a participar de qualquer filiação institucional.

Ser espírita é uma autopromoção. Não é a casa espírita ou qualquer instituição que batiza ou define o indivíduo como espírita. Cada qual se consagra seguidor do Espiritismo pelos seus próprios esforços em conhecer e praticar os conceitos espíritas, que têm como propósito maior promover a evolução espiritual de cada ser, da coletividade e do meio ambiente em que está inserido, colaborando com a obra de Deus.

É possível ser espírita sem nunca pisar em uma casa espírita, sem nunca tomar ou aplicar um passe, nunca se submeter a um tratamento espiritual, sem nunca experimentar a mediunidade e jamais participar de um trabalho dentro do movimento espírita organizado. Isto porque casa espírita não é igreja, a mediunidade não é liturgia e nem as federações espíritas são cartórios oficiais. Contudo, convém considerarmos a utilidade de nosso engajamento nas atividades associadas.

Descobrir a maravilhosa luz da Doutrina Espírita e guardá-la para si é, no mínimo, egoísmo. Como não nos empolgarmos em ajudar aos nossos semelhantes na descoberta dessa escola evolutiva instalada na Terra? Por isso, é importante nos agruparmos e juntamente com nossos confrades promovermos campanhas e projetos espíritas, se possível em massa, com os melhores recursos de que dispomos, como rádio, televisão e internet. Porém, devemos averiguar como melhor proceder para tais realizações, observando nos modelos que estão em vigor tanto as coisas boas — para aperfeiçoá-las — quanto os seus equívocos — para corrigi-los.

Centro Espírita

Favor não confundir com *templo espírita*.

Um centro espírita, ou uma casa espírita, é basicamente um lugar onde pessoas afins se reúnem para praticar Espiritismo, em atividades do tipo: estudo e pesquisa doutrinária, experimentação mediúcnica, confraternização

entre encarnados e desencarnados, prestação de assistência espiritual e social, produção e reprodução de arte espiritualista, divulgação da doutrina, etc.

Difícil imaginar que uma única fundação consiga reunir tudo isso supracitado, não? É normal, inclusive, que algumas casas priorizem e se especializem em determinadas destas finalidades. Em razão disso, também é normal que uma pessoa se simpatize mais com este centro do que com aquele outro, considerando as necessidades e particularidades de cada indivíduo.

Na relação de atividades sugerida acima, uma das mais importantes foi propositadamente omitida e talvez o leitor tenha se dado conta dessa falta: a prática da oração. Sim, podemos considerar uma instituição espírita também como uma casa de louvor a Deus, onde podemos meditar, cantar e fazer preces coletivas. Entretanto, é lamentável que tenhamos de admitir o quanto apelativo tem sido o uso dessa faceta religiosa em grande parte das casas espíritas, hoje em dia. Daí a razão por que fizemos tal omissão, num primeiro momento. Há um modelo muito comum de (dito) *centro espírita* de cujos moldes são muitos semelhantes aos de uma igreja qualquer, nas quais as sessões públicas se confundem com um culto evangélico trivial, as palestras lembram muito uma homilia da missa católica e onde a demanda muito mais se interessam pelo assistencialismo banal — em forma de limpeza espiritual, cirurgia milagrosa ou consulta pessoal — do que por conhecimento e reforma moral. O frequentador, chamado de *assistido* ou *paciente*, é recebido como um fiel, religioso — igualzinho àqueles que buscam as igrejas —, ou como usuários, doentes — semelhante aos clientes de uma clínica médica. Afinal, os chamados *trabalhadores espíritas* estão ali, nessa modalidade de supostas casas espíritas, fazendo o papel eclesástico. Tanto é que, na maioria das instituições que segue esse padrão, existe até uniforme (quase um paramento¹³), destacando estes daqueles que "não são da casa". As orações que se fazem nessas *igrejas espíritas* são quase sempre somente rezas automáticas, sem sentimento, apenas falácia.

Não há que se desprezar tais casas, pois compreendemos que elas passam por uma fase de transição e, de certo modo, acabam prestando um serviço fraterno. Contudo, pesa na consciência imaginar que estes centros acabam por denotar um formato equivocado de Espiritismo, pelo qual a terapia oferecida é do ritualismo: passe, água fluidificada, leitura mecânica das obras recomendadas e curso doutrinário — para quem deseja se filiar à instituição e ser um seareiro ali.

¹³ **Paramento:** vestuário específico para as liturgias sacerdotais, como batina, túnica, etc.

Mas, vamos nos concentrar no positivismo e na casa espírita mais próxima do modelo ideal. Então, diríamos que neste nosso protótipo, temos:

- **Escola** - onde se estuda a base doutrinária de Allan Kardec e as principais obras complementares, por exemplo, a bibliografia de Léon Denis, Gabriel Delanne, Ernesto Bozzano, Alexandre Aksakof, Sir Arthur Conan Doyle, Bezerra de Menezes, Yvonne Pereira, Chico Xavier, etc.
- **Laboratório** - onde se faz pesquisas e experimentações, especialmente no campo da mediunidade;
- **Posto de socorro espiritual** - onde os benfeitores do além se unem aos homens de boa vontade na prestação mútua de assistência espiritual e, ocasionalmente, social;
- **Praça Fraterna** - onde os encarnados e os desencarnados — amigos e familiares — se confraternizam, compartilham estudos e pesquisas;
- **Oficina artística** - onde os artistas — os da Terra e aqueles que agora se figuram entre os Espíritos — criam e reproduzem suas obras, inspirados pelo esplendor das belezas cósmicas, evangelizando-se e evangelizando através das artes (música, teatro, dança, pintura, etc.);
- **Estação de difusão doutrinária** - onde se pode elaborar mídias promocionais da doutrina para serem divulgadas pelos mais diversos canais de telecomunicações (rádio, televisão, internet, etc.);
- **Casa de meditação e oração** - onde se celebra coletivamente a vida, a natureza e as virtudes e onde também se pode fazer recolhimento íntimo para meditação e louvor a Deus.

Na indicação de Kardec¹⁴, a sociedade espírita deve ter um aspecto familiar, ser composta de um número reduzido de associados (para manter o bom entrosamento), seguir organização e regulamentação civil, ser reservada aos membros iniciados na Doutrina e verdadeiramente comprometidos com a causa e, esporadicamente, promover sessões públicas, para leigos e assistidos. Diz o codificador que, no caso de grande expansão de uma determinada instituição, sejam criadas ramificações, casas filiadas e distribuídas em endereços diversos, mas que estas casas mantenham o espírito fraterno e se confraternizem em determinados eventos.

Sobre o *tamanho da casa*, não devemos tomar a rigor a ideia de que um centro espírita não deva passar de um cubículo. É preciso ponderar quanto à dinâmica desenvolvida e o raio de alcance dos trabalhos.

Portanto, a disposição dos trabalhos, sua organização e os resultados práticos são os fatores determinantes para estabelecer o seu melhor perímetro.

¹⁴ Ver em "O LIVRO DOS MÉDIUNS", Allan Kardec - 2ª Parte - Cap. XXIX: "Das reuniões e das sociedades espíritas".

Obra social

Este quesito foi aqui destacado para podermos aprofundar melhor nossa reflexão no seu entorno, pois este autor vê bastantes exageros na sua aplicação no meio espírita atual. Não que seja contrário à assistência social, mas por observar certo desvirtuamento das atribuições espíritas nesse âmbito.

A caridade material é, portanto, uma das vias da caridade — virtude essa que destaca espiritualmente aquele que a valoriza. Dadas as necessidades atuais de nosso orbe, seu exercício é fundamental para o equilíbrio da humanidade, e que, para muitos, constitui quase que o único meio de sobrevivência, como lição de humildade e resignação. Porém, que ao seu lado não estejam omitidas as demais faces da caridade, tais como a caridade sentimental, intelectual e moral.

Muitas instituições espíritas nascem e se desenvolvem originalmente visando o trabalho de assistência material. Algumas trazem até a insígnia *Grupo assistencial*, ou similar, já no próprio nome da entidade; outras, além de destacarem o caráter assistencialista, omitem o adjetivo *espírita*. Mas, até aí, tudo bem: é só uma questão burocrática. O problema é que, a pretexto de observar o mandamento cristão "Dê com a mão direita o que a esquerda não veja",¹⁵ alguns pensam que *esconder* a fonte espírita é um ato de humildade e abnegação, como se fosse agressivo, juntar ao pão material a luz sublime, o pão espiritual que a nossa doutrina proporciona.

E dificilmente há pureza nessa obra caridosa: não é raro encontrarmos a ostentação velada nos balancetes mensais e anuais, nos quais os dirigentes exibem os números da obra social da sua casa, como se a quantidade de caridade material fosse um medidor de qualidade, e de quão espírita seja a instituição.

O auxílio material a quem necessita é válido e não deve ser usado como *isca* para convencer e converter consciências ao Espiritismo: se alguém está na condição de carente e é possível socorrê-lo, façamos! Que ninguém exija ao socorrido o compromisso de se tornar espírita em troca da cooperação material, mas que ninguém lhe furte a oportunidade de receber o convite para conhecer o Espiritismo. Além do mais, devemos ter em mente que a sua condição momentânea de carência não é despropositada, mas obedece a uma ordem natural com a mais absoluta justeza. Amenizar seu sofrimento é ato de caridade, mas somente se acompanhada de um programa de resgate maior, cujo

¹⁵ Ver no Evangelho de Mateus, 6:3.

objetivo seja o de libertar o infeliz da circunstância degradante em que se encontra. Sua miséria — material e moral — certamente está relacionada à prova de se submeter ao amparo alheio, a quem possa lhe dar o alimento para o corpo, juntamente com o alimento para a alma. Sem esse conjunto, a assistência corre o risco de se transformar em assistencialismo barato, humilhante, viciante e perverso. Em sua passagem terrena, Cristo multiplicou os pães sim, mas seu projeto de evangelização era essencialmente de libertação moral.

Num horizonte mais evoluído, escola fundamental, creche, asilo e fundações afins são prerrogativas do Governo. O que bem cabe ao centro espírita é conscientizar politicamente as pessoas para que elas participem da administração pública. Tomar para si obrigações dos administradores públicos é contribuir para a banalização da política. Logicamente que, num plano emergencial, é cabível os espíritas investirem em obras sociais e na fundação de organizações assistenciais, mas sempre trabalhando para aquele horizonte mais evoluído, sendo indispensável somar à caridade material aquilo que julgamos salutar para nosso progresso pessoal e coletivo, que é o ensinamento espírita. Agora, se não se acredita no valor da doutrina, então que não se declarem pertencentes a ela. Que montem uma ONG (Organização Não Governamental) qualquer, e não a classifiquem exatamente como sendo uma instituição espírita.

Como nasce um centro espírita

A primeira instituição espírita do mundo foi a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, fundada por Allan Kardec, no ano de 1858, na capital francesa, seguindo todas as regulamentações civis vigentes naquele país e cujo estatuto encontra-se no antepenúltimo capítulo de "O LIVRO DOS MÉDIUNS". Lá, já de pronto, o codificador publica uma nota para explicar que aquele estatuto não deve ser lido como um modelo absoluto a ser religiosamente obedecido na formação de novas sociedades, pois é preciso considerar as circunstâncias regionais onde se pretende levantar a instituição e os objetivos dela. Diz ele que a publicação do modelo estatutário daquela Sociedade tem por fim servir de sugestão, base inicial, para, a partir de seus dispositivos, os novos centros espíritas possam planejar seu regimento particular. Este detalhe é muito importante, entre outras razões, porque já no primeiro artigo do primeiro capítulo — que define o objetivo da Sociedade — há uma norma explícita que proíbe nela as questões políticas. Logo, por comparação, o leitor poderia alegar aqui a inconveniência do item anterior desta exposição ("Obra social"), no qual

foi defendida a ideia de uma conscientização política dentro do movimento espírita.

Então, é válida a indagação: se tal questão não era admitida na Sociedade Parisiense, por que deveria ser considerada em uma casa espírita atual? A resposta está na particularidade daquela Sociedade Parisiense: a referida determinação obedecia às exigências civis da França daquele século XIX, sob o império de Napoleão III, e não exatamente a uma censura doutrinária. Hoje, porém, pelo direito constituinte de livre expressão e pela necessidade de uma maior participação popular — o que justifica o regime democrático, inclusive —, é mais do que salutar que a sociedade participe da política: é imprescindível.

Observando o estatuto da instituição fundada por Allan Kardec, vamos entender sua fundação pelo objetivo definido no primeiro artigo, no primeiro capítulo:

A Sociedade tem por objeto o estudo de todos os fenômenos relativos às manifestações espíritas e suas aplicações às ciências morais, físicas, históricas e psicológicas.

O LIVRO DOS MÉDIUNS, Allan Kardec - Cap. XXX

Portanto, ali se fundara um centro de estudos e um laboratório de experimentações de tudo o que resultasse dos fenômenos espíritas. Ou seja, aqueles espíritas — médiuns e estudiosos não médiuns — reuniam-se para se comunicar com os Espíritos — os nomes invocados ou entidades diversas que ali se apresentassem voluntariamente —, com que eles experimentavam fenômenos físicos e debatiam temas teóricos, para, depois das manifestações, a Sociedade tirar conclusões doutrinárias úteis das sessões espirituais, conclusões essas dentro da razão e da lógica, sem preconceitos ou fanatismo.

Contudo, hoje em dia, como nasce um centro espírita?

Num universo de possibilidades, muitas são as causas que resultam na criação de um grupo espírita. Talvez a causa mais comum atualmente seja a partir de dissidências, em que pessoas deixam uma casa já constituída para abrirem um novo centro. De outro modo, há muitos casos em que, a partir da mediunidade de alguém, a própria espiritualidade orienta as pessoas escolhidas na formação de uma equipe.

A questão crucial para o nascimento de um centro espírita é o objetivo original e as diretrizes traçadas para a sua execução: o que o grupo quer e como pretende realizar seus intentos.

Dois pontos fundamentais:

1. O grupo deve estudar a base doutrinária, mesmo que cada membro já tenha passado por essa etapa, firmando um consenso acerca dos conceitos propostos pela codificação;
2. Abrir espaço para experimentações mediúnicas.

Pode acontecer de não haver nenhum médium entre os membros de um centro espírita, ou mesmo a ausência de Espíritos capazes de se comunicarem, ocasionando assim o insucesso do segundo fundamento acima descrito. Porém, isso não invalida os trabalhos da instituição. Em tal condição, o grupo pode voltar-se para outras inúmeras frentes de atividades úteis, como por exemplo, a difusão da doutrina através de campanhas artísticas¹⁶. Contudo, é muito improvável que em um grupo sério e bem organizado, dentro dos conceitos espíritas, não haja um, pelo menos, que seja totalmente desprovido de fluidos magnéticos e capacidade de expansão perispiritual necessários para a sintonia espiritual. Da mesma forma, seria estranhável que próxima a eles não houvesse uma única entidade que conduzisse algum dentre aqueles voluntários ao desdobramento mediúnico.

Toda equipe que se forma na Terra para praticar Espiritismo angaria a tutela espiritual e quanto mais dedicados forem os membros desse grupo, mais amparo receberão do plano superior.

Personalismo e oraculismo

Dois problemas — graves e, lamentavelmente, comuns — nesse processo são: o personalismo dos dirigentes e o oraculismo banal. No primeiro caso, detectamos a imposição arbitrária daqueles que exercem alguma ascendência frente aos demais, seja por terem a desenvoltura de convencer mediante capciosa argumentação, seja por uma influência social. Já o problema do que chamado oraculismo é em relação ao comportamento passivo e submisso do grupo diante das recomendações dos Espíritos (supostamente), que se apresentam como os *mentores do grupo* — que bem poderíamos ler *donos do grupo*, a exemplo dos antigos oráculos.

Muitos bons grupos espíritas se perdem por esses dois caminhos, acima descritos. Daí, vemos determinadas casas espíritas praticamente reinventando a roda, reescrevendo a codificação do Espiritismo, mesclando isso com aquilo, renomeando a nomenclatura kardequiana ou criando novos e

¹⁶ Ver em "O LIVRO DOS MÉDIUNS", Allan Kardec - 2ª Parte - Cap. XXIX, item 347.

revolucionários técnicas e procedimentos ao sabor da pretensão dos diretores encarnados ou amparadores espirituais. O grupo fica fraco, pois ninguém ousa discordar dos estranhos apontamentos do *chefe*, nem perguntar por que as entidades ordenaram pintar o prédio de branco e proibiram o uso de roupas escuras (só como exemplo), nem duvidar do medianeiro que traz as mais esdrúxulas mensagens como se fossem bulas papais.

Não é que uma casa espírita não possa ter ou deva deixar de ter um *guia* específico. Pode ter sim e é bom que tenha, como foram os Espírito de São Luiz e Santo Agostinho para a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. Contudo, creio que a entidade que se propõe a guiar deve ser de boa envergadura moral e intelectual, para ser complacente com os apelos dos trabalhos a serem realizados e saber guiar o grupo espírita. Deve ser bom líder, sério e carinhoso, desprovido de qualquer melindre. Deve ter boas influências espirituais para poder dar assistência espiritual. Seria como um mecenas, que patrocina um artista, por gostar da arte e por ter cacife para isso. Agora, se o suposto mecenas não tem recursos ou se porta como um investidor, interesseiro e intrometido, este não pode ser um patrocinador, e estaria mais para explorador intermediário. Da mesma forma, se o suposto mentor espiritual não é aberto ao diálogo franco, não mostra seus recursos espirituais e nem se quer sabe dar boas resoluções às perguntas dirigidas a ele, então este não está na condição de guiar um grupo espírita. Não se fala aqui de o Espírito fazer milagres ou revelar segredos — do passado, do presente ou do futuro —, mas de, por exemplo, estar a par das questões coletivas que se apresentam hoje, tais como a problemática das pesquisas com células-tronco, transição planetária, física quântica, etc.

A título de pesquisa, um dia desses, eu fui a um centro espírita e me submeti a uma consulta com um (suposto) Espírito (francamente, saí de lá sem saber se era uma manifestação espiritual, animismo da médium ou ainda fraude da camarada que se dizia médium) e minhas questões eram no entorno das atividades espíritas possíveis através da internet. Para minha surpresa, o meu consultor (suposto mentor espiritual) confessou-me totalmente leigo sobre computador, internet e etc. e até um tanto espantado com a ideia de se promover trabalhos virtuais. Num primeiro momento, reparei na expressão da médium, mais que espanto: parecia mesmo uma censura, como que uma proibição. Em seguida, meu interlocutor ponderou melhor e até se saiu bem ao dizer que "qualquer que seja o meio utilizado, todo bom trabalho é valoroso".

Eu poderia ter ficado satisfeito com a resposta, mas, na realidade, saí de lá com a impressão de que ou estamos brincando de Espiritismo ou a

espiritualidade está muito atrasada, por que se a dimensão terrena é uma cópia do plano do além, como uma entidade espiritual que vem guiar um grupo espírita não conhece a tecnologia atual? Antes de ser inventado na Terra, não é certo que o computador já havia sido desenvolvido e amplamente difundido nas esferas acima? Ora, não é verdade que o progresso intelectual precede o progresso moral? Então devemos desconfiar de pretensa vontade desprovida de conhecimento, mesmo a pretexto de exibir *simplicidade*. Não basta ser bom, tem que saber usar a bondade, e isso, só a experiência e o conhecimento fornecem. Logo, só podemos esperar que os Espíritos bons e evoluídos sejam também Espíritos intelectualizados. Não prolixos nos discursos e cheios de linguagem rebuscada, mas realmente bem informados, pois, se assim não for, como poderão ajudar aos homens?

Sinceramente, eu esperava sair de lá com acréscimos, novas sugestões sobre como aproveitar melhor as maravilhas da tecnologia em favor da evangelização à luz do Espiritismo. Não que tenha ido buscar lá um manual prontinho e mastigado, ou uma revelação revolucionária. Porém, no mínimo, esperava conversar sobre o tema de maneira informal. O axioma bonitinho que ouvi ("qualquer que seja o meio utilizado, todo bom trabalho é valoroso") não me satisfez, porque qualquer principiante espírita encarnado deduziria isso.

Alguém poderá acusar-me arrogante diante de tal postura — e esse é um direito legítimo de qualquer um —, todavia, não me cai bem a ideia de se usar a mediunidade para miudezas em vistas das grandes necessidades de que somos acometidos. Não podemos perder tempo e nem desperdiçar tantas energias, enquanto podemos fazer coisas magníficas com o auxílio espiritual.

Além disso, devemos considerar ainda o interesse de muitos Espíritos mal intencionados em se infiltrarem nos agrupamentos espíritas a fim de espalhar cizânia e mesmo trabalhar contra a causa espírita. Também disto, Allan Kardec tratou, conforme lemos:

Assim como há Espíritos protetores das associações, das cidades e dos povos, Espíritos malfeitores se ligam aos grupos, do mesmo modo que aos indivíduos. Atreiam-se primeiramente aos mais fracos, aos mais acessíveis, procurando fazê-los seus instrumentos e gradativamente vão envolvendo os conjuntos, por isso que tanto mais experimentam prazer maligno, quanto maior é o número dos que lhes caem sob o jugo.

O LIVRO DOS MÉDIUNS, Allan Kardec - 2ª parte, Cap. XXIX, item 340

Mais uma razão para questionarmos a qualidade dos Espíritos.

E em face de um membro que não se comporte tal como um espírita deve se comportar, qual deve ser o procedimento?

Perguntemos a Kardec o que ele faria em tal situação e receberemos a resposta bem objetiva:

Então, podemos considerar como regra que todo aquele que numa reunião espírita provoca por quaisquer meios desordem ou desunião – aparente ou disfarçadamente – é, ou um agente provocador, ou pelo menos um mau espírita, do qual os outros devem se livrar o mais depressa possível.

O LIVRO DOS MÉDIUNS, Allan Kardec - 2ª parte, Cap. XXIX, item 337

E repetiu a concepção:

Visto ser necessário evitar toda causa de perturbação e de distração, uma Sociedade espírita ao se organizar deve dar toda a atenção às medidas apropriadas a tirar aos promotores de desordem os meios de se tornarem prejudiciais e facilitar o afastamento deles por todos os modos.

O LIVRO DOS MÉDIUNS, Allan Kardec - 2ª parte, Cap. XXIX, item 339

E inseriu essa mesma ideia no regulamento da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, já no capítulo primeiro, artigo terceiro. O processo de expulsão está detalhado no artigo 27, no capítulo IV. E quando a laranja estragada for o chefe (dono) da casa? Então a casa terá que rever o processo administrativo e se este não puder ser excluído do grupo — quando esgotadas todas as tentativas de acordo —, o grupo deve excluir-se da casa.

Financiamento institucional

Uma questão de demasiada relevância quanto às organizações espíritas é a do seu financiamento. Afinal, como um centro espírita deve se sustentar?

Antes de tudo, destacamos que é uma regra moral o trabalho espírita ser absolutamente gratuito, desprovido de qualquer interesse material. Cada qual busque seu ganha-pão lá fora e se dedique ao Espiritismo naquilo que lhe seja possível. Dirigente, palestrante, passista, recepcionista, médium, harmonizador musical e todos quantos exerçam qualquer atividade numa casa espírita, façam voluntariamente a oferta de seu tempo e de seus talentos. Isto é uma das mais valiosas aquisições do padrão do movimento espírita, e uma das coisas que mais respalda o Espiritismo perante seus antipáticos: a desambição material, tão vigente em outras doutrinas religiosas e filosóficas.

No caso de uma fundação mais complexa, há custos reais, como a manutenção do espaço físico, materiais de trabalho e de divulgação, exigindo assim recursos financeiros. O pioneiro espírita também se deu ao trabalho de tratar dessa demanda e, conforme lemos no estatuto da Sociedade Parisiense, a

fonte monetária principal oficializada foi o pagamento regular do título de sócio. Para fazer parte daquele grupo, cada membro se comprometia a contribuir com um valor estipulado para pagamento anual, além da joia de entrada — que era uma doação a ser efetuada no ato da inscrição. Como havia dois gêneros de associados (Titulares e Associados Livres) —, os valores a serem quitados correspondiam ao tipo de carteira de sócio.

Muitos veem essa ideia simplesmente como o dízimo, estipulado na Bíblia, julgando-o um tanto nocivo, ideologicamente; sinalizam positivamente quanto às doações espontâneas, mas tendem a rejeitar qualquer configuração de pagamento regular e valor fixo.

Sinceramente, não vejo semelhança direta entre o modelo da Sociedade Parisiense e o dízimo bíblico, mas vejo muitas diferenças: o dízimo é um compromisso religioso, moral, a ser efetuado independentemente da aplicação dos recursos, e normalmente bancando as despesas pessoais daqueles que se colocam como cobradores representantes do cofre divino. O modelo kardequiano — aplicável às casas espíritas — baseia-se numa circunstância prática de manutenção institucional, como se pratica em qualquer clube social, com planilha aberta, democracia na aplicação dos recursos recolhidos e específica prestação de contas. Nada ilícito e nem moralmente depreciativo.

Durante muito tempo os centros espíritas se mantiveram com a venda de livros e demais mídias doutrinárias. Hoje, porém, esse método não satisfaz mais as necessidades e serão cada vez menos usados.

Uma alternativa bastante recorrente nos últimos tempos e que tem gerado muita polêmica é a de promoção de eventos pagos, tais como palestras, seminários, apresentações artísticas, etc. Certas pessoas julgam essa prática um abuso, recobrando o slogan "Daí de graça o que de graça receberam...". Novamente, analisando friamente, vamos verificar que em qualquer organização há eventos restritos mediante inscrição e pagamento, e é válido que os grupos espíritas possam se utilizar de tal modelo, embora seja prudente considerarmos as particularidades da questão, por exemplo, como promover o acesso daqueles interessados que, por razões naturais de finanças, não podem custear sua inscrição.

Contudo, parece-me que a ideia mais vantajosa para a aquisição legal de recursos financeiros para o centro espírita seja o almoço fraterno, ou similar, como rodízio de pizzas, macarronada, festas temáticas e etc., onde os participantes pagam e desfrutam dos comes e bebes — como fazem quando vão ao um restaurante ou passeio comum — e com o acréscimo de que todos os

membros da casa espírita se conheçam melhor e proporcione a aproximação de parentes e amigos que, ali, vão a pretexto da festa, mas que acabam por se enturmarem com a casa e com a doutrina. Por experiência pessoal, constato o sucesso desses eventos em muitas instituições. Mas devo me prolongar mais um bocado sobre essas festas fraternas comentando dois aspectos relevantes: 1) lamento muito ter visto a venda e o consumo de bebidas alcoólicas em eventos espíritas, o que penso ser deplorável; 2) tenho visto ainda eventos que exaltam a farra da carne. Não se trata de pregar a abstinência ao alimento carnívoro, mas sim de se preservar dos excessos. Quem está a fim de participar de um evento beneficente não se decide pelo cardápio. Logo, não há porque promovermos a festança pelo título de "churrascada", "porco no rolete" ou coisa parecida.

Complemento dizendo — o que seria dispensável, não fosse pela gravidade dos riscos — que a tesouraria deve ser conduzida exemplarmente, pois pesam sobre o assunto das finanças as mais justas preocupações, dado termos visto o comércio que se faz das questões religiosas. A receita de uma casa espírita deve visar a manutenção dos trabalhos, com absoluta lisura e desprendimento material, separando a luxúria daquilo que seja útil — sendo que, dentre estes, há empreendimentos que requerem qualidade e sofisticação, e portanto, investimentos.

E, finalmente, que a prestação de contas deve ser feita regular e claramente, acompanhada por todos, a fim de evitar qualquer dúvida.

Órgãos aglutinadores

As casas espíritas são núcleos independentes, ou seja, cada qual formaliza seus dispositivos de organização e trabalho. Além disso, há é interessante observarmos o exercício dos órgãos aglutinadores, que unem os núcleos em associações regionais — municipais, estaduais, federais e até internacionais.

O papel dessas entidades normalmente é descrito como o de *unificação* do movimento espírita, porém, particularmente, penso que o termo mais apropriado seja **interação**, a nos dizer da proposta de que cada núcleo — conservando sua independência — participe de atividades especiais em conjunto com as demais instituições. Essa interação permite que planejem eventos e campanhas de maior alcance e ainda proporcione a troca fraterna de experiências dos trabalhos particulares de cada centro.

Aí entra em pauta o exercício das capacidades de trabalho em equipe e, por conseguinte, a prova de desprendimento da vaidade, porque sabemos que, numa atividade em conjunto, é improvável a unanimidade e não havendo esta, faz-se necessário que cada parte ceda aqui e acolá para que se chegue a um consenso, ponto em voga o interesse maior, que deve ser o objeto que liga os núcleos — neste caso, a promoção da Doutrina Espírita.

A filiação de uma casa espírita a um órgão dessa natureza é opcional e não deve haver qualquer constrangimento nesse sentido. Também me parece viável dizer que essas associações aglutinadoras não podem cobrar obediência total e irrestrita dos seus membros, como o papado exige dos bispos e as dioceses cobram das paróquias — e não há no Espiritismo essa hierarquia sacramental.

Ouve-se muito por aí que "falta união entre os espíritas". Eu, porém, penso que essa cobrada unificação seja utópica e um tanto perigosa para o momento, pois seria admitirmos que um determinado grupo de dirigentes espiritistas passasse a administrar o movimento espírita, tal como cardeais consagrados.

Com todos os equívocos, vejo a diversidade de agora como um bom laboratório para o desenvolvimento do Espiritismo. Os erros fazem parte do aprendizado e também deles a espiritualidade sabe tirar proveito.

Tenho acompanhado com alegria e entusiasmo o trabalho de alguns desses órgãos de interação, tais como o Conselho Espírita Internacional¹⁷ e a Federação Espírita Brasileira (FEB)¹⁸ — se bem, com ressalvas pontuais, o que é normal, pois sabemos que ainda estamos distantes da perfeição.

¹⁷ www.intercei.com

¹⁸ www.febnet.org.br

SEGUNDA PARTE

ATIVIDADES ESPÍRITAS

Ativismo pessoal

Já foi dito aqui que ninguém precisa se filiar a uma casa espírita ou abrir sua própria instituição para praticar Espiritismo. Há muitas opções de atividades individuais e independentes das instituições. Tem muito médium que psicografa em casa, tem muito palestrante que percorre várias casas e sem manter vínculo direto com nenhuma delas, tem muito pesquisador agindo particularmente, tem muito divulgador criando e publicando interessantes mídias por conta própria (especialmente pela internet).

Contudo, também foi destacada aqui a soma de forças que se dá com o trabalho em conjunto. Por isso, vamos nos desdobrar mais sobre como podemos atuar coletivamente no movimento espírita.

Integrando-se a um grupo espírita

Em geral, as casas espíritas são bem receptivas, de modo que qualquer um poderá integrar os trabalhos com relativa facilidade. O novato é comumente reconhecido já na entrada e recepcionado por um dos membros da casa, que de normal lhe encaminha para uma entrevista. Neste atendimento reservado, o entrevistador se coloca à disposição para ouvir as demandas do visitante — possíveis dúvidas sobre a doutrina, sobre a programação daquela casa, etc. — e apresentá-lo ao restante do grupo.

Além de participar dos eventos públicos, o novato tem a opção de ingressar nos estudos da casa, quando terá melhores condições de conhecer as pessoas que lá frequentam e a organização da instituição, para daí se enturmar com todos e enfim passar a integrar as atividades dentro de suas habilidades.

Esse processo de entrosamento leva certo tempo e é salutar conter os

impulsos mais imediatos de querer servir a casa. É extremamente importante ganhar afinidade com os confrades e deixar o engajamento fluir com naturalidade.

Tenha em mente que centro espírita não é um pedaço de perfeição na Terra, que lá estão Espíritos comuns encarnados para cursar a evolução. Portanto, não se surpreenda ao flagrá-los nos erros mais ou menos comuns a que está acostumado a ver em sua casa, no trabalho, etc. Há lá sorriso amarelo, ciúme, vaidade, melindre, arrogância e outras trivialidades, se bem — é o que se espera —, em menor escala. Desta forma, não tome a Doutrina Espírita rigorosamente pela forma como se comportam os que se declaram espíritas. Transforme esses contratempos em ensaios para sua paciência, humildade e caridade, assim, deixando uma real contribuição para a instituição e, por extensão, para o Espiritismo.

Como fundar e organizar um centro espírita

Quero montar uma casa espírita: o que faço?

Sem qualquer pretensão de querer lançar uma cartilha, pronta, acabada e absoluta, exerço o meu direito de opinar e sugerir, de acordo com a minha experiência, como traçar a fundação e organização de uma instituição espírita, observando as ideias básicas de Kardec.

Antes de tudo, acerque-se de um grupo qualificado de pessoas realmente determinadas aos propósitos espíritas e abertas à instrução, pesquisa e experimentação, irmanadas pelo espírito fraterno, para que, além de confrades espíritas, pelos valores espirituais, sejam de fato irmãos. Isso caracteriza uma sociedade espírita. A seleção dessa equipe exige toda a atenção possível a fim de garantir a melhor homogeneidade do grupo.

Uma vez formada a equipe inicial, que então sejam traçados conjuntamente os objetivos institucionais elementares e a organização das atividades; da regularidade e dos procedimentos das reuniões (para a instrução interna dos membros), bem como das atividades externas, para a comunidade em geral (por exemplo, eventos públicos como palestras, seminários, apresentações artísticas, etc.).

É importante frisar que um grupo espírita tem como primeiro foco os seus membros; estes devem ser vistos como os primeiros necessitados de evolução. Muitos pensam que os chamados *trabalhadores espíritas* já sejam seres bem evoluídos e que estão numa casa espírita em missão, como

representantes diretos da espiritualidade. E tem muito *trabalhador espírita* julgando que progridem apenas servindo aos outros num centro. Por isso, atualmente, muitas casas ditas espíritas mais parecem um balcão de serviços externos, onde muito se cuida dos outros e mais ainda ignora a si mesmo, onde seus membros pouco se relacionam.

O Espiritismo – que apenas acaba de nascer – ainda é diversamente apreciado e muito pouco compreendido em sua essência, por grande número de adeptos, de modo a oferecer um laço forte que prenda entre si os membros do que se possa chamar uma Associação ou Sociedade. É impossível que semelhante laço exista a não ser entre os que percebem o seu objetivo moral, o compreendem e o aplicam a si mesmos...

O LIVRO DOS MÉDIUNS, Allan Kardec - 2ª parte, Cap. XXIX, item 334

Ora, o serviço fraterno é umas das atribuições de um espírita na estrada do progresso espiritual, mas não o único meio. Tão importante quanto a caridade é a formação individual.

Assim Allan Kardec resumiu as condições primordiais para a formação de uma sociedade espírita:¹⁹

- Perfeita comunhão de opiniões e de sentimentos;
- Cordialidade recíproca entre todos os membros;
- Ausência de todo sentimento contrário à verdadeira caridade cristã;
- Um único desejo: o de se instruírem e melhorarem, por meio dos ensinamentos dos Espíritos e do aproveitamento de seus conselhos. Quem esteja convencido de que os Espíritos superiores se manifestam com o fito de nos fazerem progredir e não para nos divertirem, compreenderá que eles necessariamente se afastam dos que se limitam a lhes admirar o estilo, sem nenhum proveito tirar daí, e que só se interessam pelas sessões de acordo com o maior ou menor atrativo que lhes oferecem, segundo os gostos particulares de cada um deles;
- Exclusão de tudo o que apenas exprima o desejo de satisfação da curiosidade nas comunicações pedidas aos Espíritos;
- Recolhimento e silêncio respeitosos, durante as conversas com os Espíritos;
- União de todos os participantes pelo pensamento ao apelo feito aos Espíritos que sejam evocados;
- Auxílio dos médiuns da assembleia, com isenção de todo sentimento de orgulho, de amor-próprio e de supremacia e com o só desejo de serem úteis.

¹⁹ O LIVRO DOS MÉDIUNS, Allan Kardec - 2ª parte, Cap. XXIX, item 340.

Organização das reuniões

Inicialmente, as reuniões devem ser restritas aos membros, a fim de que haja sintonia de vibrações e maior tranquilidade para o desenvolvimento dos trabalhos. Posteriormente, o grupo poderá abrir sessões públicas (por exemplo, palestras e exposições diversas).

O codificador espírita descreveu o modelo da Sociedade Parisiense no cap. XXIX, item 346 de "**O LIVRO DOS MÉDIUNS**". Baseado nele, cogitamos o seguinte programa para as reuniões regulares dos membros:

- Abertura com um momento de harmonização, com uma breve prece, agradecendo a Deus pela oportunidade, comprometendo-se com os propósitos de Jesus e invocando a assistência dos amigos espirituais. Quem sabe, pode-se fazer alguma atividade rápida de relaxamento físico, dinâmica de interação interpessoal e ainda melhor será se acompanhada com boa música. Que seja um momento de alegria e descontração, fora do padrão melancólico das rezas tradicionais.
- É altamente válida a leitura de um texto evangélico, como a que encontramos em "**O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO**" e nos livros de mensagens ditados por Emmanuel e André Luiz, assim propiciando instantes de reflexão íntima.
- Exposição de assuntos diversos relativos ao interesse do grupo, por exemplo, questões administrativas, resoluções pendentes da reunião anterior e conferência acerca de ocorrências recentes que sirvam de subsídio para o estudo espírita.
- Momento espiritual, em que os médiuns se colocam à disposição para a comunicação com os Espíritos — seja pela evocação a determinadas entidades, seja pelo contato vindo do plano espiritual para o grupo.
- Análise das comunicações espirituais recebidas (caso tenha havido algum contato).
- Encerramento, mais ou menos nos moldes da prece de abertura.

Nesse formato de sessão, engloba-se basicamente tudo o que se espera de um grupo espírita: confraternização, oração coletiva, estudo, pesquisa mediúnic, reflexão científica e resoluções institucionais. Porém, dependendo das disposições do grupo, as demandas podem ser separadas em reuniões específicas, por exemplo, reuniões administrativas, encontros de estudo teórico doutrinário, sessões mediúnicas, eventos abertos ao público e assim por diante.

Vejamos como seria a organização básica dessas atividades específicas.

Reuniões administrativas

Em um pequeno grupo espírita não há necessidade de diretoria e nem qualquer denominação de cargos; nele, todos os membros participam de todas as atividades e a organização dos trabalhos é democraticamente formatada pelo acordo geral. Entretanto, quando a instituição cresce e diversifica seus objetivos e projetos, convém que seja montada uma coordenadoria, distribuindo atribuições (diretor, vice-diretor, primeiro e segundo secretário, tesoureiro, etc.). Neste caso, as reuniões administrativas são marcadas dentro de uma regularidade (mensal, bimestral, etc.) e reservadas aos componentes da diretoria, podendo haver eventuais convidados, cuja presença interesse ao planejamento de certos projetos ou à resolução de determinadas questões.

Uma indagação interessante: a espiritualidade deve interferir nas reuniões administrativas?

Primeiramente, devemos ter em mente que as instituições espíritas instaladas na dimensão terrena são objetivamente instituições humanas e para os humanos. Portanto, os encarnados são os principais responsáveis por elas, até como um exercício de aprendizado e prova — intelectual e moral —, dentro do seu curso evolutivo. Todavia, se os nossos amigos espirituais participam de nossos intentos comuns, influenciando-nos na melhor condução de nossos esforços — enquanto encontram aberturam em nós —, certamente, ainda que de maneira oculta, fazem o mesmo na direção de uma diretoria espírita. A prece coletiva, recomendada para a abertura da reunião, não é por si só uma evocação ao amparo de Deus, de Jesus e dos amigos espirituais para o bom andamento das deliberações?

Sim, mas além dessa influência oculta, será cabível aos administradores consultar seus mentores espirituais para assuntos da diretoria?

Claro que sim. Por que não? No entanto, a opinião espiritual deve ser pesada pelo valor das ideias, como deve ser pesada qualquer sugestão, qualquer que seja seu remetente, sem oraculismo. Durante uma reunião de coordenadoria, pode-se fazer a evocação de uma entidade amparadora e lhe dirigir questões administrativas, como também podemos aceitar a apreciação de uma mensagem espiritual remetida à diretoria fora daquela reunião.

É bem verdade que, em relação a nós, a espiritualidade tem uma visão mais alargada de tudo e pode nos fornecer ótimas apreciações — desde que venham de Espíritos mais adiantados. Mas, como saberemos quando a sugestão veio de uma boa entidade ou não? Ora, pensando a ideia sugerida, passando tudo

pelo crivo da razão, lógica e utilidade comum das coisas. Reconheceremos a superioridade dos Espíritos pela qualidade de suas comunicações.

Em primeira mão, os diretores espíritas devem procurar por si mesmos a deliberação das questões, desenvolvendo suas capacidades administrativas, pois nem sempre poderão contar com opiniões expressas dos mentores, e por razões óbvias: a espiritualidade não pode interferir naquilo que compete aos encarnados, para não podar os homens de suas habilidades e nem eximi-los de seus deveres. De outras vezes, os guias espirituais até permitem a intromissão de Espíritos mal intencionados, a título de prova para o grupo. Eis porque todas as comunicações espirituais devem ser ajuizadas com rigor clínico.

A predisposição de cada membro diretor deve mirar o bem coletivo na hora de formalizar as opiniões, levando em conta a moral crística e os apontamentos doutrinários da codificação espírita. Ainda assim, nem sempre haverá consenso nas deliberações. Em tal ocorrência, a votação democrática determina a resolução, que deverá ser abraçada por todos. Além disso, não se deve temer as decisões coletivas — quando formuladas com boa intenção. Os erros institucionais são ferramentas de aprendizado pessoal para todos. Tudo é corrigível.

Prudência ou ousadia?

Quem percorreu por diversos corredores do meio espírita certamente já ouviu críticas do tipo "Aquela casa é muito conservadora" e "Aquela outra é muito extravagante", referindo-se ao *estilo administrativo*.

Há dirigentes conservadores que imprimem na sua instituição um modelo realmente museológicos, alguns até repressores — especialmente no que tange à prática mediúnic; da mesma forma, tenho visto centros espíritas tão exóticos que assustam. Onde está o equilíbrio disso?

Ora, a prudência nos diz que há diversas instituições espíritas bem-sucedidas em determinadas atividades, cujo modelo foi consagrado por anos de experimentações e que, portanto, são dignos de serem apreciados e copiados. Há outros programas, no entanto, que penam por décadas sem avanços, precisando então ser revistos, porque a necessidade pede inovação e, algumas vezes, um pouco de ousadia.

Em primeiro lugar, não se pode fazer Espiritismo com paixão e nem apelação. Tudo é muito lógico e preciso. A paixão religiosa é fanatismo — que é uma violência consciencial, que impele seus adeptos a ignorar a razão em favor

das emoções e sentimentos — supostamente em favor de um "fim que justifique os meios". O sentimento que deve ser posto ao lado da razão é o de amor e confiança de que com esses dois princípios — razão e amor —, obteremos os resultados esperados.

Conservadorismo nem sempre é fidelidade, assim como nem sempre sofisticação é progresso. Há conceitos doutrinários estabelecidos e há métodos práticos que acompanham as demandas de então. Observando as carências da humanidade de agora, vemos a urgência de um movimento espírita mais atuante e eficiente, que saiba utilizar todos os recursos disponíveis para a expansão da evangelização dos povos.

"Orai e vigiem os pensamentos", disse Jesus²⁰. Por esses preceitos, devemos estar certos de que daremos abertura para a espiritualidade superiora vir somar suas ideias às nossas no intento de renovação da Terra.

Pontualidade

Gostaria de fazer uma observação especial sobre pontualidade: é que há um excessivo rigor no meio espírita quanto a esse tema. Já ouvi dizer até de *faixas horárias sagradas*, que a espiritualidade respeita religiosamente, inflexivelmente. Essa disciplina de quartel tem servido de justificativa para inúmeras indelicadezas. Então, reportando-me a Kardec, encontro seu parecer sobre a pontualidade nas reuniões, especialmente me atentando àquelas em que estava prevista a participação dos guias espirituais:

Acrescentemos, todavia, que, se bem os Espíritos preferam a regularidade, os de ordem verdadeiramente superior não se mostram severos a esse extremo. A exigência de pontualidade rigorosa é sinal de inferioridade, como tudo o que seja tolo. Mesmo fora das horas predeterminadas, sem dúvida eles podem comparecer e se apresentam de boa vontade — se é útil o fim objetivado.

O LIVRO DOS MÉDIUNS, Allan Kardec - 2ª parte, Cap. XXIX, item 333

Reuniões de estudos teóricos

Toda instituição espírita deve partir de um grupo de estudos teóricos — que é o meio pelo qual se conhece a doutrina professada — e deve mantê-lo ininterruptamente, sendo um dever moral de cada membro impor a si mesmo o constante aprendizado, pois sempre há o que aprender.

²⁰ Ver em MATEUS, 26:41 e em MARCOS, 14:38.

Para mim, é suspeito o membro de um grupo espírita que não esteja inscrito em um curso oferecido pela casa — valendo o mesmo para os diretores dessa instituição.

E para quem já concluiu o programa de todos os cursos regulares? — Respondo dizendo que se estes concluíram toda a programação regular e se dão por satisfeitos com o aprendizado desses cursos, então eles estão aptos a montarem outros cursos mais avançados. Se já degustaram toda a obra kardequiana, podem começar pela bibliografia psicografada por Chico Xavier; depois passar pelos clássicos espíritas, como os de: José Herculano Pires, Léon Denis, Gabriel Delanne, Yvonne Pereira, Divaldo Franco, Hermínio C. Miranda; e se faltar assunto, podem se aventurar pelos temas acadêmicos relacionados à espiritualidade, como a psicologia de Carl Gustav Jung, Raymond Mood, Helen Wambach, Ian Stevenson e Jim B. Tucker; a historiografia registrada por Sir Arthur Conan Doyle e os anais da Society for Psychical Research; depois, quem sabe, o estudo paranormal de Joseph B. Rhine, Friedrich Jungerson, Hernani Guimarães Andrade, Clóvis Nunes; indo para o ativismo quântico de Amit Goswami, e por aí em diante. E para quando tiverem esgotado esse pequeno acervo, eu indicarei mais, via email, podem me escrever cobrando.

Curso básico introdutório

O primeiro programa de estudo da casa deve ser um curso básico introdutório ao Espiritismo. Se bem cada instituição possa desenvolver seu próprio material, há muitas publicações dessa natureza, por exemplo, as apostilas do ESDE - Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, da FEB. A Fraternidade Luz Espírita também tem um material semelhante, E-SE - Espiritismo: Estudo Sistematizado, e o disponibiliza gratuitamente, inclusive, adaptando as apostilas em acordo com cada instituição. E para os mais apressados, este autor também se aventurou em elaborar um livro introdutório: "**CONHECENDO O ESPIRITISMO**", livremente distribuído pelo Portal Luz Espírita.

Tenho visto campanhas do tipo "Comece pelo começo", indicando — quase que ordenando — diretamente as obras de Allan Kardec como a leitura inicial. E há quem seja mais incisivo: o primeiro livro a ser lido tem de ser (religiosamente) "**O QUE É O ESPIRITISMO?**", do emérito codificador espírita, isso porque é um ditado por próprio Kardec, exatamente posto nesse mesmo título. Vejamos:

Dissemos que o melhor meio de se esclarecerem sobre o Espiritismo é estudarem previamente a teoria; os fatos virão depois, naturalmente, e serão facilmente

compreendidos, qualquer que seja a ordem em que as circunstâncias os façam vir. As nossas publicações são feitas no intuito de favorecer esse estudo; eis aqui a ordem que aconselhamos.

A primeira leitura a ser feita é a deste resumo, que apresenta o conjunto e os pontos mais salientes da ciência; com isso, pois, já se pode fazer dela uma ideia e ficar-se convencido de que, no fundo, existe algo de sério. Nesta rápida exposição esforçamo-nos por indicar os pontos sobre que particularmente se deve fixar a atenção do observador. A ignorância dos princípios fundamentais é a causa das falsas apreciações da maioria daqueles que querem julgar o que não compreendem, ou que se baseiam em ideias preconcebidas.

O QUE É O ESPIRITISMO, Allan Kardec - Cap. 1, Terceiro diálogo: o padre

Deste trecho, que destaquei em negrito, alguns ortodoxos espíritas passaram a pregar a obrigatoriedade citada. No entanto, penso ser um extremismo insustentável. Primeiro pelo fato de que o importante não é por onde se inicia, mas como o faz: que seja por um livro, seja por uma videoaula, seja por qualquer mídia, o interessante é que a fonte pedagógica esteja em acordo com os princípios espíritas, explanando a doutrina com lisura e justeza. Nem todas as pessoas estão habilitadas para ler e interpretar Kardec com lucidez, carecendo uma apresentação mais simples. Agora, claro, no decorrer do estudo espírita, todos são obrigatoriamente forçados a se debruçarem sobre a obra kardequiana, que é o alicerce da Doutrina Espírita. Estudar o Espiritismo ignorando Allan Kardec seria equivalente, por exemplo, a estudar o Judaísmo sem ler a Torá²¹.

Naquele século, em que o Espiritismo foi codificado por Kardec, o expediente didático disponível era basicamente livros; hoje, porém, temos recursos audiovisuais fantásticos, capazes de tornar o aprendizado não apenas mais acessível, mas também muito mais agradável. Os computadores e a internet abriram um campo inesgotável de exploração, por exemplo, o rico conteúdo do Portal Luz Espírita.²²

Um curso de introdução ao Espiritismo, basicamente elaborado no entorno da obra de Kardec, tem a função de apresentar os postulados espíritas, além de explanar as origens históricas e o desenvolvimento da nossa doutrina. A meta é que o iniciado compreenda como o Espiritismo surgiu, quais as suas propostas e a relação que podemos ter com sua filosofia — que esperamos seja um compromisso moral.

Aqui eu abro um parêntese para congratular Edgard Armond, pela sua dinâmica atuação em prol da nossa doutrina: fundador e presidente da FEESP -

²¹ **Torá**: primeiros cinco livros bíblicos (A GÊNESE, ÊXODO, LEVÍTICO, NÚMEROS e DEUTERONÔMIO), também chamados de Pentateuco Mosaico.

²² Acessível em www.luzespirita.org.br.

Federação Espírita do Estado de São Paulo, ele foi o pioneiro a elaborar um curso sistematizado de Espiritismo e com esse programa pedagógico, em 1950, ele montou o modelo da Escola Aprendizes do Evangelho, objetivando um desejo de Kardec:

Um curso regular de Espiritismo seria professado com o fim de desenvolver os princípios da Ciência e de difundir o gosto pelos estudos sérios. Esse curso teria a vantagem de fundar a unidade de princípios, de fazer adeptos esclarecidos, capazes de espalhar as ideias espíritas e de desenvolver grande número de médiuns.

Considero esse curso como de natureza a exercer capital influência sobre o futuro do Espiritismo e sobre suas consequências.

OBRAS PÓSTUMAS, Allan Kardec - 2ª Parte, Projeto 1868: "Ensino espírita"

Estudos aprofundados

Uma vez iniciado nos princípios espíritas — tendo já boa compreensão acerca da organização da natureza espiritual, a justeza do processo reencarnacionista, a lei de causa e efeito, o ensino moral do Cristo à luz das revelações espíritas, da atividade mediúnica etc. —, então, é hora de mergulhar em águas mais profundas, explorando melhor os fundamentos doutrinários e avançando na senda experimental, mediúnica e científica.

Os concluintes do curso introdutório tanto se habilitam para ingressar nos programas aprofundados como ficam à disposição para monitorar as novas turmas que se abrirem, a partir dos novatos no grupo.

Base filosófica

Sendo o Espiritismo uma doutrina racional, assentada nos conceitos filosóficos, é elementar que, para compreendê-la, tenhamos de ter boa noção de Filosofia. Daí a interessante opção de um curso especialmente voltado para o aprofundamento dos elementos que sustentam o pensamento racional — por exemplo, lógica, metafísica, epistemologia, ética e estética. A Luz Espírita tem um programa intitulado "Filosofia em Espiritismo", que considero apreciável para esse objetivo, e que está acessível a todos os interessados.

Educação mediúnica

Outro curso aprofundado imprescindível para o espírita é o de educação da mediunidade, para cientificar-se das causas do intercâmbio

espiritual, seus mecanismos e objetividades, não apenas para os postulantes a médiuns, mas para todos aqueles que verdadeiramente desejam instruir-se pela senda espírita.

Tenho escutado no meio espírita, e de pessoas que se declaram espíritas, coisas do tipo "Não quero nem saber de curso mediúnicos; morro de medo de Espíritos!". Nessas horas eu exclamo comigo mesmo "Meu Deus, quanta ignorância!" — tanto é ignorância ter medo de Espírito, quanto é não estudar a mediunidade. Aliás, são essas pessoas quem mais carecem de um curso de mediunidade. A educação mediúcnica serve também para o desenvolvimento das faculdades medianímicas, mas não é exclusivamente para formar médiuns: na base teórica, entre outras coisas, estuda-se o mecanismo que os Espíritos usam para se manifestar na dimensão física, as formas de energias usadas no transe, os requisitos orgânicos do sensitivo, os tipos de fenômenos que podem ser produzidos, culminando com a análise da qualidade e utilidade das informações transmitidas de um plano para outro; no terreno prático, os interessados em experimentar o transe mediúcnico são instruídos ao desenvolvimento da sensibilidade espiritual e, de acordo com suas capacidades, em parceria com os Espíritos, são orientados ao serviço espiritual fraterno.

Um grupo focado na fraternidade, na instrução pessoal e serventia à coletividade sempre atrairá o amparo dos missionários da luz no plano maior e por isso poderão realizar estudos e experimentações mediúnicas sem receio. Os membros que possuírem atributos requeridos para a expansão perispiritual e contato com os desencarnados certamente terão êxito; aqueles que não disporem das faculdades mediúnicas descobrirão como muito poderão colaborar nas sessões espirituais executando tarefas diversas, por exemplo, dialogando com as entidades comunicantes.

Na parte experimental do desenvolvimento mediúcnico é importante o grupo estar aberto a manifestações espontâneas, sem rigoroso pudor — nem contra o médium, nem contra os comunicantes. Digo isso porque há cartilhas e cartilhas, variando de casa para casa espírita, ditando o que pode e o que não pode, muitas vezes podando e intimidando a todos os envolvidos. Daí se cria conveniências tolas e censurando o intercâmbio, por exemplo, como ouvi certa vez que numa determinada sociedade espírita, na hora de dar passividade, o médium de psicofonia deve postar sempre as duas mãos sobre a mesa e apenas se limitar a falar — em voz branda — o que o desencarnado quer comunicar. Então, que dirão se o Espírito desejar ser um pouco mais teatral ou se o médium quiser representar com mais fidelidade a expressão do comunicante? Se a entidade preferir escrever ou desenhar, por que intimá-lo a somente se

expressar oralmente? E se for um bom desenhista intencionado em ilustrar o ambiente espiritual em que vive?

Em experimentação, os questionamentos e as conclusões só podem ser feitos posteriormente. Primeiro vem a manifestação e depois a análise de condutas. Além disso, na hora de estabelecer os melhores procedimentos, a maneira mais sensata é a do convencimento e não o da imposição seca.

No intercâmbio mediúnic, a questão da forma é secundária: a essência está na mensagem. Se um Espírito se apresenta a um grupo mediúnic e, ao contrário da psicofonia ou da psicografia, ele pedir para usar um copo como o instrumento codificador de seu recado, que dizer a ele? O dirigente da sessão poderá exclamar "Nada feito!" e privar o grupo de receber uma bela poesia, por exemplo. Em suas experimentações, Allan Kardec participou de todo tipo de sessão espírita, algumas muito frívolas e outra, em particular, de leitura da sorte.²³

As censuras objetam impedir a intromissão de entidades zombeteiras ou mesmo Espíritos voltados para o mal. Mas, precisamente falando, o que podemos temer enquanto estivermos reunidos pela graça de Deus? A presença de um irmão espiritual mais atrasado também não nos dá ensejo a ótimos serviços e aprendizados?

Há grande variedade de livros e apostilas com roteiro didático para a educação mediúnica, mas devemos destacar que a fonte essencial para nos instruímos em mediunidade segundo os moldes espíritas, é, sem dúvida, a obra de Allan Kardec, especialmente "**O LIVRO DOS MÉDIUNS**".

Cursos especiais

Uma vez que o grupo se qualifique e tenha avançado nos conceitos básicos do Espiritismo, outros estudos especiais podem ser abertos numa instituição espírita, por exemplo:

- **Clube de leitura:** o grupo se reúne para ler e estudar coletivamente uma determinada obra e dela extrair conhecimentos de interesse pessoal e para as atividades da casa, por exemplo, palestras e seminários públicos, publicação do resumo da obra e adaptação da obra para artes (como teatro) e mídias diversas (vídeos, slides, etc.);
- **Curso de oratória:** para formação de palestrantes;

²³ Ver em "OBRAS PÓSTUMAS", Allan Kardec - 2ª Parte: "A minha primeira iniciação ao Espiritismo"; *A tiara espiritual*.

- **Curso de pedagogia espírita:** voltado para os interessados em monitorar os cursos doutrinários da casa;
- **Curso de magnetização:** para a formação de assistas e magnetizadores;
- **Oficina artística:** para a produção de peças de arte espíritas, como teatro, música, filmes, etc.

Reuniões especiais de pesquisa

A codificação espírita é somente a ponta de um enorme iceberg. Muito há o que descobriremos e, antes disso, ainda há muitas controvérsias acerca do estudo do material que já temos, especialmente a partir de Kardec e Chico Xavier. Por isso, a casa espírita não pode ignorar a necessidade de ser um igualmente centro de pesquisa espiritual, mas deve deixar em aberto a possibilidade de reuniões esporádicas para o estudo, o debate e a resolução de determinados temas, inclusive com a participação dos Espíritos.

Na dinâmica do nosso mundo atual, novos questionamentos vão surgindo, carecendo assim de soluções especiais. O desenvolvimento das teorias quânticas, as experimentações da neuropsicologia moderna, os novos desafios sociais, a transição planetária, tudo isso gera especulações diversas e de comum há uma cobrança natural sobre como o Espiritismo responde a cada questão.

E sem precisa ir muito longe, encontro um tema que poderia ser apreciado em cada centro espírita: passados quase dois séculos desde a codificação espírita, que novas posturas nós devemos tomar para adiantarmos a propagação do Espiritismo, dada a urgente demanda em nossos dias?

Para levar a efeito o trabalho de pesquisa espírita, entre outras coisas, é imprescindível ter a mente aberta para considerar possibilidades, apurado discernimento para averiguar o material de estudo, indagar e indagar, mastigando e esmiuçando tudo, eliminando dúvidas e possíveis enganos, até que se chegue a uma conclusão plausível. Não vale respostas evasivas, dúbias e inconvincentes. Seguindo a dialética aplicada por Allan Kardec em "**O LIVRO DOS ESPÍRITOS**", o grupo deve questionar, duvidar e desafiar as ideias expostas enquanto não se esgotarem todos os argumentos opostos. Para tanto, Espíritos superiores podem — e devem — ser evocados e, certamente se a causa fizer jus, o plano espiritual responderá com prontidão. Como já foi escrito aqui, entidades dessa envergadura não se melindram com perguntas sinceras; mas, ao contrário, desconsideram falsas aclamações. Se lá estão, farão o melhor

possível para demonstrarem seus apontamentos, justificando-os pela lógica e razão das coisas — sem apelação ideológica ou emocional. No jogo de perguntas e respostas, Kardec levantava uma mesma questão duas, três ou mais vezes, como que fazendo pegadinha, averiguando as argumentações replicadas. Quando alguma delas não o satisfazia, não ficava intimidado em expor suas dúvidas e educadamente pedia uma réplica.

Tenhamos a mesma lucidez e coragem de Allan Kardec para efetuarmos as nossas pesquisas espíritas.

Transcomunicação Instrumental

Nos tempos mais remotos, as artes e os conhecimentos eram transmitidos oralmente, de geração em geração, até que vieram os recursos modernos de linguagem e comunicação em massa, como a literatura. Os ganhos são imensuráveis. Imagine: pela transmissão oral a fidelidade dos conteúdos era bastante frágil e, *cada um que contava o conto, quase sempre aumentava um ponto*. Além disso, o raio de alcance da mensagem oral era muito curto. A partir da imprensa e da popularização dos jornais, livros e revistas, o conhecimento disseminou-se dinamicamente. E o que dizer então das grandes invenções no ramo das telecomunicações, tais como o telefone, o rádio, a televisão e a internet? Um salto e tanto e em um curtíssimo prazo de anos, não é mesmo? Uma verdadeira revolução tecnológica, através dos recursos audiovisuais...

Pois bem, hoje em dia, não basta alguém dizer que foi em tal lugar e descrevê-lo, pormenorizando o que viu e ouviu lá: nosso nível de exigência atual cobra que vejamos *com nossos próprios olhos* e ouçamos *com nossos próprios ouvidos* — pleonasma proposital. Não queremos apenas ver e ouvir: queremos apalpar, pegar, provar fisicamente, vivenciar pessoalmente as experiências.

Nesse sentido é que, particularmente, eu penso que o conceito de mediunidade esteja em curso de mudança. Ao invés de um sujeito mediar o plano espiritual para os seus semelhantes, cada qual dos encarnados poderá ver, ouvir e — por assim dizer — vivenciar o mundo dos Espíritos diretamente e de forma tangível e inequívoca. O recurso para isso será, imagino, a mecanização do contato que hoje chamamos de contato mediúnico, através de aparelhos físicos, por exemplo, os computadores e similares.

Eu idealizo um tempo em que as mensagens espirituais serão transmitidas às claras, visuais e audíveis por qualquer ser humano, em tempo

real e até com via dupla, ou seja: diálogo direto entre homens e desencarnados. Haveria mais autenticidade nas comunicações e menos equívocos e embustes nas informações, visualização em tempo real dos entes queridos, das belezas das colônias espirituais e acompanhamento dos eventos do além...

No lugar de médiuns melindrosos, trapaceiros ou mesmo no lugar de falsos médiuns, equipamentos eletrônicos eficientes e de fácil manuseio.

E quanto aos bons médiuns? Ora, os sensitivos eficientes e bons médiuns não perderão jamais a utilidade, pois os seus fluidos anímicos são imprescindíveis para a comunicação interdimensional. Os Espíritos não conseguem interagir na natureza física de nosso mundo sem utilizar as energias emanadas pelos médiuns. É uma exigência material e irrevogável, pelo que se tem notícia até hoje. Portanto, os aparelhos transcomunicadores invariavelmente necessitam do suporte fluídico dos sensitivos para serem operados pelas entidades espirituais que, da mesma forma que usam essa força magnética para promover fenômenos diversos — por exemplo, provocar ruídos, mover objetos, materializar formas ectoplasmáticas —, podem usar os fluidos humanos para manifestarem-se através de instrumentos mecânicos.

Como o leitor já deve ter ouvido falar, há diversos grupos de pesquisa — dentro e fora do movimento espírita — acerca desses recursos, cuja ciência é conhecida no Brasil como Transcomunicação Instrumental. Experimentos dessa natureza são feitos ao redor do mundo e são muitos os registros de manifestações espirituais providas através de telefone, rádio, televisão e computadores.

Os interessados em estudarem esse tema podem começar por Oscar D'Argonnel, Friedrich Jüngerson e, da nossa praça, Clóvis Nunes.

Quero apenas pontuar aqui a questão da responsabilidade dos médiuns nas sessões espíritas: por que há diversos condicionamentos erradamente enraizados no movimento espírita atual, e muito especialmente em matéria de mediunidade, a espiritualidade tem encontrado dificuldades em contribuir com a evolução humana. Em geral, os médiuns se melindram muito facilmente e acabam por dificultar as pesquisas espíritas. No meu entendimento, uma das causas principais é a exagerada cobraça que se faz daquele que se presta a mediar as informações do plano espiritual, ao mesmo tempo em que se censura seus procedimentos, numa tentativa de padronizar e controlar seu transe mediúnicos, como bem alerta Hermínio C. Miranda em suas obras — vide, em especial, "**DIVERSIDADE DE CARISMAS**" —, sendo que cada médiuns tem suas particularidades, valendo o mesmo para cada entidade comunicante e cada

manifestação em si, que depende de uma combinação de fatores, como ocasião e lugar. A questão é que Kardec chamou a atenção da responsabilidade de o médium chamar para si a aproximação dos Espíritos que estão mais ou menos no nível de sua qualidade moral e intelectual, ou seja: um médium sério, inteligente e comprometido com a causa, normalmente atrai para si os pares dessas virtudes; por outro lado, médiuns irresponsáveis e desinteressados acabam angariando a companhia de Espíritos com as mesmas características. Sim, correto, mas é preciso reconhecer que numa reunião mediúmica, o médium não é isoladamente o responsável pelas entidades que ali se apresentarem: todo o grupo é cúmplice do que se passar nessa sessão, podendo interferir negativamente no trabalho de um bom médium, como igualmente dar salutar sustentação espiritual a um mediano vulgar.

Médiuns exageradamente cobrados e censurados têm enormes dificuldades para desenvolver o desdobramento perispiritual. Se o grupo ao qual ele está inserido não for fraterno, pouco se poderá esperar das sessões.

Reuniões públicas

Uma casa espírita deve ser mais ou menos como uma casa familiar, onde todos se confraternizam e se contribuem mutuamente na prática espírita, uma vez que estudam e compartilham os mesmos ideais doutrinários. O convívio lá, portanto, deve ser de intimidade, requerendo com isso que seja um lar reservado. Mas, claro, essa casa deve estar aberta para visitas e possíveis novos hóspedes — desde que venham para somar.

A fim de abrir a casa para os visitantes e pretendentes a sócios da casa, a instituição pode promover reuniões públicas regulares e divulgá-las, convidando a comunidade em geral. Por essas ocasiões, os novatos fazem o reconhecimento do local, recebem as boas-vindas, podem pedir um atendimento particular e tirar as dúvidas genéricas acerca do Espiritismo e da programação da casa, etc.

Porém, é preciso preparar bem essas reuniões públicas e o atendimento fraterno dos novatos, para que se alcance as metas acima estabelecidas. Pensemos melhor sobre isso...

- **Boas-vindas:** os membros do grupo se colocam à disposição para receber os visitantes e lhes apresentar a programação da casa. Muitos novatos adentram uma instituição kardecista carregados de preconceitos negativos contra a Doutrina Espírita; outros vêm

sufocados de temores diversos, e, no que são saudados cordialmente e observam a simplicidade do ambiente, desde então se abrem positivamente para receberem as primeiras instruções da doutrina de luz que é o Espiritismo. Daí, concluímos a importância da recepção.

- **Atendimento fraterno particular:** dentro os membros da casa, aqueles que estiverem devidamente preparados podem ser designados para auxiliar no caso de um visitante necessitar e voluntariamente requerer de uma conversa reservada ou precisar de atenção especial, por exemplo, quando alguém apresentar forte tensão emocional.

Há inúmeras obras de apoio a esse tipo de atendimento com boas orientações sobre como proceder com a entrevista, dentre as quais eu destaco "**ATENDIMENTO FRATERNAL**" de Manoel Philomeno de Miranda, pela psicografia de Divaldo Franco. Vale destacar que a conversa reservada não deve ser confundida com o confessorário católico, nem com uma consulta psiquiátrica: o objetivo primordial é — enfatizo — apresentar os conceitos elementares do Espiritismo, para que o entrevistado possa iniciar no estudo da doutrina (interessante orientá-lo para o curso doutrinário da casa, se houver disponibilidade) e, caso necessário, encaminhá-lo para um tratamento espiritual, nas reuniões específicas para isso.

A casa espírita deve promover cursos internos para a educação e reciclagem das técnicas desse serviço, formando aqueles que prestarão o serviço fraterno de atendimento particular.

- **Palestra:** depois das boas-vindas e a abertura com um momento de harmonização e prece coletiva, vem a sessão pública em si. A ideia básica é que nesses eventos sejam expostas palestras acerca de temas de interesse comum, procurando apresentar as ideias espíritas como soluções práticas para a nossa vida diária, em vista com a vida espiritual. É uma espécie de miniaula doutrinária, mas com um detalhe relevante: considerando que ali estarão espíritas e leigos, convém que a exposição seja um tanto genérica na conceituação, sem aprofundar muito na linguagem espírita que dificultaria o entendimento de quem não está habituado com o jargão doutrinário.

O palestrante deve ter o cuidado para não vaguear por muitos temas ao mesmo tempo, pois é certo que muitas vezes uma questão leva a outra por estarem todas associadas a uma mesma natureza de conceitos. Também não pode ter a pretensão de encerrar o assunto. Aliás, a boa palestra é aquela que promove o tema e desperta no público o interesse para aprofundar o estudo sobre a questão proposta,

ou melhor, transformar visitantes em estudantes espíritas e, quiçá, novos confrades da mesma casa.

No intuito de contribuir com essa extraordinária oportunidade de iluminar consciências e consolar corações, ofereço a composição "**PALESTRA ESPÍRITA: COMO FAZER**", também livremente distribuído pelo Portal Luz Espírita.

- **Magnetização:** nesses encontros públicos, é interessante a aplicação de passes nos visitantes — seja antes ou depois da palestra —, entretanto, tendo o cuidado para não transformar a fluidoterapia na atração da reunião: o passe é um paliativo; a verdadeira libertação se dá a partir do conhecimento.
- **Encerramento:** um dos maiores descuidos que tenho visto nas reuniões espíritas públicas diz respeito ao encerramento, ou a falta de um encerramento digno. Não me refiro à prece final, mas ao momento de despedida, da saída do público, pois tenho observado que — especialmente depois de uma interessante explanação — muitos assistidos ficam entusiasmados em saber mais sobre a casa e sobre a doutrina e não encontram mais a mesma receptividade de quando tiveram no começo da reunião, uma vez que, usualmente, os membros da casa se recolhem ou se apressam para irem embora. Salvo raras exceções, o máximo que um pretendente consegue é um convite para voltar na próxima reunião pública e solicitar um atendimento fraterno. Por isso, é extremamente valioso que a casa espírita se programe para, assim como ofereceu a saudação inicial, organize também uma atenção fraterna na saída e, caso se faça necessário, preste um atendimento a quem o solicitar — ainda que breve.

Outra opção conveniente para uma reunião pública é a reprodução de mídias, como teatro filmes, documentários e videopalestras. Essa iniciativa tem se tornado cada vez mais usual, com o complemento de, após a exibição da peça, um espaço para uma rápida explanação sobre a obra reproduzida, ensejando que dúvidas sejam esclarecidas, ou, pelo menos, encaminhadas para um atendimento para uma ocasião oportuna.

Seminários

O que fazem as classes acadêmicas para reciclar seus estudos e apresentarem novas teses científicas?

Acertou quem respondeu "seminário".

Seminário — ou congresso, oficina, workshop ou termo equivalente — refere-se comumente a reuniões extraordinárias reservadas a especialistas em um determinado segmento para a apreciação de uma matéria, a revisão de uma tese ou a apresentação de uma nova.

Considero de extrema importância a prática do seminário numa casa espírita, especialmente por motivar os expositores à pesquisa e a propiciar que eles possam expor seus apontamentos. O expositor (ou um grupo) explana suas conclusões acerca de um trabalho de estudo e pesquisa e as submete ao debate democrático.

Uma condição essencial para o seminário é que o expositor permita ser sabatinado acerca das ideias propostas. Aliás, é muito comum que teses sejam ressaltadas em um ou mais pontos, ou mesmo totalmente rejeitada, mediante uma nova ordem de apontamentos, ou seja, uma antítese. Abre-se uma nova linha de estudo e pesquisa sobre o tema no sentido de então o grupo chegar a uma síntese.

O debate técnico e filosófico é clássico e positivo no curso do desenvolvimento intelectual e social, além de um excelente ensaio para nossas capacidades espirituais — em especial a humildade. Conhece-se bem o quanto a vaidade e o orgulho ainda imperam na nossa dimensão, mesmo — e infelizmente — no meio espírita. Aí está uma maravilhosa oportunidade para praticarmos as virtudes que nossa doutrina nos põe à vista: a capacidade de discernimento intelectual daquilo que é correto e daquilo que não é; afabilidade com todos os que têm conceitos diferentes daqueles que defendemos; a humildade para reconhecermos que nossas ideias foram suplantadas por outras mais acertadas; a habilidade para trabalhar em equipe, etc.

As reuniões de seminários geralmente requerem um tempo muito maior que as sessões públicas com simples palestra, podendo ser divididas em vários encontros.

Basicamente, a programação de um seminário configura-se em:

- **Apresentação da tese** pelo expositor ou grupo de expositores;
- **Interação de ideias** do expositor com os demais participantes, em que aquele que apresenta a tese propõe dinâmicas de grupo, por exemplo: levantar uma enquete a fim de colher dados para sua exposição; instigar reflexões acerca do tema proposto; fazer experimentações práticas para demonstrar sua teoria etc.

- **Debate**, possibilitando que os seminaristas levantes questões, apresentem sugestões e apresentem contestações (antíteses).
- A **conclusão** do seminário fica sujeita ao acordo comum em relação à tese apresentada. Tendo sido apresentada alguma antítese, duas situações se tornam possíveis: 1) o grupo alcançar uma síntese naquele mesmo seminário, ou; 2) o grupo abrir uma nova frente de estudo e pesquisa no entorno da tese e antítese para uma nova reunião.

A História registra que muitas teses positivas foram inicialmente rejeitadas, enquanto outras foram erroneamente aceitas de pronto, sendo que, em todos os casos, o tempo cuida de reparar, invalidando os erros e reparando os acertos. Por exemplo, podemos citar a tese do Magnetismo Animal de Franz Anto Mesmer, rechaçada num primeiro momento e ratificada mais adiante; caso semelhante ao do relatório de Sir William Crookes autenticando os fenômenos mediúnicos. Por outro lado, podemos lembrar Charles Darwin, Sigmund Freud e Issac Newton, que lançaram alguns conceitos equivocados, mas que foram prontamente aclamados para mais tarde esses mesmos conceitos serem derrubados por novos postulados.

Esses erros históricos nos servem de alerta para não perdermos de vista um dos pilares da Doutrina Espírita que é o racionalismo. O Espírito amigo Erasto nos legou uma importante citação sobre o caráter científico espírita, conforme podemos conferir a seguir:

"Na dúvida, abstenham-se" – diz um dos seus velhos provérbios. Não admitam, portanto, senão o que seja de real evidência aos olhos. Desde que uma opinião nova venha a ser levantada, por pouco que pareça duvidosa, façam que ela passe pelo crivo da razão e da lógica e rejeitem sem temer o que a razão e o bom-senso reprovarem. Melhor é repelir dez verdades do que admitir uma única falsidade, uma só teoria errônea. Efetivamente, sobre essa teoria poderiam edificar um sistema completo, que desmoronaria ao primeiro sopro da verdade, como um monumento edificado sobre areia movediça, ao passo que, se rejeitarem hoje algumas verdades – porque não lhes são demonstradas clara e logicamente –, mais tarde um fato brutal, ou uma demonstração irrefutável virá lhes afirmar a sua autenticidade.

O LIVRO DOS MÉDIUNS, Allan Kardec - 2ª parte, Cap. XX, item 230

Atividades diversas

Além das atividades aqui já citadas, há uma infinidade de outros projetos e eventos que um grupo espírita pode promover, dentre os quais listo alguns, embora não entraremos em detalhe, principalmente porque seu *modus operandi* varia de acordo com as necessidades regionais e das particularidades de cada centro.

- **Assistência social:** programas de apoio material, como campanhas de arrecadação de agasalhos para distribuição a moradores de rua; arrecadação de alimento e distribuição de cestas básicas às famílias carentes; arrecadação e apoio financeiro a entidades filantrópicas; visita fraterna a locais especiais como asilos, albergues, hospitais, penitenciárias, etc.
- **Apoio educacional:** alfabetização de adultos; oficinas de artesanato e artes em geral, etc.
- **Eventos temáticos e culturais:** visando uma melhor integração com a comunidade local, promoção de festas beneficentes em ocasiões especiais como Natal, Dia das Crianças, festa junina, etc.

Provavelmente o leitor deve ter sentido falta aqui da descrição de uma das mais recorrentes atividades promovidas pelos centros espíritas: a assistência espiritual. Pois bem, vamos a ela, adiante, mas não antes de eu poder dizer que foi proposital guardar esse tema para o fechamento deste capítulo, porque, pela relevância da questão, a ela dedicaremos a terceira parte dessa obra, a fim de que cuidemos com todo o valor que lhe é peculiar.

TERCEIRA PARTE

ASSISTÊNCIA ESPIRITUAL

Pela observação que tenho feito nesses anos todos percorrendo diversas casas espíritas, sem sombra de dúvida, o que tem feito mais as pessoas procurarem uma instituição kardecista é a assistência espiritual, cujas razões principais, penso eu, serem: 1) as necessidades pessoais e; 2) a ilusão popular de que o Espiritismo distribui milagre em pílulas, gotas ou, em casos mais agudos, por intermédio de cirurgias espirituais, sem contar que ainda há quem imagine que os espíritas exorcizam demônios e obsessores, criando uma redoma especial de proteção ao paciente, que então fica com o *corpo fechado*.

O pior de tudo é que, de alguma forma, do modo como se comportam, muitos centros espíritas alimentam essa impressão errônea, propagando a visão barata de que todo o mal do mundo provém de processos obsessivos e de que todas as doenças e perturbações são tratáveis com a *limpeza espiritual*, via passe e cirurgias espirituais. Isso é curandeirismo, não Espiritismo.

Na ótica de quem pratica esse tipo de atendimento, apesar de a chamada ser um tanto apelativa, é uma forma válida para trazer às pessoas à nossa Doutrina. Eu, por minha vez, penso ser lamentável tal prática pelo fato de promover um falso Espiritismo. Em razão disso, convido o leitor à apreciação mais aprofundada da questão, quando então explanarei meus apontamentos acerca do que interpreto como um tratamento espírita. Vamos em frente.

Terapai convencional atual

Vejamos como nos dias correntes se processa o serviço de tratamento espiritual convencional:

Primeiramente, muitas das pessoas leigas ao Espiritismo creditam às casas espíritas a qualidade de um posto de saúde pública onde qualquer um pode ir lá para passar por uma simples consulta, tomar um soro milagroso e de

lá sair com uma receita ou, melhor ainda, com um remédio já pronto para tomar regularmente, como se faz comumente com comprimidos farmacêuticos. Às vezes, ocorre de o *paciente* não se simpatizar com o tratamento daquela instituição e, na busca de encontrar um trabalho mais forte, mais espetaculoso, inclusive em outros segmentos religiosos — como a Umbanda.

Esse é o perfil de quem somente quer a cura para a *doença* atual, para voltar às atividades e gozos normais da vida, sem nenhuma preocupação com o compromisso espiritual. Sim, claro, por estarem em tratamento num lar espírita, obviamente que *não se importam* em ouvir uma palestra, participar de uma prece coletiva e até tolerar algum sermão.

Outros há que até se sensibilizam com as exposições, passam a julgar interessantes os apelos doutrinários espíritas e até cogitam a possibilidade de, caso alcancem a cura da moléstia física, continuarem a frequentar a casa. Porém, na maioria dos casos, estes não retornam ao centro espírita depois do término da terapia — ou porque não foram *curados* do modo e no tempo que esperavam, ou porque melhoraram o suficiente para voltar aos mesmos excessos da vida vulgar e se esquecem da doutrina, até que surja a próxima necessidade.

De normal, eles chegam à casa espírita, submetem-se a uma entrevista de atendimento fraterno (como numa consulta com um clínico geral) e são então encaminhados para o acompanhamento específico (como se fossem para os médicos especialistas): sessões de desobsessão ou de cura física.

Dáí começa a sucessão de aplicações fluídicas, pelo passe e água magnetizada. Algumas vezes, levado à mesa mediúnica de desobsessão ou à presença de um médium de cura, o paciente recebe uma pequena dieta moral, de procedimentos básicos como orar mais, fazer caridade e estudar a Doutrina Espírita. Boas admoestações, certamente, mas muito genéricas e pouco impactantes, pois os pacientes entram e saem do tratamento sem a noção suficiente sobre a causa do que o acometera e como seu caso foi operado pela casa espírita — e se realmente foi operado com sucesso.

Os *trabalhadores* espíritas são treinados para o atendimento em massa e assim o fazem, como profissionais, sem qualquer ligação individual com os pacientes (clientes); parece que o compromisso é com o trabalho em si, não com as pessoas. O resultado é que os grandes centros espíritas ajuntam multidões em dias de tratamento espiritual, de gente que vem, recebe o suposto tratamento e some, sem ter recebido efetivamente uma contribuição consistente para aquilo que realmente interessa: o tratamento moral.

Tratamento forte

Essa *displicência* dos tratamentos espíritas comuns causa pouco impacto aos pacientes imediatistas, que, em grande parte, vão parar na Umbanda, em busca de um tratamento mais *forte*. E lá, geralmente, eles encontram.

O tratamento espiritual umbandista é carregado de ritos e ornamentos, bem à vista de todos os presentes. Isso transmite ao paciente a ideia de que realmente tem alguém se importando e fazendo algo por ele, gente se dando ao trabalho — e muito trabalho visual — de se movimentar e movimentar a espiritualidade em prol de sua cura física ou equilíbrio espiritual, enquanto que nos centros kardecistas tudo é muito frio, silencioso, monocromático e um tanto reservado. Além do mais, as entidades da Umbanda se dirigem aos seus consulentes numa linguagem popular e amigável, que cativa e permite certa intimidade e aconchego, ao passo que, no meio espírita a comunicação é mais sofisticada e por isso um tanto intimidadora para os menos letrados.

E, ao final, esse lance de cores, sons, movimentos e envolvimento íntimo pode até ser mais eficaz, pelo efeito placebo, do que a convencional terapia espírita praticada atualmente. Contudo, entendo que todo esse ritualismo aprisiona ainda mais as consciências a primitivas amarras do culto místico e dos sacrifícios externos, encobrando o cerne da questão que é a reforma íntima.

Por isso, proponho aqui repensarmos o nosso modelo terapêutico.

Analisando as moléstias

De que as pessoas vão se tratar num centro espírita?

Essa é uma questão crucial para entendermos o processo terapêutico espiritual, pois não se compreende o remédio se a moléstia a ser combatida não é bem compreendida. Partindo desse princípio é que qualquer profissional da medicina primeiro faz um diagnóstico das reclamações de seus pacientes para só então prescrever qualquer tratamento. Igualmente nós deveremos examinar o que as questões pontuais: o que é saúde? O que é doença, seus tipos, suas origens e qual seu desenvolvimento? A devida compreensão dessas questões, certamente, já significa boa parte da terapia.

Pela concepção vulgar do milagre espiritual e pelo imediatismo das vontades humanas — considerando ainda a gratuidade dos serviços prestados

numa casa espírita —, as pessoas buscam o tratamento alternativo pelos mais irrisórios motivos: desde uma dor nas costas a uma perturbação emocional resultada de "má sorte para arrumar um bom casamento". Isso demonstra como ainda impera a ignorância e o desleixo espiritual em nossa gente e o quanto nós temos a fazer para transcender tal cultura, do contrário, faremos do centro espírita um concorrente das clínicas médicas convencionais, pelos que muitos dos profissionais das ciências humanas vêm o Espiritismo com tanta desconfiança e até antipatia.

Eis, portanto, um dos procedimentos elementares que uma instituição espírita deve oferecer juntamente ao socorro espiritual: **curar o corpo pela educação do Espírito**, pois, na linguagem popular, como diria Chico Xavier: devemos antes tratar da ferida do que simplesmente ficarmos espantando as moscas.

O tratamento espírita começa no trato com as questões conceituais, iluminando as consciências acerca da natureza íntima das coisas, das leis naturais da vida. Logicamente que não se deve negar o pronto-atendimento, o socorro imediato, o alívio possível das dores e angústias de agora — nem mesmo àquele que deliberadamente procura somente a cura pontual, sem o preciso comprometimento com a renovação sistemática de postura moral. A caridade nos anima a ajudar acima de qualquer coisa, mas a caridade completa envolve o socorro emergencial e o encaminhamento para a libertação espiritual. Não é forçar que alguém abrace a causa, mas, pelo menos, lhe dar um sinal positivo de que há uma causa maior. Se já desde o primeiro momento a pessoa recusar esse compromisso, deve ter o livre-arbítrio respeitado, ficando o conselheiro espírita limpo de consciência por ter cumprido seu papel, pois não se omitiu diante da oportunidade de servir com a boa admoestação.

Além disso, devemos realmente ponderar sobre o que é da alçada da espiritualidade e o que é prerrogativa da ciência médica.

Então, passemos a analisar as moléstias.

Origem das doenças

Vá um sujeito a uma casa espírita pedindo tratamento para suas dores estomacais, pergunte qual a origem de sua atual agonia e fatalmente ouvirá uma sentença genérica semelhante a essa: "Tudo é de ordem espiritual, meu irmão. Toda enfermidade corporal provém do Espírito!".

Será mesmo?

A rigor, sim, mas somente num contexto muito profundo. O mais conveniente seria separarmos as coisas e sermos mais práticos. Antes de cogitarmos o achaque ser de herança reencarnatória, expiação do passado, uma perseguição espiritual ou algo maior, considerarmos suas origens como puro desleixo com a higiene diária, ou a contração comum de um vírus qualquer ou ainda o processo natural de falência orgânica.

Não há que se atribuir questões espirituais a coisas rotineiramente terrenas — embora tais incidências também sejam comuns —, pois correremos o risco de banalizar o processo, como, por exemplo, atribuir aos Espíritos mais atrasados tudo quanto é ruindade humana. A banalização do problema — material ou psicológico — resulta na banalização dos meios de terapia.

Normalmente se faz tal associação a pretexto de então lançar um sermão religioso. Ora, não é preciso estar com o corpo enfermo ou a alma perturbada para começar a educar o Espírito, assim como não se educa espiritualmente apenas para se alcançar o bem-estar físico. O equilíbrio espiritual tem razões próprias para a eternidade, bem maiores do que a realização de agora.

Vá o leitor ao um atendimento fraterno nessas casas espiritualistas que propagam os serviços terapêuticos alternativos e alegue estar sofrendo certa perturbação com os acontecimentos triviais recentes — por exemplo, dificuldades de relacionamento com os parentes, animosidade no trabalho, melancolia, etc. — e fatalmente ouvirá cogitações acerca de obsessão. Aliás, sob o ponto de vista banal, obsessão e problema visual tudo mundo tem: nunca vi alguém passar por uma consulta espiritual e não ser informado da aproximação de irmãozinhos mal intencionados, assim como desconheço alguém que foi a um oculista e saiu de lá sem uma receita de lentes ou colírio.

Como eu disse, numa análise mais profunda, todas as moléstias físicas e psíquicas envolvem problemas de ordem espiritual, pois o mero desleixo com a higiene e a vida desregrada são sinais de atraso intelectual e moral do indivíduo, assim como tudo que fazemos de imperfeito dá ocasião para a aproximação de obsessores, pelo que, a educação do Espírito implica em todos os processos físicos e psíquicos. Todavia, há pessoas tão carentes de instrução material que, se forem postas diante de cogitações espirituais profundas, muito mais ficarão assustadas ou fascinadas do que mesmo propensas a se educarem. A educação espiritual passa pelo bê-á-bá e caminha para o curso superior gradativamente.

Para a continuação do nosso estudo, vamos focalizar o lado positivo

dos dois segmentos naturais das coisas: o **equilíbrio psíquico** — ao invés da perturbação espiritual — e a **saúde** — ao invés da doença.

Equilíbrio espiritual

Os Espíritos que completaram sua caminhada evolutiva são equilibrados em todos os seus pensamentos, sentimentos e ações, porque compreendem e praticam todo o bem em tudo que fazem, exercem natural influência sobre os demais irmãos espirituais e não se sujeitam mais às inferioridades. Por isso eles são felizes.

Portanto, o equilíbrio espiritual — que é postura correta perante as leis universais divinas — pertence aos seres evoluídos. Até alcançarmos tal estágio, oscilaremos aqui e acolá nos nossos comportamentos e, a cada imperfeição, sofreremos as consequências daquilo que ficou incompleto, inclusive, enquanto encarnado, o Espírito em desequilíbrio acaba imprimindo no organismo físico as suas mazelas espirituais. O grau de sofrimento equivale ao nível das imperfeições e, de acordo com essa lei, quanto mais rapidamente nos aperfeiçoarmos, menos sofreremos amarguras.

Em face dessa ordem natural, o Espiritismo nos propõe a evolução intelectual e moral como principal meio de nos equilibrarmos e conseguirmos a felicidade dos Espíritos perfeitos, ao mesmo tempo em que nos fortalece no curso dessa caminhada, em meio aos nossos sofrimentos do processo evolutivo.

Não que seja necessário cairmos em desequilíbrio, mas que, em vista da caminhada, nós caímos e também assistimos às quedas de nossos semelhantes, compactuando-nos todos num sofrimento individual e coletivo. É dessas quedas que colhemos experiências e aprendizados para nossa evolução — desde que saibamos superá-las. E quanto melhor nós aproveitarmos essas experimentações, mais altos patamares nós galgamos.

A questão é como aproveitá-las.

Crises psíquicas

Se o equilíbrio espiritual é basicamente a ciência das coisas — para assim saberemos como proceder bem — e o cumprimento dos nossos deveres, qualquer falta que cometermos nesse sentido gerará um tanto de desequilíbrio consciencial, cujo grau de tormenta se sujeita à relevância daquela falta.

E o nosso juiz maior é a própria consciência. Na medida em que se desenvolve, dentro do curso evolução, ela nos acusa o que nos falta de conhecimento — e nos cobra buscarmos esse conhecimento perfeito das coisas —, bem como o que há de imperfeito em nossos pensamentos, sentimentos e ações.

O mal-estar espiritual é então uma advertência de imperfeição. Tristeza, raiva, ciúme, inveja, preocupação, ansiedade, preguiça, medo e toda qualidade de pensamento e sentimento que julgamos *negativa* sinaliza que algo em nosso íntimo não está em acordo com aquilo que nos compete, que não estamos cumprindo as metas estabelecidas para nosso desenvolvimento espiritual.

E essas dores da alma (para os encarnados) ou do Espírito (nos desencarnados) também são bênçãos divinas para todos nós.

Como assim? A dor é uma bênção de Deus?

Sim, conforme lemos na maravilhosa comunicação intitulada "A paciência", contida no cap. IX de "**O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO**", que começa assim:

"A dor é uma bênção que Deus envia a seus eleitos; pois, não se aflijam quando sofrerem; antes, contemplem a Deus onipotente que, pela dor, neste mundo, marcou vocês para a glória no céu (...)"

Não fosse por essa angústia, o homem ficaria à mercê do comodismo e da irresponsabilidade, comprometendo sua evolução. Porque somos alfinetados pelas perturbações conscienciais, vemo-nos forçados a nos remediar, assim como lança sua mão contra algo pontiagudo vê-se impelido a recolhê-la, em face de sua segurança e bem-estar. Assim é que a tristeza nos dá a conhecer que precisamos buscar a felicidade, assim como a ansiedade nos acusa a ausência de confiança, como a inveja nos alerta de que gostaríamos de ter algo que nos falta e que podemos ter, assim como a fome nos convida ao alimento salutar, como o sono nos arrasta ao repouso necessário, etc. Seria então o caso de considerarmos o sono como uma coisa má? Obviamente que não, e quanto mais agradável ele será se conseguirmos boas condições de o satisfazermos.

O Espírito planeja a sua reencarnação como um período de depuração, aprendizado e experimentação visando sua evolução espiritual, não sua felicidade nos moldes da dimensão física onde habitará por um curto período. É como um estudante que se matricula numa faculdade para aprender determinada matéria, ou como um paciente que se interna num hospital para um tratamento específico. Tanto a escola como o hospital são ferramentas

temporárias para o seu progresso. Mas o que ocorre se, depois de encarnado, o sujeito desvirtua-se dos objetivos? Por exemplo: que fracasso não será se o estudante abdicar da oportunidade de aprendizado e se perder na banalidade dos colegas frívolos? Que prejuízo não será se o paciente desenganar-se do tratamento e fugir do hospital?

Quando o homem (personagem temporário) contraria os seus planos maiores (suas metas espirituais traçadas para esta reencarnação), sua consciência superior (do Espírito) lhe acusa e a alma entra em perturbação devido ao seu desequilíbrio.

Merecimento versus necessidade

A sabedoria popular diz "Cada um tem o que merece", porém, colocando o *merecimento* aqui é normalmente posto mais como *castigo* do que como *justiça*, que às vezes é interpretada como *recompensa* e, por isso, usa-se muito o acréscimo "Bem feito pra ele!".

Já para a providência divina, o merecimento é aplicado como necessidade. Nós temos o que merecemos hoje no sentido de que temos o que precisamos para o momento, visando nossa evolução. Há quem mereça/precise estar acamado em um leito hospitalar, há quem mereça/precise não ter um leito hospitalar disponível para ele, há quem mereça/precise ter nascido dentro de uma família abastada para ter a chance e aprender a compartilhar, há quem mereça/precise nascer na miséria para aprender a buscar recursos, etc. Por essa ótica, Deus não pune, não castiga e tampouco privilegia um ou outro, mas distribui oportunidades conforme as necessidades de cada qual para a caminhada evolutiva.

Obsessão

Infelizmente, há uma ideia bastante vulgar de que toda perturbação consciencial seja fruto de obsessão, de modo que, quando alguém procura um atendimento espírita apresentando um quadro dessa natureza, geralmente a primeira suspeita é de que ele está obsidiado, de antemão culpando um Espírito qualquer e vitimando o perturbado. Ora, Allan Kardec descreveu tão bem o quadro obsessivo, conceituando suas causas, os tipos e graus,²⁴ que gera

²⁴ Especialmente em "O LIVRO DOS MÉDIUNS", 2ª Parte, Cap. XXIII.

espanto ainda nos depararmos com tanta ignorância a seu respeito. Em síntese, obsessão é a má influência que um ser exerce sobre outro. Em um processo obsessivo, há sempre um agente — um Espírito mal intencionado — atuando contra aquele que sofre a má influência. Cogitar obsessão em uma pessoa é sempre envolver outro alguém, culpando-o — pelo menos em parte — pelo sofrimento daquele.

A obsessão existe e é muito comum. Os obsessores movem-se contra alguém especialmente por vingança, na arcaica mentalidade de cobrar a sua justiça, devido a supostas desavenças, inclusive de outras encarnações. É uma tentativa de acerto de conta pessoal. Ocorre às vezes por uma questão ideológica, em que a perseguição não se dá por questão particular, mas partidária, contra uma causa, por exemplo: de um Espírito antipático ao Espiritismo contra os espíritas. O obsessor avança contra sua vítima influenciando-lhe negativamente, inspirando más ideias, comportamentos e até vampirizando suas forças vitais. Porém, o sucesso de sua nefasta empreitada fica condicionado à aceitação que o obsidiado lhe fornece. Se este se compraz em seguir as sugestões negativas, ambos — obsidiado e obsessor — se entrelaçam cada vez mais nas más tendências.

Embora todos nós sejamos tentados, nem sempre podemos considerar que haja um processo obsessivo. A obsessão é a influência já iniciada e não a tentação. Nem todo mundo cai numa investida obsessiva.

E outra questão interessante: nem todo o mal praticado é fruto de uma sugestão de um obsessor. A má ideia pode ter brotado da própria pessoa. O que acontece a partir daí é que, ao praticar um ato negativo, o sujeito acaba atraindo a presença de entidades que se simpatizam com tal negatividade. Por exemplo, quem se farta com a bebida alcoólica, acaba aliciando Espíritos beberrões, que o incitarão a beber mais e mais para daí sugarem as energias orgânicas. Por isso, dizemos que não há vítimas num processo obsessivo, mas sim que há cúmplices.

Portanto, a causa da perturbação espiritual nem sempre é a obsessão, mas todo estado de perturbação é uma porta aberta para Espíritos obsessores, que então se aproveitam para investir contra o perturbado.

Estado espiritual e organismo físico

Ocorre também que, além das dores da alma, das crises psíquicas — como a angústia, a melancolia, a depressão —, o encarnado acaba sentindo na

própria carne os reflexos do desequilíbrio espiritual, porque a consciência imprime no organismo físico as mazelas mentais. Na realidade, a necessidade de reencarnar-se já é, por si só, sinal de imperfeição do Espírito. E quanto menos evoluído, mais ele se apegava à vida carnal, ao passo que, quanto maior o seu progresso espiritual, menos ele é sujeito às condições humana.

Ora, se nos atentarmos para o presente, a vida na Terra é um processo um tanto doloroso para o Espírito, pois o corpo físico limita seus movimentos e o condiciona às leis brutas da matéria, por exemplo, a necessidade de se alimentar e de buscar seu sustento orgânico. Encarnar hoje é um desafio e tanto. A vestimenta humana atual ainda é muito frágil, sangra facilmente, adocece e perece corriqueiramente — da picada de minúsculos insetos a vírus que percorrem livremente o ar. A matéria influencia e muito a alma de modo a dizermos que o comportamento de algumas pessoas mais se dá pelos impulsos cerebrais do que mesmo pelo pensamento. Isso porque o cérebro cria variados materiais químicos que induzem às pessoas a praticarem determinados atos. Por exemplo, a adrenalina é um hormônio secretado pela medula das glândulas suprarrenais que, quando em equilíbrio, entre outras coisas, anima o organismo para esforços físicos e nos põe em alerta diante de estímulos externos. Porém, em dosagem elevada, incita a pessoa a atitudes agressivas. Portanto, a violência nem sempre é um intento puro da consciência, mas uma reação emocional de uma condição material, do excesso de uma substância química — produzida naturalmente pelo organismo físico ou artificialmente injetada no corpo.

Em mundos mais primitivos em relação à Terra, a química corporal exerce maior influência sobre a alma, quase que a dominando inteiramente. Por outro lado, nos orbes mais adiantados, o corpo é muito sutil e pouco interfere no comportamento dos indivíduos. Porém, mesmo em nosso meio atual, há consciências de diversos níveis evolutivos e, por conseguinte, variados graus de interferência física sobre a alma, ou melhor, há diversos níveis de domínio espiritual sobre a matéria, pelo que podemos parafrasear Jesus: **quanto mais forte o Espírito, mais fraca será a carne.**

A ação primordial do Espírito é pensar; quando pensamos, emitimos ondas magnéticas, que são energias. Nosso pensamento materializa nosso estágio intelectual e moral, criando um campo mental no nosso entorno e que se expande de acordo com a qualidade e intensidade de nossas ideias. Diante disso, enquanto encarnados, nosso corpo físico inevitavelmente absorve essas energias imanadas pelos nossos pensamentos e interfere na nossa composição orgânica, potencializando-a — quando nos saturamos de bons pensamentos — ou, pelo contrário, molestando nosso sistema físico — quando nos carregamos

de pensamentos negativos. Pelo acúmulo de ideias, o campo mental interfere sensivelmente no processo químico do corpo humano, produzindo em excesso certas substâncias e neutralizando outras, gerando assim um desequilíbrio hormonal e, conseqüentemente, embaraçando o funcionamento dos órgãos e até propiciando enfermidades graves.

Mas, enfatizamos: a máquina humana tem prazo de validade e carrega em si mesmo um processo autodestrutivo, além de poder sofrer contaminação de um agente externo — como o vírus. Por isso, nem toda doença é provinda de perturbações psíquicas.

Essas definições são extremamente importantes para que se possa pensar em terapias cabíveis em cada situação.

Transmissão de energias

Vimos que a consciência materializa suas vontades pela emissão de pensamentos. Porém, acrescente-se a isso que essas energias mentais podem ser dirigidas especialmente a alguém, como uma saudação, um conselho, uma crítica ou uma afronta, por exemplo. E não se trata apenas de se comunicar ao outro, mas também de lhe dirigir energias — boas ou más. Uma suposição: se uma pessoa diz para seu interlocutor "Você é um fracassado!", não está apenas reproduzindo um jogo de palavras (você + é + um + fracassado), mas sim lhe remetendo uma carga energética, por sinal, bastante destrutiva. Psicologicamente, essa sentença pode repercutir terrivelmente no estado mental daquele que a recebe, pois sua consciência reconhece a qualidade da mensagem transmitida (interpretando o significado daquela soma de palavras) e passa a fazer ideia dos sentimentos negativos depositados por quem pronunciou aquela nefasta frase. Só que, além dessa captação intelectual (a capacidade de interpretar a mensagem), o interlocutor que recebeu a sentença também poderá ser atingido fisicamente — pois seu campo mental foi alvo de um jato de energias negativas —, se aceitar a provocação.

O Espírito equilibrado sabe neutralizar as más investidas a ele dirigidas, porque cria ao seu redor um campo mental de bons pensamentos de tal força que as sugestões negativas não conseguem ultrapassar. Para os demais, a ameaça é constante, porque seus pensamentos imperfeitos criam brechas em seu campo mental por onde as energias negativas penetram e visam contaminar o ambiente psíquico. Portanto, uma mensagem negativa tem dois graus de ameaça: intelectual e física.

Pela ameaça intelectual, quem recebe uma má sentença e a interpreta como tal corre o risco de se contaminar e passar a responder mais ou menos no mesmo nível de inferioridade, quando temos então uma má ideia influenciando outras ideias sombrias.

Pela ameaça física, temos uma carga de energias deletérias arremessada contra alguém, como se fossem uma porção de gases nocivos que, caso consigam penetrar o campo mental da pessoa endereçada, não apenas perturbará suas ideias intelectivamente, como também contaminará seu organismo físico, envenenando seu aparelho corporal. É a isso a que se refere a chamada maldição, magia negra — também conhecida como goécia. Ainda que muito timidamente, Kardec abordou essa questão na compilação de **"O LIVRO DOS ESPÍRITOS"**, como se vê a seguir:

A bênção e a maldição podem atrair o bem e o mal para aquele sobre quem são lançadas?

“Deus não escuta a maldição injusta e perante ele se torna culpado aquele que a profere. Como temos os dois gênios opostos, o bem e o mal, a maldição pode exercer momentaneamente influência, mesmo sobre a matéria. Porém, tal influência só se verifica por vontade de Deus como aumento de prova para aquele que é dela objeto. Demais, o que é comum é serem amaldiçoados os maus e abençoados os bons. Jamais a bênção e a maldição podem desviar da senda da justiça a Providência, que nunca fere o maldito, senão quando mau, e cuja proteção não acoberta senão aquele que a merece.”

O LIVRO DOS ESPÍRITOS, Allan Kardec - Questão 557.

A resposta espírita diz que a maldição (magia negra, carga de energias mentais negativas) pode influenciar negativamente — inclusive, fisicamente — mediante a vontade (permissão) divina. *Vontade de Deus* é um jeito alegórico de dizer que a maldição só pega naquele que lhe der receptividade, naquele que abrir brechas (com seus maus pensamentos) para a penetração da matéria negra.

Energias negras que penetram o organismo humano contaminam células e delas roubam as suas forças vitais. E para compreendermos bem o alcance desse desgaste e até para entendermos melhor como nos precaver de um atentado dessa natureza ou mesmo tratar de um processo já em andamento, vamos adiante verificar a natureza dos fluidos.

Fluido Universal e Fluido Vital

A energia que preenche todo o Universo e que dá forma a ele foi chamada na codificação espírita de **Fluido Cósmico Universal**. Essa é a

substância elementar, a matéria-prima — poeticamente intitulada de *o sopro de Deus*. As suas diversas modificações dão origem aos demais elementos que compõem a criação divina.

O **Fluido Vital** é um dos derivados daquele primeiro fluido e se trata de força magnética especial que agrega os corpos materiais e lhes dá a vida orgânica. Plantas e os corpos dos animais e dos humanos são então vivificados por essa energia, assim como a carga elétrica contida numa bateria alimenta o funcionamento de uma máquina. Os corpos orgânicos sem o fluido vital são como aparelhos eletrônicos sem força elétrica.

Cada célula do nosso corpo é um microrganismo vivo, assim como cada um dos cidadãos que compõem um país. Ela tem seu ciclo natural de vida: nasce, cresce, definha e morre. Ao longo de seu ciclo vital, a máquina humana perde e ganha células desde quando foi gerado, porque está envolvido com uma carga de fluido vital. Porém, essa força fluídica que agrega as células vivas está fadada a um término, o que ocasiona a sua falência. A morte é então o cessar completo da força vital. Sem esse fluido vivificador, os elementos que formam o corpo humano se desintegram e voltam ao pó. Lembrando ainda que é o fluido vital quem liga o corpo espiritual (perispiritual) à vestimenta carnal estabelecendo assim o período encarnatório, e, por conseguinte, a falência física faz com que o perispírito liberte-se da matéria e volte ao plano espiritual.

Equilíbrio mental e saúde física

Equilibrar-se espiritualmente é satisfazer às nossas metas evolutivas. Sentimo-nos mais felizes e mais equilibrados à medida que desenvolvemos nossas capacidades intelectuais e morais, com o que, quando encarnados, poderemos ter maior domínio sobre a matéria — agir mais pela vontade mental do que pelas induções hormonais. Logo, o trabalho a ser feito é simplesmente evoluir-se, adquirindo sabedoria e praticando as virtudes.

Já a saúde física fica sujeita a uma série de fatores, dentre os quais a genética e conservação orgânica (alimentação, higiene, trabalho, repouso, etc.). Contudo, enfatizamos que nem mesmo com as melhores condições genéticas disponíveis em nosso orbe, nem com a melhor alimentação, enfim, nem com as melhores condições de sobrevivência a máquina carnal terá a saúde plena e duradoura. Ademais, como já foi dito, o quadro psíquico também interfere no sistema corporal humano: bons pensamentos potencializam a fluidificação vital; pensamentos negativos perturbam o organismo físico — embora os

reflexos das energias mentais nem sempre sejam tão imediatos, assim como nem sempre são visíveis. Essas forças psíquicas agem diretamente na organização dos fluidos vitais, para que estes então imponham resultados na estrutura carnal, pois a energização fluídica — que se dá naturalmente — pode ser aumentada pela vontade intelectiva. Ou seja: da mesma forma como nosso corpo aprende a respirar instintivamente, mas que podemos conscientemente potencializar nossa respiração, nosso corpo absorve os fluidos vitais necessários automaticamente e pode ter uma melhor absorção fluídica através de nossa indução mental.

Autonomia, solidariedade e resignação

O equilíbrio espiritual é uma conquista individual. Cada qual tem a autonomia de se equilibrar espiritualmente. Logo, a primeira faceta da terapia espírita é iluminar-se, para, a partir daí, ajudar as consciências de que elas próprias podem se autotratarem — quando conquistamos nossos objetivos por nossas próprias capacidades. Desta forma, o Espiritismo nos enseja ver que cabe a cada qual a tarefa de nos tornarmos perfeitos e felizes, embora haja uma ligação interpessoal nesse processo em que somos assistidos e assistimos os nossos semelhantes, num aprendizado coletivo do qual se extrai o aprendizado individual. Portanto, dentro da terapia espírita estão os conceitos autonomia — esforçar-se para se autodepurar — e solidariedade — colaboração com os irmãos e com o meio ambiente onde se vive.

Entretanto, na condição humana, por mais que adiantado que o Espírito seja, dentro do processo de aperfeiçoamento, a carne impõe as durezas próprias da natureza física. Na geração atual, por exemplo, o período da infância ainda é longo, pelo que vemos quanto tempo o Ser espiritual demora se adaptando à dimensão terrena; vemos como o corpo material perece rapidamente e o quanto o período geriátrico ainda é de demasiada debilitação orgânica para o sujeito. Diante desses condicionamentos naturais, só nos restam dois apontamentos a observar: 1) que devemos ser resignados, uma vez que tais imposições estão acima de nossa alçada; e 2) compreendermos que todos esses desígnios de Deus têm um propósito sábio, bom e justo; que os sofrimentos e reclames da vida física são lições para nosso intelecto (porque impele as inteligências na Terra para que trabalhem no desenvolvimento de novas alternativas para o bem-estar comum) assim como as dificuldades carnis são provas para nossas virtudes (como a supracitada, resignação).

Aliás, para bem dizer, quem dentre esta geração pode calcular o valor

de uma enfermidade que, embora castigue o homem fisicamente, o livra de mais e mais excessos, que o remete a preciosos instantes de reflexão — ainda que envolto de reclamações e até blasfêmias — e o encaminha para o encontro com o seu *eu* espiritual? Não temos visto esporadicamente almas nobres suportarem cruciantes dores enquanto sustentam um olhar esperançoso, um sorriso firme e as mãos unidas e voltadas para o alto? Como eles louvam aos céus, tão logo retornam à pátria espiritual, pelas penúrias sofridas no orbe terrestre, pois que com isso seus perispíritos então gozam de indizível alívio. Os homens choram o falecimento dos parentes e amigos — especialmente em se tratando de mortes prematuras — ignorando a libertação espiritual que aí se processa.

A força de resignação é por si só um exercício de autoterapia.

Lembre-mos aqui da pequena prece conhecida como "Oração da Serenidade":

Concedei-nos, Senhor, a Serenidade necessária
para aceitar as coisas que não podemos modificar,
Coragem para modificar aquelas que podemos,
e Sabedoria para distinguir umas das outras.

Procurar o alívio e a cura

Resignação para atravessar as adversidades naturais da vida, às quais não podemos contornar completamente, contudo, havendo uma alternativa para a cura ou pelo menos o seu alívio, esta não apenas é um direito que nos assiste, mas ainda um dever de cada qual para consigo mesmo.

Ainda há entre nós resquícios de primitivas tradições fundadas sobre cilícios, penitências e autoflagelação física como reparação para os *pecados morais*, criando para si um estado psicótico sobre a crença de que é preciso sofrer (inutilmente) simplesmente porque a pessoa, nessas condições, julga-se merecedora do sofrimento, porque nasceu para isso, porque é sua sina...

Enquanto isso, lemos em Allan Kardec:

“Os sofrimentos naturais são os únicos que elevam, porque eles vêm de Deus. Os sofrimentos voluntários de nada servem, quando não servem para o bem dos outros (...).”

O LIVRO DOS ESPÍRITOS, Allan Kardec - Questão 726.

Seria sensato supormos que, na tentativa de aprender a caminhar, a criança que cair quisesse permanecer no chão porque caiu e passasse a crer que talvez o melhor fosse rastejar a vida toda? Ao ver tal cena, seus pais ficariam

contentes com tal atitude? Claro que não, certo? Pois assim não podemos admitir que Deus se contente em nos ver sofrendo ao chão depois das nossas quedas. Jamais Ele poderá eximir alguém do trabalho de recomeçar os passos até que domine sua caminhada e aquilo que chamamos de punição é somente a obrigação de refazer aquilo que não fizemos bem feito. Se relutarmos em não continuarmos no aprendizado, a providência divina cuidará de nos colocar em determinadas situações que nos estimulem a isso. O rigor de nossa teimosia estabelecerá a dureza dessas situações, pois a lei de evolução é irrevogável.

Tratamento normal e tratamentos especiais

Enquanto em curso evolutivo, portanto imperfeitos, estaremos sempre em tratamento — psicológico e físico (durante as reencarnações). As provações do dia a dia, as transformações sofridas pelo corpo orgânico e todas as adversidades são etapas do aprendizado para o nosso progresso espiritual. Somos então constantes pacientes, até quando finalmente conseguirmos o nível de Espíritos perfeitos. A fome, a sede e o cansaço físico são demandas normais que precisam ser tratadas, e para as quais nós sabemos bem como supri-las — alimento, hidratação, repouso. Porém, e as demandas espirituais? Sabemos tratá-las convenientemente?

Ora, falando da questão física, há pessoas que já adequaram muito bem um cotidiano saudável, com a oxigenação bem ordenada, requerida hidratação, uma alimentação balanceada, higiene apropriada, trabalho físico, check-up clínico regular, etc. Todos esses cuidados fortalecem o bem-estar, embora — como já vimos —, a máquina humana tenha suas naturais fragilidades e por isso não podemos esperar um perfeito equilíbrio material estando sob a vestimenta carnal. Então, estamos aqui em um tratamento continuado, normal, rotineiro.

Em uma conjuntura extraordinária, em que há um desequilíbrio pontual, vemo-nos então na condição de enfermo, por exemplo: pelo ataque de uma virose, um acidente físico ou o descuido com aquele tratamento normal. Em geral, como a rotina orgânica fica alterada na ocasião de um quadro doentio, o paciente se vê na necessidade de um tratamento especial, diferente dos procedimentos rotineiros, como a ingestão de medicamentos ou alimentos específicos para a reposição orgânica, mais repouso ou até operações mais consistentes, como transfusão de sangue, transplante de órgão, cirurgias de extração de tumores, implantes de ponta de safena, etc. Desta forma, é interessante compreendermos qual o tipo de tratamento para cada circunstância especial, criada pela enfermidade.

Talvez o leitor esteja a indagar o que isso tem a ver com Espiritismo, afinal de contas, pelo que eu respondo: a educação espírita não atropela a ciência humana, o que nos obriga dizer que a terapia espírita começa com a observância do tratamento normal, acima descrito, que é da educação básica, que se aprende em casa, na escola e na sociedade em geral, independentemente de credo religioso ou de qualquer corrente filosófica. É o básico, pois a desinformação ou a negligência do tratamento normal acarreta em doenças comuns. E não é de se estranhar que uma pessoa lamente por sofrer de dor de dente tendo ela se descuidado dos cuidados primários com a higiene bucal? Logo, uma pessoa assim que procurar uma casa espírita reclamando um tratamento espiritual para sua dor de dente está mais na qualidade de quem precisa mais receber uma aula de assepsia oral do que mesmo ouvir uma pregação evangélica, infelizmente. E tem muita gente indo buscar socorro — e milagre — nas casas espíritas e igrejas para tratar de dor de dente, unha encravada, fígado ressecado pela bebida alcoólica e outras coisas ainda mais ordinários.

A partir disso, podemos começar estabelecendo que o tratamento normal comece pela educação básica e que a primeira instância a ser procurada em caso de enfermidade física seja a da ciência médica profissional. A Medicina é uma graça de Deus entre os homens e uma das vias para o desenvolvimento das faculdades intelectivas do Espírito e não é pretensão do Espiritismo e nem da terapia espírita concorrer contra a classe médica. Aliás, é certo que ambas caminharão lado a lado, convergindo para o bem-estar do corpo e da alma, acima de qualquer bandeira ou ideologia.

Posto o papel da ciência médica humana, perguntaria o leitor, o que sobrou para o tratamento espírita no campo dos desequilíbrios físicos? Apenas o papel de evangelização teórica? Não haveria espaço para curas espirituais? E as cirurgias mediúnicas? E a tão recorrente fluidoterapia?

Vamos refletir sobre esses questionamentos, claro, mas antes, e peço licença ao nobre leitor, quero comentar sobre a terapia espiritual, já que nos parágrafos anteriores nos atemos às condições físicas.

Nós, seres em evolução, igualmente estamos submetidos a um tratamento normal e continuado no campo do nosso psiquismo, sendo que a maior providência para o bem-estar consciencial é justamente usufruir da consciência, praticando o raciocínio lógico em nossos pensamentos, aproveitando as experiências vivenciadas e os ensinamentos colhidos com a contribuição dos semelhantes, especialmente dos valores morais e dos ensinamentos de natureza espirituais. E eu não poderia deixar de dizer que nesse terreno,

para mim, a prática espírita reúne os melhores recursos para o tratamento normal para nossa consciência.

Nossa vivência diária comum é de uma variada ordem de impressões psíquicas: medo, alegria, ansiedade, desafio, prazer, surpresas, sustos, etc. Porém, é claro que há quem tenha uma vida mais recatada, tímida e monótona enquanto outros vivem em ambientes de fervilhantes acontecimentos. Estes, apesar de estarem mais expostos a maiores perturbações psicológicas — por exemplo, o estresse —, enriquecem-se de experimentações. Os sinais mais visíveis para uma crise psíquica é a alteração comportamental do paciente.

Foi dito aqui que na prática espírita comum quase sempre há a dedução apressada que uma perturbação psíquica está ligada a um processo obsessivo — o que é não é exato. É certo que a perseguição provinda de uma entidade revoltada pode causar imensuráveis transtornos, mas há uma causa bastante comum e muito mais forte para produzir perturbações conscienciais: os próprios pensamentos negativos que o indivíduo faz brotar de si, tais como a mágoa, o ódio, o remorso, o desengano com a vida e a deliberada ação criminosa — por exemplo, por vingança ou para aquisições egoísticas. Envoltos desses pensamentos, a pessoa contamina-se de uma carga energética deletéria, como que criasse uma redoma de massa negra, fechando-se do mundo, além de carregar esses fluidos negros para o convívio comum, capaz até de envenenar a atmosfera psíquica das pessoas que o cercam.

E, como se não bastasse a perturbação consciencial, essas emanções magnéticas se materializam no ambiente físico — como já vimos aqui —, a começar pela desestruturação dos componentes químico-hormonais. Por exemplo, pensamentos que inspiram ódio e vingança aceleram a produção de adrenalina; e o excesso deste hormônio é altamente prejudicial ao sistema nervoso. Eis porque concluímos que, a rigor, a condição carnal é uma imposição do desequilíbrio espiritual, pois se nossa consciência fosse evoluída, não mais precisaríamos estar sob o julgo das reencarnações e não sofreríamos as dores físicas.

Ao contrário dos males físicos, que geralmente muito cedo apresentam sinais do desequilíbrio orgânico, os desajustes psíquicos são mais difíceis de serem diagnosticados. Qualquer dorzinha que sentimos indica que algo errado está ocorrendo com nosso corpo; da mesma forma, qualquer sentimento negativo despertado em nossa mente nos acusa que há algo errado em nossa consciencial, ou seja, uma enfermidade psíquica, doença moral, imperfeição espiritual, mais ou menos grave.

Colapsos físicos e espirituais

O descuido com os pequenos sintomas resultam no acúmulo de males que se acumulam até o grau em que se transformam em colapsos, pois um problema não resolvido gera outro e mais outros e assim se agigantam cada vez mais até serem tratados.

Por ignorância, é comum as pessoas tratarem apenas da dor — pois é o que lhes incomoda de pronto — e se esquecem de que o problema não é a sensação dolorosa (dor não é doença, mas um aviso do sistema nervoso que há algo errado no organismo), deixando de lado o verdadeiro problema que então a resultou. Vamos fazer uma suposição: para o indivíduo que tem uma infecção intestinal (e esta produz a sensação de dor); o tratamento correto seria: 1) analgésico, para aliviar a dor; 2) anti-inflamatório, para reabilitar o intestino; e 3) cuidados especiais para prevenção de uma nova inflamação, verificando a causa motivadora daquela inflamação (um determinado alimento, bebida, virose, etc.). Se, de outra forma, o paciente simplesmente ignorar a correta terapia (apenas tomando remédios paliativos ou, digamos, ingerindo o mesmo tempero que afetara seu intestino), a simples infecção intestinal poderá se transformar em um problema crônico, como a *retocolite ulcerativa* e a *doença de Crohn*. O que era um simples desajuste físico, facilmente tratável, torna-se um caso problemático, que exigirá procedimentos mais trabalhosos, como uma intervenção cirúrgica ou aplicação de drogas mais pesadas e de maiores efeitos colaterais.

De igual maneira, há os colapsos espirituais. Um menor pensamento negativo, um instante de tristeza, qualquer sentimento imperfeito é um aviso de que precisamos tratar a consciência. Se negligenciarmos essa advertência moral e nos iludirmos com um paliativo qualquer — por exemplo, compensar um problema com um mimo qualquer, como se fosse empurrar a sujeira para baixo do tapete —, estaremos acumulando em nosso íntimo uma imperfeição que mais tarde poderá comprometer nossa consciência. Por exemplo: um pequeno mal-estar mental que o indivíduo sente quando seu vizinho lhe exhibe o carro novo que ele não tem é uma imperfeição, sem dúvida, que damos o nome de *inveja*. Diante dessa situação, o indivíduo tem duas alternativas básicas: tratar aquela impressão negativa ou ignorá-la. Se optar pela primeira opção, caminhará para a reeducação sentimental através de argumentações como: a pontinha de inveja veio me incitar a conseguir um benefício semelhante ao do vizinho (o carro), pelo trabalho; se o seu emprego atual não lhe dá esperanças de tal aquisição, ele buscará a requalificação profissional, o estudo e o desenvolvimento de habilidades e empreendimentos. Com a devida prudência e

a reeducação sentimental, ele considerará que se não conseguir aquele objeto desejado, mesmo com todos os seus esforços, é porque para o momento não lhe é conveniente possuí-lo, e que, independentemente dos objetivos, o sintoma maléfico — a inveja — deve ser sublimado. No segundo caso, de não tratar a questão adequadamente, uma simples ponta de inveja pode dar ensejo a uma onda de novas deturpações conscienciais, por se colocar os objetivos pessoais à frente da ética. Ora, o sujeito que assim proceder, fará o que for possível para alcançar suas metas, mesmo que precise usar métodos antiéticos, na ilusão de que o fim justifica o meio. Enquanto isso, o indivíduo ético põe à frente de tudo a imposição de agir corretamente, mesmo que isso implique em não alcançar os seus objetivos pessoais, confiando que o conveniente é somente aquilo que se conquista eticamente. Os pretextos vulgares como "eu faço isso porque tudo mundo faz" já não lhe satisfaz e mesmo privar-se de um benefício momentâneo em razão de agir consciencialmente não lhe pesa, antes disso, proporciona-lhe a satisfação de não mais estar sob a influência material.

O desencanto com a vida, a melancolia e a depressão são colapsos espirituais de uma série de atrasos morais acumulados, mas que já poderiam ter sido tratados. E quanta problemática resulta desses colapsos...

O papel do socorro espiritual

Mas, voltemos à questão que ficou em aberto: afinal, do que trata a terapia espiritual — ou, especificamente a terapia espírita?

Primeiramente, a prática espírita — e toda boa prática espiritual — é uma educação para a evolução. Espiritismo é uma escola evolutiva, pela qual aprendemos valores espirituais que servem para obtermos a perfeição a que todos estamos destinados e que, enfim, servem para toda a infinidade dos tempos.

Em segundo plano, mas também de muita valia, vem o socorro emergencial.

Um detalhe muito relevante é o de que não cabe ao socorrista — seja um profissional médico, seja um terapeuta espiritualista — humilhar o paciente por ele ter chegado ao estado doentio, mesmo que seja muito aparente que o próprio assistido tenha sido o causador direto e imediato do malefício de que ora pena. Havendo recursos, cabe ao socorrista empregá-los da melhor forma possível em favor do paciente — sem ele quem for; é uma vida a ser preservada e tratada com responsabilidade e caridade. Felizmente, pelo avanço da

medicina atual, há muitos recursos disponíveis se não pela cura completa, ao menos para amenizar o sofrimento de um enfermo. E mais ainda podemos dizer dos recursos alternativos: o socorro espiritual é de proporções ilimitadas, mas obedece sempre à lei universal instituída pelo Criador.

Enfatizamos: a terapia primordial é o tratamento normal e continuado, que envolve desde a educação básica, os cuidados físicos, os procedimentos preventivos, acompanhamento médico profissional e espiritualização; além disso, na incidência de um colapso físico e psíquico, a primeira instância a ser procurada é a das ciências humanas — que nos foi dada justamente para esse objetivo. E isso não é preferir as coisas terrenas em relação a Deus, pois que também a ciência humana é divina: isso é, no mínimo, exercitar a evolução humana. Quanto então toparmos os limites atuais da sabedoria científica, quando então se esgotarem as responsabilidades do paciente, aí sim entra em cena o socorro espiritual com toda a sua potência — que é ilimitada —, embora haja situações em que seja permitida uma excepcional intervenção dos Espíritos, pois, em geral, a espiritualidade não pode interferir no livre-arbítrio das pessoas e nem isentar ninguém de suas obrigações.

É realmente uma opinião polêmica, mas o meu parecer é o de que o socorro espiritual — especialmente para tratamento de enfermidades físicas — não é tão comum como certas pessoas andam pregando, prometendo e vendendo por aí — que, aliás, muito mais como *assistencialismo* do que *assistência*.

Cabe ao Espiritismo ensinar evolução no lugar de propagar paliativos.

Curas espirituais

Embora não seja tão comum, há mesmo curas espirituais — ou seja, por intervenção direta da espiritualidade —, que vulgarmente são rotuladas de *milagres*, tais como rápida desintegração de tumores malignos, a desobstrução da visão, recomposição celular, etc. Com os recursos fluídicos de um médium, os Espíritos mais evoluídos podem operar o sistema orgânico humano e promover fantásticas cirurgias. Há incontáveis registros de operações dessa natureza — dentro e fora da prática espírita.

As curas promovidas por Jesus não eram mágicas, no sentido místico, como puramente estalar o dedo ou rezar uma fórmula litúrgica para que a cura se desse instantaneamente. Não é um ato místico, mas sim natureza fluídica.

Os Espíritos não fazem um câncer meramente desaparecer de um

corpo físico, mas sim fazem com que as células contaminadas se desintegram por força de um jato fluídico bem dirigido — assim como desintegramos uma pedra de açúcar com uma simples pressão — para que dê lugar a células novas e sadias. A massa cancerígena é então expelida do organismo. O espanto aqui fica por conta do tempo do processamento: o que duraria anos para se operar naturalmente (a substituição de células) se dá muito rapidamente, pois os Espíritos elevados sabem manipular as energias e dirigi-las convenientemente.

A cura de uma cegueira é possível? Sim, claro! A alma não é cega, mas sua visão é obstruída por um problema físico, que nada mais é do que uma desorganização da matéria. Para isso, há Espíritos hábeis na desobstrução da visão, mesmo que seja necessário reconstruir o órgão visual. Utilizando-se dos fluidos, eles podem materializar carne, nervo, osso e tudo o que precisarem para o recondicionamento humano, assim como o carpinteiro restaura um móvel utilizando nova madeira. Não é mágica: é conhecimento e habilidade. Assim Jesus procedia ao distribuir os seus *milagres*, porque detinha a ciência espiritual para aplicar seu magnetismo, curando os enfermos pela operação fluídica e não simplesmente pela força verbal. Ao dizer ao paraplégico "Levante e ande!", não estava ditando palavras mágicas, mas estava expelindo fluidos magnéticos curadores. A força não está nas letras, mas na fluidificação, que dá forma a todos os corpos materiais.

Mas a questão maior a ser observada aqui é onde e quando há essas intervenções espirituais. Aparentemente, ao percorrer as ruas da Palestina, o Cristo curava aleatoriamente, a quem tivesse a sorte de esbarrar nele. Além disso, tem-se a impressão de que os assistidos nada contribuía para a cura. Todavia, não é bem assim. Sabemos que muitos daqueles miseráveis caminharam léguas e léguas até encontrá-lo — o que lhes daria certo crédito, pela perseverança. Mas o fato é que Jesus não curou a humanidade de todas as enfermidades, como curou o servo do centurião romano, e nem ressuscitou todos os falecidos, como fez a Lázaro, e nem multiplicou moedas e as distribuiu a todos os pobres, como fez com o peixe e o pão numa certa tarde. Por que não?

Diante da ignorância humana, as intervenções espirituais, assim como os *milagres* operados pelo Messias, são exceções numa imensidão de conflitos e enfermidades, cuja razão elementar é um efeito didático, instruir e até para dar provas da existência do plano espiritual e das suas capacidades de interferência no mundo físico. Elas são operadas para despertar o interesse das almas para a natureza espiritual. Utilizando a linguagem bíblica, diríamos que as curas milagrosas são para manifestar a glória do Pai Celestial. Mas para que nossa fé tenha o mérito do conhecimento desta natureza e não somente pelo espanto, as

intervenções não podem ser banalizadas, especialmente porque as enfermidades não surgiram por acaso, sem a responsabilidade daqueles que as sofrem. Creio mesmo que a maioria das pessoas que conseguem uma cura espetacular por uma intervenção espiritual trouxeram esses males para a presente encarnação não porque expiam erros e sim porque são missionários e se voluntariaram a nascer assim para servirem de instrumento da graça de Deus diante dos semelhantes — por isso, nem sempre devemos supor que um enfermo seja devedor de sua enfermidade.

Mediunidade de cura

Para a elaboração de "**O LIVRO DOS MÉDIUNS**", Allan Kardec pesquisou sobre a mediunidade de cura, concluindo que se trata de uma faculdade espontânea, independentemente da deliberação do médium dessa natureza, que nem sempre se dá conta de suas manifestações, mas que operam curas ou promovem sensível alívio mediante um toque, sopro ou simples olhar seguido de uma prece. É que sua oração íntima e sincera é uma verdadeira evocação, que atrai para a ocasião a assistência de uma potência oculta — que é o que processa a cura. Essa força invisível vem da ação de Espíritos qualificados para a intervenção curadora utilizando os fluidos extraídos do médium de cura — mesmo que este não tenha conhecimento dessa ação.²⁵

O fato de Kardec ter classificado essa especialidade dentro dos tipos de mediunidade me faz crer que o diferencial do médium de cura seja a qualidade de seus fluidos e a facilidade que os seus assistentes espirituais tenham de extraí-los para a aplicação sobre o paciente. Isso implica que nem todo mundo é capaz de ser um médium curador — por não possuir esses fluidos vitais especiais, ou, mesmo possuindo essas energias, por não permitir um livre acesso aos Espíritos agentes da cura.

Como já foi dito aqui, a incidência dessas curas extraordinárias segue a linha do efeito educativo e é rara, como acentuou o codificador espírita²⁶ — eu diria mesmo que é raríssima. Naturalmente que o senso comum cobra Deus por uma presença mais ostensiva e uma bênção maior contra os males da vida. É que quem vê a desgraça material nem sempre contempla a graça espiritual que há naquilo que chamam de *mal*. Para pessoas que pensam assim e sofrem de grave moléstia, a cura mais lhe serviria como bilhete para o mesmo banquete de frivolidade de outrora do que mesmo uma lição moral. Por isso, dificilmente

²⁵ Ver em "**O LIVRO DOS MÉDIUNS**", Allan Kardec - 2ª Parte, Cap. XIV, item 175.

²⁶ Ver em "**A GÊNESE**", Allan Kardec - Cap. XVI, item 34.

elas conseguem uma cura efetiva, pois precisam caminhar um pouco mais ao lado da doença para merecerem (precisarem) de alívio, sem contar que, por conta das limitações físicas, estão recebendo a graça de não aumentarem o próprio drama, que fariam se ainda gozassem da saúde. Logo, o que deveria ser um benefício se transforma em desserviço espiritual.

Certamente que há médiuns curadores entre nós, praticando ou não a Doutrina Espírita, servindo como instrumentos da graça divina. Mas as operações espirituais precisam também coincidir com as necessidades do paciente, de modo que a simples presença do médium — mesmo que este esteja acompanhado dos amparadores invisíveis — não serve como garantia para a cura ou melhora de qualquer enfermo.

E quanto aos trabalhos de cura espiritual atualmente tão propagados no meio espírita? Eles não são produtivos?

Eita, lá vou eu de novo...! Na minha modesta opinião, lamentavelmente há hoje em dia uma banalização dos *serviços espirituais* e um dos mais apelativos é justamente o de cura, porque a demanda é grande e o desespero é gritante. Igrejas, centro de terapias alternativas e até casas espíritas têm usado o apelo da cura para atrair pessoas e fazer gente. É uma pena! Mas isso não quer excluir a existência de bons médiuns curadores, inclusive bem assessorados pela espiritualidade, e que se consiga uma cura maravilhosa ou ao menos uma significativa melhora. A cura espiritual existe e é um recurso válido, mas repetimos: é secundária. O que é primordial é a evolução espiritual — mesmo que sob uma carne enferma.

E se o leitor teve a paciência de chegar até esse ponto desta obra é porque não estar à procura de um milagre apelativo, mas por estar imbuído de aspirações superiores.

Tratemos então de Magnetismo com mais profundidade e veremos o quanto esse item é relevante à prática espírita.

Magnetismo (Mesmerismo)

Para falar de Magnetismo, eu começo invocando Allan Kardec, que assim sentenciou:

O Espiritismo e o Magnetismo nos dão a chave de uma imensidade de fenômenos sobre os quais a ignorância criou um número infinito de fábulas, em que os fatos se apresentam exagerados pela imaginação. O conhecimento lúcido dessas duas ciências que, a bem dizer, formam uma única, mostrando a realidade das coisas e suas verdadeiras causas,

constitui o melhor preservativo contra as ideias supersticiosas, porque revela o que é possível e o que é impossível, o que está nas leis da Natureza e o que não passa de ridícula crendice.

O LIVRO DOS ESPÍRITOS, Allan Kardec - Comentário à questão 555.

Trocando em miúdos, as duas ciências — Espiritismo e Magnetismo — se completam, o que implica dizer, portanto, que é indispensável ao espírita o estudo de ambas para o bom entendimento do que envolve a natureza espiritual atuante em nossa dimensão física. Pular esse estudo significa então abrir uma imensa lacuna, assim como a compreensão imperfeita desse tema compromete a prática espírita. Allan Kardec assim escreveu porque tinha conhecimento de causa, já que, antes do papel espírita, ele havia estudo o Magnetismo Animal (do latim *ánima*, alma), inicialmente conhecido como Mesmerismo — em alusão a Franz Anton Mesmer (1734-1815), médico e pesquisador alemão, pioneiro a estudar e elaborar cientificamente essa ciência²⁷.

Convencidos da importância do Magnetismo, podemos sintetizar sua tese da seguinte forma:

- Magnetismo é o envolvimento recíproco de fluidos vitais entre almas;
- Fluido magnético é a energia elementar que envolve e dá vida aos corpos orgânicos e sem a qual não há ciclo vital, sendo uma variação do fluido cósmico universal (matéria básica que dá forma a todas as coisas e ao próprio Universo);
- A terapia magnética consiste basicamente de duas formas:
 - 1) **Doação de fluidos**, de um indivíduo melhor equilibrado energeticamente para um paciente carente de energia vital;
 - 2) **Dispersão fluídica**, em que o magnetizador remove energias sobrecarregadas em um paciente.
- A permuta fluídica magnética ocorre automaticamente, pelo simples contato ou mesmo na aproximação — embora, nesses casos, em baixíssimo volume;
- A magnetização propriamente dita se dá por deliberação pessoal, cujo volume fluídico energético é proporcional à força de vontade dos envolvidos, tanto de quem doa ou dispersa fluidos, quanto de quem está sendo socorrido;
- Como o equilíbrio dos fluidos vitais são imprescindíveis para a vida orgânica, a magnetização é um recurso socorrista positivo, pois aquele que está com baixa carga energética pode ser magnetizado e ter seu organismo reequilibrado. Por outro lado, quem está sobrecarregado

²⁷ Aliás, é altamente recomendável que o leitor pesquisa a biografia de Mesmer, a fim de melhor compreender o desenvolvimento histórico do Magnetismo.

pode ter sua carga energética reajustada por um magnetizador hábil para dispersar os fluidos em excesso;

- A eficácia da terapia magnética, entre outras coisas, fica sujeita à qualidade dos fluidos doados, ou seja, do estado energético do seu magnetizador.

Magnetizar um assistido que esteja com baixo volume energético é como alimentar um faminto. Nesse caso, de acordo com as necessidades do beneficiado (o tamanho da fome) e a qualidade do alimento que lhe é oferecido, o benefício pode até ser vital para a sua sobrevivência. Por isso, ao iniciar suas pesquisas espíritas, o codificador propôs aos Espíritos a seguinte questão:

Por meio de cuidados dispensados a tempo, os laços prestes a se desfazerem podem ser reatados e podemos restituir a vida a um ser que definitivamente morreria se não fosse socorrido?

“Sem dúvida e todos os dias tendes a prova disso. O magnetismo, em tais casos, muitas vezes, é poderoso meio de ação, porque restitui ao corpo o fluido vital que lhe falta para manter o funcionamento dos órgãos.”

O LIVRO DOS ESPÍRITOS, Allan Kardec - Questão 424

Pela outra forma de atuação do Magnetismo — de dispersão fluídica —, temos o que comumente se chama de **limpeza espiritual**, quando energias insalubres ou os simples excessos de energias quaisquer são retirados do campo magnético do assistido, tal como se faz num processo de desintoxicação, que também poderíamos comparar a uma operação de lipoaspiração.

Os mentores espirituais da codificação do Espiritismo corroboraram a tese de Mesmer e inauguraram uma nova era no relacionamento interpessoal dentro da prática espírita, onde o Magnetismo (Mesmerismo) é difundido como Passe Espírita.

A pergunta imediata é essa: o passe espírita é o mesmo Magnetismo?

Passe espírita

Antes de tudo é preciso diferenciar o Magnetismo da mediunidade de cura — visto aqui dois itens atrás. A cura mediúnica se dá pela intervenção de Espíritos e a participação do médium é secundária, fornecendo os fluidos vitais necessários para a ação espiritual, sendo que quase sempre ele nem se dá conta do que se passa, não vê a ação curadora e nem mesmo os Espíritos que estão utilizando seus fluidos. De alguma maneira isso é salutar porque então o médium não provoca nenhuma interferência negativa. Se tivesse conhecimento

de o quanto pode fazer às pessoas, seria muito tentado a vangloriar-se de *seu poder* e acabar prejudicando a qualidade dos fluidos. Já no Magnetismo, o agente principal é o magnetizador e o resultado da operação se deve muito ao modo como ele procedeu para com o assistido. Essa questão é muito relevante porque há uma falsa ideia no senso comum de que o papel do passista (magnetizador) é simplesmente fazer a imposição de mãos sobre o paciente e deixar o resto do trabalho a cargo da espiritualidade.

Ora, muitas pessoas estranham o fato de Allan Kardec não ter escrito muito sob Magnetismo e, especialmente, porque não lançou um manual para essa ciência a exemplo do que fez em favor da mediunidade ao lançar "**O LIVRO DOS MÉDIUNS**", porque há muitas controvérsias no entorno dessa terapia no meio espírita. A estes eu diria em primeiro lugar que ele escreveu sim, dentro dos livros básicos e na "**REVISTA ESPÍRITA**", bastando que prestemos a devida atenção; em segundo lugar, se o eminente mestre francês não disse mais foi em razão de em seu tempo a literatura técnica sobre Magnetismo era farta a ponto de dispensar repetições, acrescentando que na França daquele século XIX, assim como em outros países, os serviços de um magnetizador profissional eram bastante comuns. Cabe a todos nós buscarmos essas fontes técnicas acerca de Magnetismo, especialmente Mesmer.

Como o movimento espírita até hoje tem sensivelmente ignorado o Magnetismo original — aquele mesmo que Kardec estudou e sob o qual alicerçou as bases da terapia espírita —, instituiu-se uma série de conceitos e condicionamentos no seu entorno que aquilo atualmente chamado de terapia do passe, ou fluidoterapia, mais parece uma nova ciência do que a continuação do Mesmerismo.

Entre outras bobagens que tenho ouvido, uma diz que é proibido ao passista tocar a pessoa a quem aplica o passe. Ora, o contato meigo e respeitoso não pode jamais ser censurado por decreto, pois aproxima os envolvidos (magnetizador e paciente). No entanto, sabemos que um gesto qualquer pode ser mal interpretado e, especialmente entre pessoas desconhecidas e outras não familiarizadas com a terapia espírita, é até recomendável evitar o contato, para não insinuar intimidade descabida. E se observarmos os métodos de Jesus, além da imposição de mãos, vamos encontrá-lo usando até saliva e barro para operar as curas. De outra maneira, voltando à literatura espírita, deparamo-nos com André Luiz, pela psicografia de Chico Xavier, descrevendo a técnica do sopro curativo no livro "**OS MENSAGEIROS**", capítulo 19.

Logo, sem preocupação com o estudo e a pesquisa, a coisa ficou um tanto ritualista e religiosista, como se bastasse apenas fazer uma prece e passar

as mãos sobre o assistido e pronto. Em Kardec, lemos que para qualquer atividade prática responsável é preciso um conhecimento teórico, lúcido, racional e embasado em experiências. Quer dizer, para o exercício da fluidoterapia espírita ser bem eficiente é preciso ciência magnética.

Vejamos o Magnetismo por Allan Kardec:

(...) O Espírito atuante é o do magnetizador, quase sempre socorrido por outro Espírito. Ele opera uma transmutação por meio do fluido magnético que, como dissemos, é a substância que mais se aproxima da matéria cósmica, ou elemento universal. Ora, desde que ele pode operar uma modificação nas propriedades da água, pode também produzir um fenômeno igual com os fluidos do organismo, donde o efeito curativo da ação magnética, convenientemente dirigida.

O LIVRO DOS MÉDIUNS, Allan Kardec – Cap. VIII, Item 131

Atentemo-nos às últimas palavras da citação acima para vermos que o efeito curador requer que a ação magnética seja dirigida convenientemente, ou seja, não pode ser de qualquer jeito; temos que seguir os procedimentos corretos, técnicas apropriadas, e isso porque o agente atuante no processo magnético é o do magnetizador (passista), embora possa ser auxiliado pelos amigos espirituais²⁸, e mais: que o sucesso em um processo de magnetização constitui uma prova de capacidades do passista (magnetizador).

O poder da fé se demonstra de modo direto e especial na ação magnética; por seu intermédio, o homem atua sobre o fluido, agente universal, modifica-lhe as qualidades e lhe dá uma impulsão por assim dizer irresistível. Daí decorre que aquele que junta grande poder fluídico normal com uma ardente fé, pode, só pela força da sua vontade dirigida para o bem, operar esses singulares fenômenos de cura e outros, tidos antigamente por milagres, mas que não passam de efeito de uma lei natural. Tal o motivo por que Jesus disse a Seus apóstolos: — se não o curaram, foi porque não tinham fé.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, Allan Kardec – Cap. XIX, Item 5 - Observação.

Também visto nesse outro trecho kardequiano:

“O Magnetismo é uma das maiores provas do poder da fé posta em ação. É pela fé que ele cura e produz esses fenômenos especiais, qualificados outrora de milagres. Repito: a fé é humana e divina. Se todos os encarnados se achassem bem convencidos da força que trazem em si e se quisessem colocar a vontade a serviço dessa força, seriam capazes de realizar aquilo a que, até hoje, eles chamaram fenômenos e que, no entanto, não passa de um desenvolvimento das faculdades humanas”.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, Allan Kardec – Cap. XIX, Item 12

Observamos então que os Espíritos auxiliam, mas que precisam do trabalho do passista, que deve usar de pureza dos sentimentos e ardente desejo de fazer o bem, pois, enquanto o médium é a ponte entre o Espírito e o homem,

²⁸ Ver em "O LIVRO DOS MÉDIUNS", Allan Kardec - 2ª Parte, Cap. VIII, item 131.

o magnetizador é o próprio agente direto do fluido curador: Os Espíritos somam forças — especialmente quando são evocados aqueles que têm afinidade com o magnetizador e com o paciente —, mas a fonte magnética está no passista. Quando transferimos a responsabilidade para os Espíritos, deixamos de aprender e desenvolver o bom magnetismo, que evolui por meio do exercício.

Em um determinado momento, o codificador espírita cogita a hipótese errônea de seus confrades espíritas negarem as leis do Magnetismo:

Direis que não vos dou nenhuma novidade. Eu mesmo, com efeito, tenho ouvido, desde alguns anos, a sustentação dessa tese por parte de alguns magnetizadores. Agora, porém, procuram implantar essas ideias que, a meu ver, são contrárias à verdade. É sempre errôneo cair nos extremos e há tanto exagero em se atribuir tudo ao sonambulismo, quanto haveria, da parte dos espíritas, em negarem as leis do Magnetismo. Não se poderiam arrebatá-la à matéria as leis magnéticas, como não se poderiam arrebatá-la ao Espírito as leis puramente espirituais.

OBRAS PÓSTUMAS, Allan Kardec – Controvérsias sobre a ideia da existência de seres intermediários entre o homem e Deus, Item 61

Tal preocupação era justa e pertinente, tanto que o que se vê hoje em dia é uma ignorância generalizada e uma prática de magnetização desordenada: pessoas — até bem intencionadas, mas despreparadas — distribuindo passes a torto e a direito, viciando outras em *papa-passes*, feito *beatos espíritas*.

Mas, afinal, reascendendo a questão: a fluidoterapia espírita é exatamente a mesma do Mesmerismo?

Nas linhas gerais é a mesma, porém com uma compreensão melhorada, por exemplo, em razão de, através das revelações espíritas, conhecermos melhor a natureza dos fluidos e do auxílio da espiritualidade no processamento da magnetização. Mesmer tinha intuições desses conceitos e formulou a tese do Magnetismo Animal à base dessas intuições. Com o Espiritismo, temos então a demonstração clara da teoria formulada, testemunhada pelos agentes espirituais através da mediunidade. O que antes era uma suposição, hoje é uma apreensão racional.

Portanto, nada mudou no lado operacional: a mesma espiritualidade que hoje se mostra presente na terapia espiritual — no meio espírita e fora dele — e na mediunidade de cura é a mesma atuava no processo magnético, ainda que fosse ignorada pelos magnetizadores e pelos médiuns de cura.

Com as descobertas espíritas, vemos ainda que além da operação puramente técnica de manipulação física dos fluidos magnéticos (na transferência ou na dispersão das energias), há outro fator preponderante: o poder da vontade, envolvendo a fé e a oração. Já não se trata de um simples

procedimento físico — como diríamos de uma transfusão de sangue —, mas de uma operação que envolve sentimentos, cujo mais sublime é o da caridade.

Outra grande vantagem de sabermos da atuação dos amigos espirituais é a de conscientemente evocá-la para as nossas atividades magnéticas. Como não há prece sem resposta, a espiritualidade não desdenha qualquer convite para um trabalho fraterno. Com o conhecimento disso, nosso convite torna-se mais forte.

Uma diferença essencial entre o Magnetismo praticado no Espiritismo e o praticado fora do movimento espírita diz respeito à questão da gratuidade do serviço. Pelo Mesmerismo, a atividade dos magnetizadores era profissional, bem como a atividade médica regular. Havia escolas de Magnetismo Animal e o curso era pago, como o curso de medicina. A fonte dos fluidos usados nas doações vinha do próprio magnetizador (a parte do trabalho da espiritualidade era invisível) e por isso, como Kardec admitiu, eles tinham o direito de cobrar pelos seus serviços. Entretanto, por uma imposição moral natural, a fluidoterapia espírita não comporta a comercialização da prática magnética, pois, embora a origem dos fluidos continue sendo o passista, a prática espírita carrega em si a bandeira da caridade.

Resta dizer então que seja feito um bom trabalho de estudo e pesquisa sobre Magnetismo para que os magnetizadores (passistas) saibam conduzir bem a terapia e que os pacientes se beneficiem dela o máximo possível.

Bênçãos e corpo fechado

Citei os *papa-passes* e aproveito para destacar uma ideia errônea e muito comum presente nos assistidos que procuram os tratamentos espíritas: a de buscar uma proteção física especial mediante atos litúrgicos; muitos tomam o passe regularmente na ilusão de que com isso estão recebendo uma bênção extraordinária, capaz de exorcizar os *inimigos* e os problemas triviais da vida material. Os simpatizantes do culto afro chamam essa suposta proteção especial pela expressão *corpo fechado*.

Normalmente, as pessoas pedem — e esperam — que nada de mal lhes aconteça, que não passem por nenhuma dificuldade financeira, nenhuma crise conjugal ou para mais adoecerem. E por considerarem essas crises como um mal, facilmente se revoltam ao se depararem com a menor dificuldade que a vida lhes apresenta, quando não se revoltam contra Deus e contra a espiritualidade como a dizer: "Por que isso está acontecendo comigo?!" — e não

como pergunta, mas como uma esbravejo, um estouro violento de quem só quer desabafar, porque se fosse uma pergunta, estariam abertas às respostas e iriam buscá-las. E, obviamente, há respostas para explicar por que isso aconteceu com determinada pessoa, quando e do jeito que aconteceu. Basta examinar bem a questão.

Essa ideia de imunização vem dos mais primitivos tempos e está enraizada na cultura das mais antigas tradições religiosas. É também a linguagem apelativa predominante nos Salmos bíblicos. Para não nos estendermos muito, fiquemos com o exemplo do Salmo 90 (91 na contagem das bíblias protestantes):

Aquele que habita no esconderijo do Altíssimo, à sombra do Onipotente descansará. Direi do Senhor: Ele é o meu Deus, o meu refúgio, a minha fortaleza, e nele confiarei.

Porque ele te livrará do laço do passarinho, e da peste perniciosa.

Ele te cobrirá com as suas penas, e debaixo das suas asas te confiarás; a sua verdade será o teu escudo e broquel.

Não terás medo do terror de noite nem da seta que voa de dia,

Nem da peste que anda na escuridão, nem da mortandade que assola ao meio-dia.

Mil cairão ao teu lado, e dez mil à tua direita, mas não chegará a ti.

Somente com os teus olhos contemplarás, e verás a recompensa dos ímpios.

Porque tu, ó Senhor, és o meu refúgio. No Altíssimo fizeste a tua habitação.

Nenhum mal te sucederá, nem praga alguma chegará à tua tenda.

Porque aos seus anjos dará ordem a teu respeito, para te guardarem em todos os teus caminhos.

Eles te sustentarão em suas mãos, para que não tropeces com o teu pé em pedra.

Pisarás o leão e a cobra; calcarás aos pés o filho do leão e a serpente.

Porquanto tão encarecidamente me amou, também eu o livrarei; pô-lo-ei em retiro alto, porque conheceu o meu nome.

Ele me invocará, e eu lhe responderei; estarei com ele na angústia; dela o retirarei, e o glorificarei.

Fartá-lo-ei com longevidade de dias, e lhe mostrarei a minha salvação.

Isso é querer fazer do nosso Pai um cão de guarda, um guarda-costas ao nosso favor. E para tanto, esses crentes se submetem aos mais esdrúxulos rituais e liturgias, na esperança de *agradar a Deus* e barganhar a sua especial proteção.

A filosofia espírita é de outra natureza: diz-nos que tudo que se passa conosco tem uma origem justa, sábia e boa; que as crises são lições para nossa evolução e que, se examinarmos bem, veremos que aquilo chamado *mal* é na verdade uma grande bênção; diz que não podemos ter a pretensão de estarmos isentos daquilo que nos faz progredir, e que, ao invés de pleitear uma proteção especial, deveremos pedir auxílio no desenvolvimento das nossas capacidades

de superar as adversidades e, com isso, evoluir. Na oração do Pai Nosso, Jesus nos ensina a pedir forças para não cairmos nas tentações, mas ele não pediu para que as tentações deixassem de existir, pois sabe que são essas provas e desafios que nos fazem crescer, que para sermos felizes precisamos ser fortes e virtuosos. Ora, o progresso só se dá com o trabalho e ninguém pode ser isento daquilo que lhe compete.

O que Deus lhe concederá sempre — se pedir com confiança — é a coragem, a paciência, a resignação. Também lhe concederá os meios de se tirar por si mesmo das dificuldades, mediante ideias que sugeridas pelos bons Espíritos, deixando-lhe dessa forma o mérito da ação. Ele auxilia os que se ajudam a si mesmos, de conformidade com esta máxima: “Ajuda-te, que o Céu te ajudará”; porém não assiste os que esperam tudo de um socorro estranho, sem fazer uso das capacidades que possui. Entretanto, muitas vezes, o que o homem quer é ser socorrido por milagre, sem despende o mínimo esforço.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, Allan Kardec – Cap. XXVII, Item 7

Assim, ao lado do pedido por saúde, peçamos a paciência e a resignação para quando vierem os dias enfermos; ao lado do pedido de paz, peçamos a mansidão e a prudência para quando vierem os dias de violência; ao lado do pedido de sossego e felicidade, peçamos a sabedoria e a esperança para quando vierem os dias de desespero e aflição...

Ao invés de fechar o corpo contra os inimigos, abramos nossa alma para a fraternidade; no lugar de muros de proteção, pontes de ligação com os irmãos; no lugar do afastamento em relação aos infelizes, aproximação e serviço de auxílio...

Não há o que temer. Não há injustiças: aquilo que se dá é o que estava reservado e nada escapa à lei universal — seja expiação, seja recompensa.

A imunização total existe sim: ela se dá quando o Espírito percorre por completo o caminho evolutivo e alcança a perfeição. O mal — tal qual o concebemos — continuará existindo, mas o ser evoluído já não se ofende com ele, pois vê que em tudo está a perfeição das coisas.

Efeito da fluidoterapia espírita

Sem ilusão, resumimos que o efeito da fluidificação espírita é paliativo: não salva a alma de ninguém, não isola ninguém contra as adversidades naturais da vida e nem cura o corpo físico, num sentido geral. Mas esse efeito paliativo pode significar muito para quem esteja no desespero.

Ora, o que é um banho para quem se atolou num pântano? O que é o

oxigênio para quem está se afogando? O que é um facho de luz para quem passa dias numa masmorra? O que é o calor de uma fogueira para quem está desagasalhado em pleno inverno? O que é um pedaço de pão seco para quem vive faminto? Isso é mais ou menos o que o **passo espírita bem conduzido** é para quem está em estado de forte desequilíbrio físico ou espiritual. Uma sequência ordenada de fluidoterapia pode mudar positivamente a vida de um assistido que sinceramente busque sua cura como sendo a renovação consciencial, removendo-lhe energias deletérias, compensando a carga magnética e renovando seu ânimo físico e mental. Se, ao contrário, somente procura o milagre e não se propõe reformar seus conceitos e comportamentos, o efeito será ou nulo ou irrisório.

Ninguém pode curar um enfermo que insiste em conservar em si mesmo o seu mal e se deleita dele.

O LIVRO DOS MÉDIUNS, Allan Kardec 2ª Parte, Cap. XXIII. 254

Aqui vejo oportunidade para dizer que, infelizmente, haveremos de nos deparar com muitos irmãos mais atrasados por quem nada substancial poderemos fazer dado o seu desinteresse nos valores espirituais e a quem não podemos ceder além dos limites do que julgamos seja correto. Não há que nos traumatizarmos pela relutância deles em não se comprometerem com o que lhes compete e compreendamos que cada coisa tem o seu tempo próprio para se desabrochar.

O papel do magnetizador/passista

Ressaltamos ainda que o efeito do processo magnético também fica condicionado à qualidade da energia aplicada, sendo que esta diz respeito ao estado físico e mental do passista. Em razão disso, o grupo espírita deve ter critérios para a admissão de voluntários para a distribuição de passes.

Ninguém pode doar o que não tem. Logo, para um tratamento eficaz, é preciso fluidos salutaros; se o magnetizador não dispõe em si de bons fluidos, como poderá transmiti-los a uma terceira pessoa? Desta maneira, a sua saúde orgânica tem grande peso no processo, observando os critérios comuns da boa conservação física como higiene, alimentação e equilíbrio hormonal.

A obra do Espírito André Luiz comenta aqui e ali a importância do serviço do passo espírita, especialmente no tocante das obrigações do aplicador, como, por exemplo, no capítulo 19 do livro "**MISSIONÁRIOS DA LUZ**", do qual extraímos o seguinte texto:

"O excesso de alimentação produz odores fétido, através dos poros, bem como das saídas dos pulmões e do estômago prejudicando as faculdades radiantes devido às desarmonias que geram no aparelho gastrointestinal. O álcool e outras substâncias tóxicas operam distúrbios nos centros nervosos, modificando certas funções psíquicas e anulando os melhores esforços na transmissão de elementos regeneradores e salutaros".

Como sabemos, a rigor, a própria condição física do passista está sob a condição de seu caráter moral. Aliás, Allan Kardec fez questão de salientar a força da imposição moral do servidor espírita, pois, se nos relacionamentos aqui na Terra ainda vigora a força bruta, a astúcia e as posses materiais, na natureza espiritual a hierarquia entre os Espíritos se dá invariavelmente pelas qualidades morais.

Vejamos um trecho kardequiano sobre esse apontamento, em que o codificador ressalta o valor da qualidade moral do médium, que serve como analogia para o passista:

Do ponto de vista da execução, se o médium não passa de um instrumento, todavia, exerce influência muito grande, sob o aspecto moral. Pois que, para se comunicar, o Espírito desencarnado se identifica com o Espírito do médium, esta identificação não se pode verificar, senão havendo entre um e outro a simpatia e — se assim é lícito se dizer — afinidade. A alma exerce sobre o Espírito livre uma espécie de atração ou de repulsão, conforme o grau da semelhança existente entre eles. Ora, os bons têm afinidade com os bons e os maus com os maus, donde se segue que as qualidades morais do médium exercem influência capital sobre a natureza dos Espíritos que por ele se comunicam. Se o médium é vicioso, em torno dele se vêm agrupar os Espíritos inferiores, sempre prontos a tomar o lugar aos bons Espíritos evocados. As qualidades que, de preferência, atraem os bons Espíritos são: a bondade, a benevolência, a simplicidade do coração, o amor do próximo, o desprendimento das coisas materiais. Os defeitos que os afastam são: o orgulho, o egoísmo, a inveja, o ciúme, o ódio, a cupidez, a sensualidade e todas as paixões que escravizam o homem à matéria.

O LIVRO DOS MÉDIUNS, Allan Kardec 2ª Parte, Cap. XX. 227

As qualidades morais e a vontade de servir imprimem nos fluidos magnéticos a força curadora, primeiramente no próprio magnetizador e depois no atendimento aos que se socorrem da fluidoterapia. Havendo essas características, resta ao voluntário conduzir os fluidos convenientemente ao paciente. O leitor deve estar se perguntando: então, como seria um tratamento fluídico convenientemente dirigido, nos moldes de Kardec? Vejamos a seguir.

Organizando o tratamento espírita

Uma condição estabelece dois tipos de tratamento espírita: a disponibilidade de uma assistência direta de uma equipe espiritual. Assim, se o

grupo espírita não dispõe de médiuns ou se nenhuma entidade espiritual se apresentou para auxiliar o seu serviço de assistência, o trabalho fica um tanto limitado, mas ainda assim há muito o que fazer em favor de quem o procure. Por outro lado, claro, na possibilidade de uma assessoria espiritual, o atendimento poderá ser bem mais eficaz.

A seguir, descrevo o formato que penso ser plenamente viável e positivamente útil, mas sem a pretensão de querer ditar uma fórmula absoluta de conduta. Que seja tomado como sugestão.

Consideremos inicialmente a primeira situação, em que não há envolvimento mediúnico: antes de tudo devemos saber que a espiritualidade está presente em todas as atividades humanas — seja visível ou na invisibilidade. Logo, os encarnados do grupo espírita podem estar certos de que estão sendo secundados pelos trabalhadores de Jesus em suas tarefas fraternais. O socorro que podem oferecer começa com uma entrevista (comumente chamada de *Atendimento Fraternal*), ouvindo os apelos do assistido, aconselhando fraternalmente quanto às suas reclamações e estimulando-o a buscar o autodescobrimento espiritual através do Espiritismo, indicando os cursos espíritas. O assistido pode ser encaminhado para sessões de fluidoterapia com foco na dispersão de fluidos sobrecarregados e reequilíbrio magnético, como pronto-atendimento. Fluidicamente equilibrado, é natural que o seu ânimo se reascenda e o assistido se abra mais para a oração, a leitura, o estudo e o interesse pela sua evolução espiritual. Ademais, dependendo das suas necessidades, o grupo pode mobilizar-se para uma assistência mais efetiva, inclusive no âmbito material. Enfim, o grupo espírita precisa ter interesse em ajudar de verdade, criar empatia com aquele que o procurou, servir em tudo que seja possível e útil, dentro e fora das sessões da instituição espírita. Sem laços afetivos, o serviço espírita se transforma em plantão burocrático como é um atendimento simples num banco, numa agência de correios, num hospital, num restaurante, etc. Aquele que procura uma assistência espírita tem que ser visto como um irmão, não como um cliente, um número para somar às estatísticas da casa. A ideia final é trazê-lo para a equipe, como um membro tão valioso quanto os demais para que se torne voluntariamente um companheiro nas atividades da instituição.

Considerando agora a possibilidade de se contar com o auxílio espiritual direto, via mediunidade. Aos mesmos procedimentos citados acima, acrescente-se o atendimento com os Espíritos benfeitores, que descrevo já.

Pelo formato bem-sucedido de algumas instituições, sugerimos: os assistidos que procuram o atendimento espírita passam pela entrevista

individual e em seguida são encaminhados para numa reunião de recepção, em grupo (porque um acaba estimulando o outro a se abrir e assim todos se familiarizam melhor com a casa e com os demais presentes), tendo um monitor (ou mais) para ouvi-los e lhes apresentar as noções básicas da natureza espiritual (numa visão mais ecumênica, inclusive), como a lei de ação e reação, bondade, justiça e sabedoria de Deus em tudo que acontece. As temáticas espíritas não são expostas com veemência, até para despertar certa curiosidade em relação à filosofia espírita (os monitores orientam os assistidos que nas reuniões seguintes as dúvidas e questões pontuais serão tratadas com a devida profundidade). Essa primeira etapa é de mero entrosamento, podendo haver mais de uma reunião. É importante também que o grupo de assistidos seja assegurado de que a espiritualidade já está envolvendo cada um e cuidando das particularidades que trouxeram os assistidos ao tratamento. Os monitores encaminham os interessados ao tratamento fluídico (sem constranger ninguém a tomar o passe, pois há novatos que têm certo temor em relação a essa prática por desconhecer seus fundamentos).

A segunda etapa é a de apresentação dos conceitos básicos da Doutrina Espírita, visando demonstrar que ela elucida as causas e efeitos dos problemas e necessidades de cada um, de forma filosófica e prática. Com o grupo mais à vontade, já se pode falar em temas mais específicos, como a lei de reencarnação, fazendo demonstrações práticas com os problemas comuns das pessoas. Nisso, cada qual dos assistidos vai encontrando as próprias respostas para seus dramas pessoais.

Na terceira etapa, os assistidos poderão ser levados à mesa mediúnica para um atendimento individual com os mentores da casa. Por já terem recebido uma introdução ao Espiritismo, supomos que o paciente já não vá se comportar de maneira tão primária, a fazer perguntas tolas do tipo curiosidades do passado ou do futuro, mas poderá ser um encontro franco de ambas as partes no que tange as necessidades espirituais de momento na vida do assistido.

Familiarizado com a casa, entrosado com as pessoas e tendo desmistificado o modo de operação espírita, certamente que o assistido que estiver com o mínimo de discernimento espiritual ficará bem encaminhado para permanecer na casa, participar dos estudos e pesquisa e se tornar membro da instituição.

Agora, deixe-me falar sobre o trabalho da espiritualidade nesse formato de atendimento: os Espíritos colaboradores já envolvem o assistido desde quando ele se inscreve para o tratamento. No decorrer das etapas, eles

vão observando e perscrutando as necessidades de cada um para quando vier a sessão em que o assistido é trazido para o atendimento mediúnicos, os mentores possam já ter subsídios para uma orientação pessoal.

Dependendo da situação, os Espíritos benfeitores podem antecipar esse encontro convocando o assistido que ainda esteja nas fases anteriores do tratamento. É o caso de quando os guias espirituais diagnosticam que há ligações obsessivas mais ou menos fortes comprometendo o equilíbrio psíquico e até mesmo físico do assistido.

Desobsessão

O que era considerado como pura lenda passou de repente a ser demonstrado como uma ação corriqueira e muito significativa nas vidas comuns: o Espiritismo revelou o processo obsessivo, apontando-lhe as causas e procedimentos, bem como — e felizmente — os melhores recursos para o seu tratamento, aliás, bem distinto do exorcismo que antes era praxe. Entendida como loucura psíquica, deformação cerebral ou atentado demoníaco, a obsessão acompanha a evolução da Humanidade desde os tempos desconhecidos, portanto, não é criação da Doutrina Espírita. O que esta trouxe de novidade nessa temática foi justamente a contraproposta, ou seja, o tratamento de desobsessão, além de instruções preciosíssimas para cada qual se guardar dos indizíveis malefícios que essa ligação negativa pode acarretar.

Os sintomas mais visíveis de uma influência obsessiva sobre uma pessoa é sua a mudança de comportamento, seja por aceleração (ansiedade, agressividade, monoideísmo por uma coisa boba ou desajustada, desejo de vingança etc.) ou por depressão (fobia, timidez profunda, desinteresse pela vida, choro compulsivo, etc.).

As alterações comportamentais são induzidas por sugestões psíquicas do obsessor (como se alguém tivesse *buzinando* em seu ouvido dizendo o que você é ou o que tem que fazer, mas dando a entender que são ideias da própria pessoa). A constância dessas sugestões cria canais fluídicos entre as duas mentes — a do obsessor e a do obsidiado —, fios magnéticos como se fossem sinapses do próprio organismo daquele que hospeda a obsessão fazendo com ele pense constantemente nas más ideias sugeridas. Essa teia fluídica é o que podemos chamar de materialização do processo obsessivo.

Os sintomas descritos aqui nos dão uma boa pista de um possível caso obsessivo, mas não há como nos certificarmos da presença de um hospede mal

intencionado sem os recursos da sensibilidade espiritual — por um transe anímico (um sensitivo pode ter a visão espiritual do que se passa, perceber o agente obsessor e, ou os ligamentos magnéticos obsessivos) ou por mediunidade (informação vinda de uma entidade espiritual).

O atendimento de desobsessão consiste basicamente no desligamento imediato dos canais magnéticos que ligam obsessor e obsediado (processado pelos Espíritos benfeitores, valendo-se do magnetismo dos encarnados que dão sustentação ao serviço espírita) e no auxílio moral a ambos, procurando fazer com que eles compreendam os malefícios dessa associação negativa e busquem a conciliação.

A conciliação normalmente é processada desta forma: o assistido (encarnado) é lavado à mesa mediúnica — que, além dos voluntários espirituais, é formada por médiuns de psicofonia (popularmente chamada de *incorporação*), médiuns de sustentação magnética (de quem os Espíritos extraem os fluidos para realizarem a operação espiritual) e os dirigentes e dialogadores (que conduzem o diálogo com o obsidiado e com o obsessor). Num primeiro momento, o atendimento é bem simples, com passes magnéticos e sondagem (dos Espíritos) dos ligamentos obsessivos. Em seguida, numa sessão privada, um dos médiuns se coloca à disposição para psicofonar o Espírito perseguidor a fim de que o grupo espírita entenda o drama que o liga ao obsidiado e com isso procure apaziguar as coisas. Nessa operação, o obsessor recebe um **choque anímico** (fluidos positivos do médium que lhe dá passagem) e assim, comparando com o seu estado anterior de negatividade, o Espírito obsessor tende se inclinar a emular-se para uma condição superiora ao que se encontrava. Os mentores lhe oferecem socorro e, se tudo correr bem, ele abdica dos propósitos de outrora. A etapa final é um encontro amigável entre o que era obsidiado e o seu ex-obsessor (através do médium de psicofonia). De alguma forma, ambos sentem-se credores e devedores um do outro e, compreendida a necessidade de reconciliação, esse encontro costuma ser muito emocionante e feliz para todos.

Porém, nem sempre o assistido encarnado tem preparo psicológico para ser informado dos detalhes do drama que produziu aquela obsessão, como também nem sempre é proveitoso um encontro entre os envolvidos, mesmo que os laços fluídicos negativos tenham sido desfeitos. A equipe socorrista deve estar preparada para sondar a possibilidade e decidir levá-la ou não a efeito.

Pode acontecer de o Espírito obsessor recusar o auxílio ofertado e deliberar continuar com a perversa perseguição. Os mentores espirituais não podem interferir no livre-arbítrio de ninguém, forçando-o a renunciar ao mal

pretendido. Contudo, podem romper os ligamentos fluídicos e dar temporária proteção especial ao obsidiado, dando-lhe oportunidade para ele criar um campo vibratório positivo (orientado pelo grupo espírita) o qual o obsessor não poderá transpassar. Mas que fique bem claro que essa proteção especial tem prazo limitado e se sujeita à determinação do indivíduo em se elevar e desenvolver em si a força autoprotetora, pela oração e pelo bem proceder em tudo que pensa e faz.

Cromoterapia, Apometria e afins

Atualmente, há no mercado profissional e também no meio religioso — inclusive, adentrando no movimento espírita — uma gama de terapias, técnicas e supostas ciências alternativas objetivando o equilíbrio corporal e psíquico, com envolventes nomenclaturas e promessas extraordinárias. Particularmente, creio que a grande maioria delas é mera roupagem das antigas tradições e uma imitação mais ornada da própria terapia espírita. Outras mais são novas recreações místicas primitivas com alta dosagem de marketing moderno.

Dois exemplos de terapias alternativas que tem despertado *paixão e ódio* — no sentido figurado, claro — entre simpatizantes e zelosos espíritas são: Cromoterapia e Apometria. Por não ter me dedicado a apreciá-las o suficiente, não darei nenhuma opinião formal sobre elas, mas as cito apenas como analogia para as demais.

Ora, aqui entra um trabalho de investigação científica comum, que é o de estudar os postulados ditados pela terapia proposta, averiguar seus resultados, sondar sua utilidade e efeitos colaterais — tanto de ordem psíquica quanto física — e submeter seus procedimentos ao crivo da lógica e da moral evangélica de Jesus.

Não podemos desdenhar as contribuições de novas experimentações, como também não podemos abraçar qualquer novidade sem o exame racional de sua lisura, utilidade e produtividade.

Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise

Chegamos aqui a um ponto um tanto espinhoso: na suspeita de uma perturbação espiritual — por exemplo, na hipótese de um processo obsessivo — que tipo de tratamento devemos recomendar ao seu portador? A terapia espírita ou a terapia profissional?

Pelas nossas convicções, a terapia espírita nos oferece todos os recursos necessários não apenas para o tratamento das crises psíquicas, como também para o tratamento normal das neuroses diárias, mas seus efeitos nem sempre são prontamente visíveis, além de exigir muito do paciente, de modo que não é qualquer um que saiba se beneficiar dela.

As atuais ciências psicológicas profissionais, como especialização da Medicina, são ainda essencialmente materialistas e, por conseguinte, estão bastante restritas às observações cerebrais, pois para as academias, formalmente falando, a ideia central é a de que aquilo que caracteriza o indivíduo ou a consciência está encerrado no corpo humano. Alma ou Espírito preexistente e sobrevivente à morte física já é uma hipótese bem considerada pelos grandes centros de pesquisas psíquicas, porém não há um reconhecimento afirmativo — apesar das evidências. A principal consequência dessa desconsideração é a de que todos os distúrbios mentais são imputados às leis orgânicas; assim, como a Ciência convencional ainda não alcança a problemática espiritual, não tem como oferecer uma solução conclusiva para problemas como os acarretados em decorrência de uma perseguição obsessiva, podendo mesmo acontecer um agravamento do processo, especialmente quando se prescreve certos medicamentos.

De qualquer modo, até por uma imposição da lei civil, não podemos preterir a Medicina regular em favor de qualquer terapia espiritualista. Apesar dos riscos de o distúrbio ser mal diagnosticado e então o tratamento ser mal direcionado, devemos respeitar as linhas profissionais e trabalhar para que elas se requalifiquem e transcendam os limites ora estabelecidos. Em contrapartida, a casa espírita pode sugerir um trabalho paralelo ao tratamento médico.

Os especialistas que lidam com as questões comportamentais são de três categorias: psicólogos, psicanalistas e psiquiatras. Profissionais da **Psicologia** atuam basicamente na orientação para as relações sociais comuns como escolas, empresas, hospitais, etc. A **Psicanálise** volta-se para os conflitos e conflitos íntimos, como distúrbios emocionais, traumas, depressão, transtornos na personalidade, etc. A **Psiquiatria** é uma especialização da Medicina e seus doutores são habilitados para tratamentos complexos, como esquizofrenia, transtorno obsessivo compulsivo, demência, transtorno bipolar, inclusive com receita de drogas específicas para doenças mentais.

Sabemos do estrago que um terapeuta materialista (aquele que desconsidera existência de vida fora da matéria) pode fazer a uma consciência, ainda mais que, por estar em tratamento psíquico, é razoável pensarmos que este não esteja bem consciente — nem de si, nem do que o circunda. Logo,

qualquer sugestão equivocada poderá lhe ser demasiado prejudicial.

Com efeito, resta-nos o alívio de que, felizmente, caminhamos para um acordo entre Ciência e espiritualidade, especialmente falando nessa área de doutrinas psicológicas, uma vez que é crescente a penetração dos conceitos espirituais no meio científico em função das evidências que se apresentam cada vez mais claramente. Creio mesmo que as escolas de disciplinas psicológicas servirão de hall principal para as agremiações oficiais admitirem o que o Espiritismo demonstra com obviedade. Não por acaso, é cada vez mais crescente o número de psicólogos, psicanalistas e psiquiatras adeptos ou simpatizantes da Doutrina Espírita.

Autoanálise e autocura

O processo evolutivo passa pela terapia da **autoanálise**, pela qual o sujeito que já angariou os recursos intelectuais necessários para perpetrar tal procedimento mergulha em si mesmo, examina seus atos e os compara com os apontamentos da lei moral em voga — para nosso caso, a lei de amor ditada por Jesus — para, a partir, daí depurar seus erros e omissões, conforme o método agostiniano presente na codificação espírita²⁹.

Desse investimento é que se tira a **autocura**, pois que, não havendo a quem culpar senão a si mesmo pelos próprios erros, sem busca subterfúgios ou *desculpismos* que justifiquem práticas ilícitas e imperfeitas, sobre ao indivíduo a deliberação para se sublimar e evoluir, esforçando-se para se superar a cada instante, a cada novo ato.

As pequenas conquistas diárias motivam o sujeito a continuar sua escalada e seus esforços atraem a presença da espiritualidade que, tendo campo aberto na mente decidida para o progresso, pode então lançar as melhores inspirações. O Espírito em evolução mergulha nesse mar de vibrações salutares e sua mente se torna uma usina geradora de forças psíquicas positivas, que, por sua vez, materializam-se no conjunto orgânico do encarnado, produzindo a química renovadora para o corpo. Quando a **mente curadora** é ativada, cada célula ativa da máquina carnal passa a se comportar como um cidadão civilizado, educado, honesto, trabalhador e realizado, contribuindo assim para a atividade dos órgãos e enfim para a grande nação a que pertence — o corpo humano. A constituição corporal flui com a abundância natural possível, recondicionando o sistema, curando malefícios e potencializando o

²⁹ Ver em "O LIVRO DOS ESPÍRITOS", Allan Kardec - Questão 919-a.

bem-estar da alma ali enlaçada.

É certo que de acordo com as circunstâncias — por exemplo, com o avançar da idade — a máquina humana já não comporte a renovação de determinadas células ou órgãos, apesar da usina química da mente curadora, o que inviabiliza as curas físicas. Porém, em tais situações, as vibrações mentais constroem para a alma encarnada nesse corpo perecível um envoltório fluídico-magnético tão forte que isola os ocasionais incômodos carnisais do campo das ideias do indivíduo, tal como um analgésico automático e sem efeitos colaterais comuns produzidos pelos medicamentos artificiais.

Portanto, a mente curadora, quando não repara o malefício físico, livra o Espírito do suplício que poderia sofrer dele, especialmente direcionando-o para o quesito maior, que é a certeza da infinitude da vida.

O poder da oração

A mente elevada — nos moldes da mente curadora de que foi falado acima — não pensa simplesmente: ora, vibra em sintonia com a espiritualidade superiora, que então lhe devolve inspirações ainda maiores, pelo que se poderia dizer que sempre recebemos mais do que temos, como para nos guiar para além de onde já estamos.

Obviamente que não falo aqui das rezas e fórmulas — embora admita a utilidade desses mecanismos em determinadas condições, por exemplo, quando para inspirar os homens a elevar o pensamento às coisas do alto, como o Cristo almejou desde que ditou a oração do **Pai Nosso**. A reprodução pura e simples de um jogo de palavras também não deixa de ser uma vibração, um ensaio da perseverança, contudo, de um alcance demasiado ínfimo, praticamente nulo diante das necessidades e especialmente das capacidades dos seres racionais, quando não condiciona o indivíduo à espera de um milagre — que nunca vem, desde que ele não cumpra o que lhe deve para o acontecimento das coisas.

A oração de que falo é aquela que sai do íntimo do ser, aquela que tem o DNA de quem a expressa, que é objetiva e bem direcionada — não apenas nascida na boca e expelida sem rumo. Quando vem da intimidade do indivíduo, de certo modo, ela é indizível, despreocupada com a linguagem, sendo às vezes melhor traduzida por um olhar, um sorriso, um gemido ou uma lágrima, mas carregada de **verdadeira fé** — não de crença, mas fé com conhecimento de causa.

Em lugar dos petítórios banais, peçamos luz, força, coragem e boas

inspirações, para na saúde ou na enfermidade, não perdermos o bom ânimo; para não perdermos o sentido do afeto, sendo reconhecidos ou quando não somos compreendidos; peçamos discernimento, para quando vier a hora de dizer *sim*, podermos dizer *sim*, e dizermos *não*, quando a ocasião assim exigir. E esta nossa oração cruzará os céus, motivando o auxílio dos Espíritos missionários, que então virão sem demora nos secundar na potencialização das nossas virtudes.

A força da vibração musical

E eu não poderia deixar de falar da força da **vibração musical**, que na sua forma mais sublime é um ensaio para as emanações da espiritualidade superiora, pois que os Espíritos evoluídos não se falam simplesmente, mas *sim* musicam, ou seja, fazem música.

A vibração musical — digo aqui da Música sublime, essencialmente composta como expressão dos sentimentos elevados — é a linguagem elevada à enésima potência. Ora, a vibração emitida pela oração íntima e robustecida pelas ondas melódicas é uma emanação de alcance indescritível, que permeia as mais densas camadas fluídicas. E o que é a Música sublime — que no plano espiritual se chama **Harmonia** — senão uma composição à base de uma oração íntima? O compositor elevado em si é um orador que então toma a arte musical como ferramenta e pela qual deseja expressar o que conserva em seu interior³⁰.

Beleza é uma das potências do Cosmos. As artes são então exercícios da beleza e sobretudo a Música é uma das mais extraordinárias expressões de tudo o que é belo, sendo inclusive um dos ofícios da espiritualidade superiora e, portanto, uma das disciplinas para a nossa evolução espiritual.

Então, fiquemos sabendo da força da vibração musical como uma potência terapêutica — hoje explorada até por trabalhos acadêmicos, sob o epíteto de **Musicoterapia**. Assim sendo, temos nessa terapia não apenas recursos especiais para nosso fortalecimento espiritual como ainda um instrumento para a propagação do Espiritismo, em sintonia com o coro da espiritualidade maior — que costumávamos chamar de *coro de anjos dos céus*.

³⁰ Ver em "OBRAS PÓSTUMAS", Allan Kardec - "Música Espírita".

QUARTA PARTE

EPÍLOGO

A Doutrina Espírita foi trazida à Terra num momento crucial para o desenvolvimento da Humanidade, quando a aposta nos valores materiais sobrepunha a lucidez acerca dos valores espirituais — tanto pela ignorância dos indivíduos, quanto pela força avassaladora das opiniões de massa. Os Espíritos invadiram os lares, sedes oficiais, salões sociais e praças públicas escandalizando a razão materialista e denunciando as relações entre a nossa dimensão física com as leis da natureza universal. Os efeitos anímicos e mediúnicos ensejaram que as consciências mais ou menos lúcidas buscassem a iluminação acerca das relações entre terráqueos e os seres espirituais.

Melhor que isso: o Espiritismo codificado pelo venerável Allan Kardec veio assentar entre os homens os alicerces para a nova e maravilhosa disciplina, que bem poderia ser intitulada *Escola da Evolução*.

A nova doutrina nasceu ferindo os sentidos como uma ciência, desabrochou nas mentes como uma filosofia e penetrou nos corações como uma religião, no entanto, sendo todas essas características de uma nova ordem e distinguindo-se dos modelos convencionais: um novo jeito de fazer ciência, de filosofar e de se ligar à natureza divina.

Obviamente, pela sua complexidade, não poderíamos supor que o Espiritismo fosse prontamente aceito e compreendido em toda a sua extensão, até porque, pela sua condição de ciência progressista, não se encerrou na obra do espírita pioneiro — Allan Kardec —, mas, ao contrário, apenas começou. Inspirado foi por entidades elevadas e inspirado é pela espiritualidade superiora, quando praticado dignamente. Todavia, ainda mergulhados instintivamente nas seculares tradições, ainda presos às tendências e limitações fisiológicas, bem como ainda comprometidos com as formalidades sociais, os espíritas das primeiras gerações — nas quais também podemos nos incluir — engatinham no aprendizado doutrinário e longe estão de um modelo perfeito, sendo normal, entretanto, que aqui e acolá personalidades bem mais avançadas

venham ter conosco, tanto para nos servir de inspiração pessoal quanto para contribuir com o desenvolvimento do próprio Espiritismo.

Norteando-se pelas ideias racionais e pelos valores morais do Mestre Jesus, a Doutrina Espírita configura-se como um meio prático e seguro de estudo, pesquisa, experimentação e conduta pessoal em vista do progresso espiritual individual e coletivo.

Em face de arcaicas tradições e primitivos comportamentos, sua disciplina revolucionária confrontou-se em parte com a realidade de então e lançou o convite para uma nova postura de vida, em que os arrastamentos carnis — de efêmero prazer — são sublimados pelas aspirações espirituais — cuja satisfação se reserva para a infinidade dos tempos.

Como resposta para as questões e problemáticas de ordem física e psíquicas, a prática espírita se estabelece no indivíduo não como a exigência imediata da perfeição, mas como o compromisso da constante autorreforma, cada qual se comparando com o que já foi, tendo como guia e modelo imediato a figura do Cristo.

Não mais as liturgias dos cultos externos e os ritos místicos; não mais a pregação amedrontadora e nem as promessas apelativas; não mais as pré-concepções e concepções apaixonadas. Agora, a lógica, a razão e a consciência é quem conduz a nova ordem da nova fé, que então é capaz de encarar a realidade frente a frente, em qualquer tempo e lugar, sem temer ser contestada, pois se assenta nos princípios da verdade, caminhando com a verdade e se emulando para alcançá-la.

A prática espírita diferencia-se dos religiosismos convencionais pela fé raciocinada e pelo espírito de constante aperfeiçoamento. A conduta espírita tem em si própria a exata terapia espírita, que é de autodepuração e solidariedade com a evolução da coletividade humana, que se soma às entidades espirituais na grande fraternidade universal.

O tratamento normal e rotineiro se dá pela substituição da ignorância pelo conhecimento e da imperfeição pela perfeição em tudo que se faz. Para os momentos mais agudos, a terapia espírita mostra-se totalmente eficaz mediante o esclarecimento quanto à utilidade de todas as ocorrências e a sua casualidade (lei de causa e efeito), invariavelmente dentro dos princípios de justiça, bondade e sabedoria de Deus. Não mais a infantil pieguice e a ridícula autocomiseração, mas sim o entendimento da própria responsabilidade e o compromisso de autossuperação.

Ao mesmo tempo em que aponta as raízes daquilo que se entende como mal, a terapia espírita aponta caminhos e ferramentas para a sua cura, ou seja, para a emulação do que é imperfeito para a perfeição.

Baseando-se por esses apontamentos, esta obra propõe reflexões sobre o a prática espírita, nalguns pontos sinalizando os transvios comuns presentes no movimento espírita atual — compreendendo que eles fazem parte do nosso curso evolutivo —, bem como apontando alternativas, conforme a ótica deste autor, que então faz uso de sua liberdade de expressão e roga que suas opiniões não sejam tomadas como ditados, mas na esperança de que sirvam de subsídios para a reflexão dos confrades e, eventualmente, contribuam para o desenvolvimento dessa doutrina maravilhosa — pela iluminação e consolo que nos propicia — que é o **Espiritismo**.

